



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA MARIA VIEIRA DA SILVA**

**“NA INTENÇÃO DOS PENITENTES E DO JUDEU TRAIADOR”:  
DISCUSSÕES ACERCA DA PENITÊNCIA PELA TRAJETÓRIA DAS  
IRMANDADES DA CIDADE DE CEDRO-CE**

**Cajazeiras-PB  
2021**

ANA MARIA VIEIRA DA SILVA

**“NA INTENÇÃO DOS PENITENTES E DO JUDEU TRAIADOR”:  
DISCUSSÕES ACERCA DA PENITÊNCIA PELA TRAJETÓRIA DAS  
IRMANDADES DA CIDADE DE CEDRO-CE**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.

Cajazeiras-PB  
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras – Paraíba

S586n Silva, Ana Maria Vieira da.  
“Na intenção dos penitentes e do Judeu traidor”: discussões acerca da  
penitência pela trajetória das irmandades da cidade de Cedro-CE / Ana Maria  
Vieira da Silva. - Cajazeiras, 2021.  
131f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1 - Penitentes. 2. Religiosidade popular. 3. Identidade. 4. Cultura religiosa.  
5. História cultural. 6. História da religião. 7. Catolicismo popular. I. Ceballos,  
Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 2-78

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

ANA MARIA VIEIRA DA SILVA

**“NA INTENÇÃO DOS PENITENTES E DO JUDEU TRAIADOR”:  
DISCUSSÕES ACERCA DA PENITÊNCIA PELA TRAJETÓRIA DAS  
IRMANDADES DA CIDADE DE CEDRO-CE**

Monografia apresentada e aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Viviane Gomes de Ceballos  
(Orientadora – CFP/UFCG)

---

Profª. Dra. Rosilene Alves de Melo  
(Examinadora Interna – CFP/UFCG)

---

Profª. Ma. Nadja Claudinale da Costa Claudino  
(Examinadora Externa – SEE/PB)

---

Profª. Dra. Ana Rita Uhle  
(Examinadora Suplente – UNILA)

Cajazeiras-PB  
2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Divino, em todas as suas formas, pela proteção e providência. A Nossa Senhora, em todas as suas nomenclaturas, primeiro sagrado feminino que conheci e mulher que admirei, por ter com seu manto me feito invisível tantas vezes aos olhos de quem me queria o mal.

À família que nasci. Minha mãe Ivanete Bernardino, por todo o amor e dedicação, por acreditar em mim, por sonhar comigo, por ser o maior exemplo de força e coragem que tenho, por ser meu abrigo e não ter desistido de mim mesmo com todas as dificuldades que a vida lhe apresentou. A minha avó, Expedita Ferreira, que junto a minha mãe me criou, me deu educação, amor e de quem herdei toda a minha teimosia.

Ao meu Tio Ivanildo Bernardino e ao meu Primo Vinicius Barreto, que mesmo na distância foram presentes nesta minha caminhada, abençoando-me e emanando positivas energias. À Edite Caetano, com quem aprendi a cuidar com carinho e respeito dos que convivem comigo, e, José Germano, que sempre incentivou os meus estudos, me ensinou os poucos passos de bolero que sei, de quem herdei o bom gosto para a música e a paixão pela política. Meus padrinhos, que juntos fizeram da minha infância a melhor que eu poderia ter.

À família Rolim Dantas, que me “adotou” e me possibilitou continuar realizando este sonho; que me devolveu o chão que havia perdido em um dos momentos mais difíceis desta caminhada. Em especial, a professora de História aposentada e agora minha mãe número 3, Margarida Rolim, por todo cuidado e carinho com que sempre me tratou. Rodrigo Dantas, o primeiro a me acolher, amigo generoso, confidente, que oscila entre as posições de irmão mais novo, primo, tio e sobrinho, sem nunca sair do lugar do amor. E, também, a professora Dra. Nozângela Rolim, que ocupando lugar inédito na minha vida, tornou-se minha irmã mais velha, sempre me aconselhando e sendo meu “lugar” de afeto.

À família do Mestre Dão, que foi meu suporte na cidade de Cedro, concedendo-me base, apoio e carinho. Em especial, Ioneide Ferreira (*in memória*), que me chamando para sentar na calçada em uma noite de sexta-feira da paixão me fez conhecer os personagens desta Pesquisa e, a Reryson Duan, meu amigo, companheiro de aventuras, ajudante de Pesquisa, parceiro de vida e amor.

Aos meus pets, que fazendo-me sorrir todos os dias e virando as madrugadas comigo, diminuíram minhas crises de ansiedade, deixando tudo mais leve.

Às mulheres da minha vida, Maria Assis, Jayane Alves, Karla Roberta, Lilian Bezerra, Nadja Claudino e Janái Érica, onde busco inspiração e encorajamento, onde tenho escuta e acolhimento livre de julgamentos.

Aos colaboradores desta pesquisa, que abriram as portas de suas casas, permitindo-me compartilhar e vivenciar suas experiências, atividades e cotidiano. Pela confiança, cuidado e credibilidade que a mim direcionaram durante toda esta caminhada. Em destaque, seu José Clemente da Silva, o primeiro que acreditou e confiou na Pesquisa desta jovem aspirante a historiadora.

Aos meus colegas da Turma de ingressantes 2015.1, que compartilhando as experiências, vivências e conhecimentos, contribuíram de forma direta na minha evolução humana e acadêmica. E, aqueles que de colegas tornaram-se amigos que levarei por toda a minha vida, que cultivo carinho e gratidão e sei que posso contar sempre. Pelos conselhos, disponibilidade, afeto e dedicação: Samuel Monteiro, Douglas Queiroz e João Kaio.

Aos professores e todos que fazem o Curso de História do CFP, em especial Viviane Gomes de Ceballos, pela orientação deste trabalho e pela paciência comigo; Rosilene Melo por estimular os primeiros passos desta pesquisa; Lucinete Fortunato que como professora das disciplinas de projeto, acompanhou a construção e evolução deste; a Ana Rita Uhle, Israel Soares, Rodrigo Ceballos e Mariana Moreira, por me incentivarem a ser o melhor que eu conseguir, por todos os exemplos de profissionalismo e amor à Educação.

Aos que mantem à Instituição de “pé” e que fazem do Campus de Cajazeiras-PB ser o que é. Profissionais da Cantina, do Restaurante Universitário (RU), da Assistência Estudantil, da limpeza, da xerox, da manutenção, do administrativo, das secretarias. Com carinho especial, Luzimar de Moura e Grazielle (nossa Zizi).

Aos da estrada, que literalmente cruzaram o meu caminho tantas vezes, ajudando-me a chegar à UFCG quando os transportes universitários faltavam. Aos caminhoneiros, aos motoqueiros, aos motoristas que me concederam caronas e os que trabalham com transporte, aos que nem sei o nome, aos que passaram e principalmente os que ficaram: Luiz Carlos, Guilherme Galdino, João Pereira e João Paulo.

E, por fim, aos Programas de Assistência Social. Ao Bolsa Família, que foi por muito tempo a única renda que minha mãe tinha para comprar os meus materiais escolares; ao REUNI e as bolsas de monitoria que me ajudaram no sustento durante os anos de Graduação. Aos projetos de ampliação de vagas ao ensino superior, as cotas, aos que acreditam que o saber é o caminho que transforma. A Fernando Haddad, Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva e a década que mais se investiu em Educação e dignidade neste país.

Dedico este trabalho a todos os grupos, práticas, saberes e vivências populares que sucumbiram com o tempo, que foram marginalizados, esquecidos e junto a estes, seus produtores, que mesmo cheios de sabedoria e conhecimentos, ficaram – por muito tempo – fora dos discursos e da História produzida.



## RESUMO

Este trabalho se desenvolveu dentro da perspectiva da História Cultural, na ramificação da História da Religião, mais especificamente o Catolicismo Popular. Tem como colaboradores e agentes das ações estudadas, os penitentes da cidade de Cedro, localizada na região Centro-sul do Estado do Ceará. Seu objetivo foi compreender a partir da trajetória e das vivências da irmandade, a religiosidade popular como base da construção da identidade e das relações sociais e pessoais, assim como sua pluralidade, ressignificações e implicações relevantes para as produções historiográficas atuais. Utilizamos como metodologia a História Oral, por meio de entrevistas e observação de campo, em diálogo com a pesquisa bibliográfica sobre o tema e os respectivos eixos relacionados à proposta deste trabalho.

**Palavras-chave:** Penitentes; religiosidade popular; identidade; Cultura.

## **ABSTRACT**

This work is developed within the perspective of Cultural History, in the branch of the history of religion, more specifically popular Catholicism. Its collaborators and agentes of the studied actions are the penitents of the city of Cedro, located in the Center-South region of the State of Ceará. Its objective is to understand, from the trajectory and experiences of the brotherhood, popular religiosity as the basis for the construction of identity and social and personal relations, as well as its plurality, reinterpretations and relevant implications for current historiographic production. We used oral history as a methodology, through interviews and field observation, in conversation with the bibliographic research of works on the theme and themes related to this.

**Keywords:** Penitents; popular religiosity; identity; Culture.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Estação da cidade de Cedro-CE, no ano de 1957;
- Figura 2 A antiga estação, atual museu da cidade. Área externa, 2021;
- Figura 3 Área interna do museu no dia de sua inauguração, no ano de 2016;
- Figura 4 Mapa do Ceará;
- Figura 5 Cidade de Cedro, 2021;
- Figura 6 Oratório de um Penitente. Junto as imagens de santos e da cruz, a foto de sua esposa falecida;
- Figura 7 Altar montado para culto domiciliar, 2018;
- Figura 8 Soldados da Idade Média;
- Figura 9 Penitentes do Cedro em frente à Igreja Matriz da cidade, após a participação na procissão do círio;
- Figura 10 Folha de rosto do livro Missão Abreviada;
- Figura 11 O cacho de disciplina. Chicote de couro com lâminas de metal na ponta, usado para o autoflagelo;
- Figura 12 Casa de uma devota em dia de encontro para oração do terço, 2018;
- Figura 13 Mendicância itinerante pelas ruas da cidade de Cedro, 2018;
- Figura 14 Procissão do Círio, 2018;
- Figura 15 Boneco Gigante de penitente na Festa de Santo Antônio em Barbalha;
- Figura 16 Cartaz de divulgação da Festa de Santo Antônio, no ano de 2003, com penitentes do Sítio Cabeceiras;
- Figura 17 Cartão Postal produzido pela Prefeitura Municipal de Barbalha, 2005;
- Figura 18 Imagem disponibilizada e enviada por e-mail, pela secretaria de cultura da cidade de Cedro, em 18 de dezembro de 2020.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. PROFESSANDO A FÉ, CULTIVANDO MEMÓRIAS E PRODUZINDO HISTÓRIAS</b> .....	17
2.1 MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADE POPULAR VIVENCIADAS NA CIDADE DE CEDRO .....	22
2.2 NO IMAGINÁRIO E NA HISTORIOGRAFIA: A PENITÊNCIA E A IRMANDADE DE PENITENTES .....	27
<b>3. ATUAÇÃO E RELAÇÕES DA IRMANDADE DE PENITENTES EM CEDRO (CE)</b> .....	34
3.1 PLURALIDADE E IDENTIDADE .....	34
3.2 O SERVIÇO À COMUNIDADE E AS RELAÇÕES DE TROCA E MANUTENÇÃO .....	38
3.3 “O DESTINO É SE ACABAR”: ENTRE O MEDO DO FIM E UMA ESPERANÇA DE RENOVAÇÃO .....	44
<b>4. A CULTURA COMO REFÚGIO: DISCUSSÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS GRUPOS POPULARES</b> .....	51
4.1 DE BARBALHA À CEDRO, A RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO MUNICIPAL .....	51
4.2 A PATRIMONIALIZAÇÃO E O DEBATE SOBRE AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DAS AÇÕES DE SALVAGUARDA .....	56
4.3 RESSIGNIFICAR, EXIBIR E RESISTIR .....	59
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	64
<b>ANEXOS</b> .....	67

## 1. INTRODUÇÃO

Sentada na calçada em uma noite de sexta-feira da paixão na cidade de Cedro (região centro-sul do Estado do Ceará), me coloquei a observar quatro senhores que, trajados com vestimentas com pinturas de cruz, entoando cânticos, desciam as ruas recebendo dos moradores doações em alimentos. Ao ver esta cena, lembrei-me que quando era criança ouvia dos “mais velhos” nas rotineiras rodas de conversa no terreiro de casa, sobre grupos muito frequentes nas quaresmas e semanas santas de outrora que já há muito não se via. Eram os Penitentes.

Quando chegaram aonde eu estava, fui em direção ao líder do grupo para saber um pouco mais de suas práticas. Na breve conversa, o mesmo relatou as dificuldades de seguir com o grupo, chegando a prever o seu fim, como já ocorrido com outros grupos da localidade. O encontro despertou as narrativas guardadas em minhas memórias, aguçando os sentidos da então jovem aspirante a Historiadora e o que era apenas uma curiosidade de menina, voltou de forma madura, acadêmica e com aspecto problematizador.

A pesquisa desenvolveu-se dentro do campo da História cultural, “[...] particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento” (BARROS, 2003, p. 1), sendo uma dessas – como já tratou Pesavento (2005, p. 118) – “[...] trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares.”

Portanto, construí este trabalho com o objetivo de identificar, a partir da trajetória e das vivências dos Penitentes de Cedro, as implicações que este movimento contribui para as produções historiográficas do tempo presente, reconhecendo a religiosidade popular como base da construção das identidades e das relações sociais e pessoais, avaliando os acontecimentos que levaram a resignificação ou mesmo o fim de práticas e ritos, compreendendo as ações responsáveis pela perpetuação da tradição e a resistência dos grupos que se mantêm.

Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os processos. Por fim, a ‘matéria prima’ cultural propriamente dita (os padrões que estão por trás de objetos culturais produzidos): as ‘visões de mundo’, os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os indivíduos, os ‘modos de vida’ relacionados aos vários grupos sociais, as concepções relativas a estes vários grupos sociais, as idéias disseminadas através de correntes e movimentos de diversos tipos (BARROS, 2003, p. 4).

Busquei, ao longo de toda a produção, contextualizar as vivências dos agentes com acontecimentos históricos importantes, proporcionando uma conversa entre suas memórias e as produções historiográficas, assim como da realidade dos grupos cedrenses para com outros grupos – da mesma categoria – de outras localidades. Utilizei como metodologia a pesquisa bibliográfica de trabalhos sobre as irmandades de penitentes e temáticas relacionadas, como também a história oral, com a efetuação de entrevistas e observação de campo das práticas.

O debate sobre a história oral possibilita reflexões sobre o registro dos feitos na voz dos próprios protagonistas. Utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais (FREITAS, 2006, p. 15).

Ao todo foram sete entrevistados, sendo quatro destes penitentes: José Clemente da Silva, João Inocêncio da Silva, Francisco das Chagas Barbosa dos Santos e Edivan dos Santos Oliveira. O Pároco da Igreja Matriz de São João Batista da Cidade de Cedro-CE: Padre Ademar Alves, e a secretária de cultura deste município: Thatyana Kayrone Marinheiro da Silva. E ainda, o fotógrafo/pesquisador Guy Benchimol de Veloso.

Delimitando o espaço de atuação, no primeiro capítulo apresentei a cidade de Cedro, o contexto em que ela surge, sua localização geográfica e o que isso implicou em seu desenvolvimento de modo geral. Para tanto, utilizei textos – acadêmico e literário – escritos por mulheres cedrenses.

Foi discutido as manifestações de religiosidade popular que encontrei neste espaço, mais especificamente ritos e crenças que – direta ou indiretamente – estão ligadas às atividades promovidas pelos penitentes, atentando para como aparecem na historiografia e na história do catolicismo no Brasil e ainda neste contexto, a trajetória da Ordem de penitentes, suas características, eventos importantes que a impactaram, discursos acadêmicos e do imaginário popular.

No segundo capítulo, trabalhei com base nas entrevistas<sup>1</sup> que foram concedidas, as atividades que os agentes realizam e que presenciei no momento do estudo de campo. A relação da irmandade com a comunidade e as problemáticas apresentadas por eles, como: a decadência na procura dos serviços, a escassez de membros, o abandono de algumas práticas e a possibilidade do fim para os grupos, mas também: a manutenção da tradição, a

---

<sup>1</sup> É importante mencionar que os trechos das entrevistas que ficaram no corpo do texto compreendem-se entre aspas e as falas da autora encontram-se em primeira pessoa do singular devido a interação direta que esta manteve com o recorte espacial e com os próprios entrevistados.

perpetuação de ritos, as ressignificações e a esperança de renovação do movimento. Discuti o conceito de identidade, poder simbólico, táticas e estratégias de resistência.

O terceiro capítulo, está direcionado para as discussões no âmbito cultural, da noção de patrimônio imaterial, das políticas de valorização e preservação das práticas dos grupos populares. As vantagens e desvantagens da interferência do poder municipal nas atividades das irmandades, ressignificação, pertencimento, perpetuação. Todos estes pontos apareceram muito recentemente, já no fim da pesquisa. Não era por esta linha de pensamento que acreditava que seguiria, no entanto, trabalhar com oralidade e tempo presente é deixar-se conduzir pelos verdadeiros produtores da história.

Este trabalho foi perpassado por acontecimentos inimagináveis, que trouxeram consigo novos obstáculos, novos debates, situações que impactaram de forma direta o seu andamento. O foco da pesquisa foi redirecionado – muitas vezes –, assim como as perspectivas, as escolhas, as “certezas”, as formas de fazer. Sem deixar de lado o que fora projetado e abraçando as demandas que apresentaram-se no desenvolvimento do trabalho; busquei percorrer os caminhos que os penitentes da cidade de Cedro-CE narraram para mim, visitar os lugares de memórias, vivenciar – ainda que no lugar de observador – as suas práticas e com muito respeito, apresentar sua trajetória.

Há quem diga ser de açúcar,  
que chega a mil os seus encantos,  
que há uma história em cada canto e feitiço em seu luar.  
Não é difícil encontrar quem conte com orgulho dos seus feitos,  
do progresso, dos enredos, do seu nascer e caminhar.  
E caminhando encontrei o que não procurava,  
a lua clareou e de longe avistava,  
em um dos seus cantos, um conto, uma história a ser contada.  
Contada?  
Tecida?  
Escutada!  
Ampliada a quem mais quiser saber,  
para não permitir morrer a cultura e tradição,  
as vivências do sertão, as conversas da calçada,  
a resistência, as crenças e falas de quem pisa nesse chão. (SILVA, 2019).



## 2. PROFESSANDO A FÉ, CULTIVANDO MEMÓRIAS E PRODUZINDO HISTÓRIAS

Localizada na região Centro-Sul do Estado do Ceará, a cidade de Cedro possui uma área territorial de 729,970 km<sup>2</sup> e uma população de aproximadamente 25.585 habitantes<sup>2</sup>.

Hoje, imponente como a árvore da qual leva o nome, nasceu fazenda e foi conquistando seu desenvolvimento tendo grande salto no ano de 1915, quando agraciada pela construção de uma estrada de ferro que visava facilitar o comércio entre as cidades de Fortaleza – Capital do Estado do Ceará – e Crato – cidade da região do Cariri cearense. No dia da inauguração do modal ferroviário no ano de 1916, a fazenda foi elevada a categoria de vila e quatro anos depois, no dia 21 de outubro, conquistou sua emancipação política.

Em entrevista a Costa (2015), o ex-prefeito (2012-2020) da cidade relata que:

a RFFSA<sup>3</sup>, trouxe tudo, todas as nossas características, a formação, trouxe um ciclo econômico pra cá, muitos ferroviários se instalaram para formar essas estruturas de apoio, e o Cedro passou a ser, aquela cidade que tudo vinha pra cá pra transportar pra Fortaleza [...] logo isso deu uma explosão de crescimento, e era o melhor transporte que existia (COSTA, 2015, p. 14).

O referido transporte fez muito mais que “simplesmente” fortalecer alianças comerciais, ele foi peça fundamental na construção da identidade do povo cedrense, pois trouxe consigo as experiências de cada ferroviário que nele trabalhou e um pouco dos seus lugares de origem. Permitiu o compartilhamento de histórias entre passageiros, nos encontros a cada embarque e desembarque, e, assim, pedacinho por pedacinho, como uma “colcha de retalhos”, foi tecendo tudo que há neste espaço. A plataforma da estação foi palco de muitas trocas, sorrisos, sustento, vivências e não à toa, inativa para suas funções primárias, se tornou o Museu da cidade.

---

<sup>2</sup> Informações colhidas no site do IBGE. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/cedro.html>. Acesso em: 07 de março de 2021.

<sup>3</sup> Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, responsável pela referida linha de transporte. Fonte: <https://www.badalo.com.br/cariri/conheca-a-historia-do-sonho-azul-da-rffsa-que-fazia-a-rota-de-crato-a-fortaleza/>.



Figura 1: Estação da cidade de Cedro-CE, no ano de 1957.

Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XVI, IBGE, 1959.



Figura 2: A antiga estação, atual museu da cidade. Área externa, 2021.

Fonte: Acervo Pessoal da autora.



Figura 3: Área interna do museu no dia de sua inauguração, no ano de 2016.

Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/cedro-restaura-e-inaugura-estacao-centenaria-1.1654052>.

Segundo as crenças populares dos moradores, o nascimento da cidade está relacionado, ainda, a uma profecia do “grande” Padre Cicero Romão Batista<sup>4</sup>, feita em uma de suas passagens pela então fazenda Cedro, observando do alpendre da casa do anfitrião, todo aquele espaço. Esse momento é contado pelos habitantes com muito respeito e orgulho, como tive por várias vezes o prazer de escutar, tanto nos estudos de campo como despretensiosamente pelo convívio na cidade, e vai desde as conversas informais aos enredos de poesias. "Este lugar acolheu Padre Cícero, o venerável, foi um momento agradável e a sua bênção valeu. Disse com sinceridade: Cedro será uma cidade e o milagre aconteceu" (MOURA, 2016).

Podemos perceber que a região do Cariri e a cidade do Cedro têm suas histórias cruzadas, com grande influência da primeira sobre a segunda. A referida região é considerada o caldeirão da cultura popular do Estado do Ceará – em destaque os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha – e contribuiu de forma direta no desenvolvimento, na economia e, também, nos costumes, na religiosidade e nas manifestações culturais da cidade em questão. Portanto, para a elaboração deste trabalho e para a contextualização de eventos importantes que serão apresentados no seu decorrer, foi necessário, cruzar os trilhos, passear entre as regiões e ter sempre o borbulhar do caldeirão como referência.

Além dos trilhos do trem, da presença de personagens influentes, a própria geografia aproxima esses lugares de tal modo a confundir os seus limites, o que facilitou, e muito, todas as trocas, relações e ligações. Para melhor visualizar, facilitar a identificação desses espaços e entender tal proximidade, contei com a ajuda do mapa do Ceará (figura 4).

A região do Cariri está em cinza e a região Centro-Sul na cor rosa (mais escuro). É possível observar o quanto a cidade do Cedro está “envolvida” e rodeada pelo cinza.

---

<sup>4</sup> Nascido em 1844 na cidade do Crato, ordenado em 1870, viveu grande parte da sua vida na região do cariri cearense, construiu seu legado na cidade do Juazeiro do Norte onde faleceu em 1934. Além de suas funções religiosas foi de grande influência também no cenário político e econômico. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=padre+cicero&rlz=1C1GCEA\\_enBR912BR912&oq=padre+cicero&aqs=chrome..69i57j46i433j018.2518j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=padre+cicero&rlz=1C1GCEA_enBR912BR912&oq=padre+cicero&aqs=chrome..69i57j46i433j018.2518j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 07 de mar. 2021.

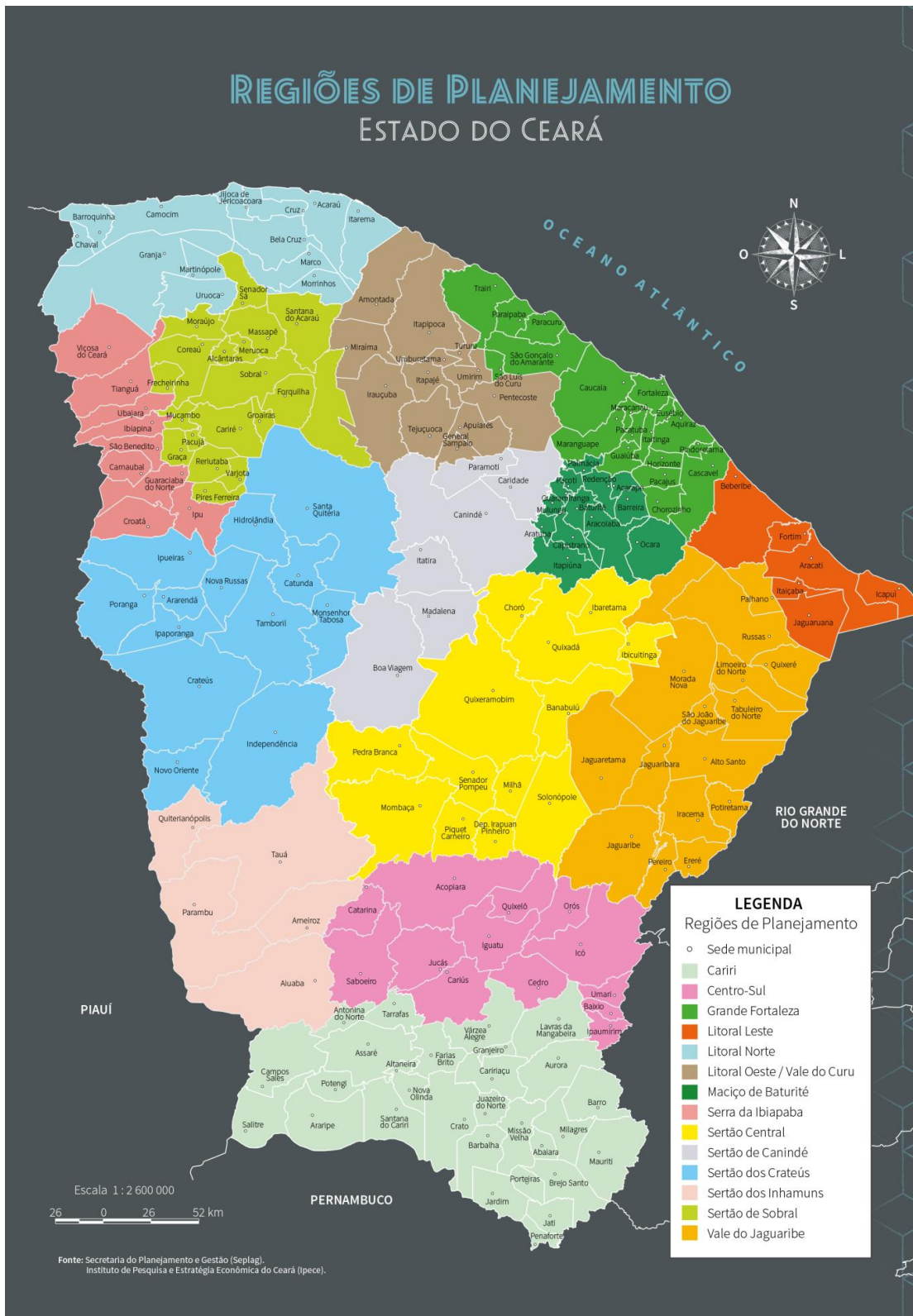


Figura 4: Mapa do Ceará.

Fonte: [anuariodoceara.com.br/regioes-de-planejamento-do-estado-do-ceara/](http://anuariodoceara.com.br/regioes-de-planejamento-do-estado-do-ceara/).

A cidade do Cedro tem como principais atrações culturais a Festa do Chitão<sup>5</sup>, Semana do Município, ExpoCedro (exposição agropecuária) e os festejos ao padroeiro São João Batista. O louvor ao santo é a maior dentre todas as manifestações religiosas da cidade, que apesar de contar com a presença de muitas igrejas protestantes, tem ainda a Igreja Católica em lugar de destaque, com a maioria dos fiéis e conseqüentemente com grande influencia nas relações que se dão pela cidade.

De povo acolhedor, orgulhoso de sua terra, alegre, forrozeiro e artista, o Cedrinho de Açúcar – como é chamado com carinho pelos seus habitantes – é berço de grandes poetas, cantores e músicos, mas, foi a fé e as formas que esta é vivenciada que chamou minha atenção.

O catolicismo é vivenciado com muito fervor e me refiro não apenas aos ritos clássicos, dos eventos da paróquia e das agendas da diocese. Falo de um catolicismo característico de cidades pequenas do interior, do sertão, um catolicismo devocional, que está dentro das casas, na relação diária com o sagrado, independente da mediação de agentes institucionalizados. Falo daquilo que é conhecido por religiosidade popular.

Segundo Tavares, o catolicismo chega ao Brasil de duas formas:

A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político na colônia. Conhecido como catolicismo patriarcal, ele é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa, em outras palavras, pela relação de troca entre a Igreja e o Estado – regime de padroado. [...] A segunda forma de catolicismo, conhecida por catolicismo popular tradicional, chega ao país através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribilizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiço (TAVARES, 2013, p. 36).

O Brasil de 1530, de gigantesca extensão territorial, pouco explorado, de precárias instalações, de aldeamentos quase que totalmente isolados, sem estrutura, comunicação ou planos claros de organização, deu uma vantagem ao catolicismo popular tradicional sobre o catolicismo patriarcal: a autonomia.

As características apresentadas fizeram com que os centros religiosos oficializados permanecessem por muito tempo distantes do povo<sup>6</sup>. Sem a presença física da igreja e de seus

---

<sup>5</sup> A festividade acontece entre o final do mês de junho e começo do mês de julho. O evento conta com apresentações de bandas locais, mas principalmente com atrações reconhecidas regional e nacionalmente. Foi idealizada no ano de 1946, por um comerciante de tecidos com o intuito de vender cortes de chita. Para entrar na festa era obrigatório que a roupa fosse feita do referido tecido, que acabou dando nome ao evento. Fonte: <https://s7mecaonica.wixsite.com/historiadocedro/single-post/2015/04/06/festas-tradicionais-da-cidade-de-cedrocear%C3%A1-parte-2>.

<sup>6</sup> Eduardo Hoornaert disserta com clareza, em A igreja no Brasil-colônia (1550-1800) essas condições.

sacerdotes institucionalizados, tendo apenas ordens e orientações enviadas por mensageiros e algumas raras visitas sacerdotais como tentativa ineficaz de pastoril nas comunidades, ficava a cargo destas mesmas o cultivo da fé, que fizeram cada qual a sua maneira, repassando instruções, orações e ritos, os imbuindo de elementos do cotidiano, fazendo surgir uma imensidão de práticas, manifestações, grupos, crenças e tradições que, como veremos a seguir, partindo das realidades encontradas e observadas em Cedro, são experimentadas ainda em nossos dias.

Mas antes, é importante salientar que não estou tratando aqui de duas religiões opostas, o que se tem é o catolicismo interpretado e vivenciado de formas diferentes. Cada um de nós compreende o mundo e os acontecimentos partindo do nosso próprio lugar social, das nossas realidades e experiências, tudo isso é o que irá diferenciar essa mesma igreja, os seus ensinamentos e símbolos.

## 2.1 MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADE POPULAR VIVENCIADAS NA CIDADE DE CEDRO

A expressão de maior relevância na religiosidade popular que desencadeia e sustenta quase todas as manifestações do sagrado, é a devoção aos santos. Para o catolicismo clássico são modelos do bem viver, que por honrar a Deus ganham o céu após suas mortes e aprovados no complexo e rígido processo de canonização, são reconhecidos oficialmente pela igreja – com destaque e glória.

Na religiosidade popular aparecem bem mais próximos, em uma relação de identificação, principalmente com aqueles cuja história de vida é de grande sofrimento, como se fossem espelhos refletindo as dores e angústias dos próprios devotos, que se afeiçoam. O Padre Murilo de Sá Barreto, no ano de 1999, enquanto pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores, do Juazeiro do Norte-CE, em entrevista concedida a pesquisadora Anna Christina Farias de Carvalho, assim compreende:

O povo se ajoelha com muito mais amor diante do Senhor Morto, onde se identifica sua dor, que diante do Cristo ressuscitado. Por quê? Porque no processo da religiosidade popular, há uma identificação de emoções, de sentimentos, de vivência, chamadas existenciais da pessoa humana (CARVALHO, 2005, p. 107).

Além da identificação e afeição, essa relação se sustenta por um terceiro pilar: a intimidade. O santo está presente no cotidiano, as imagens creditadas como a própria pessoa do santo estão dentro da casa dos devotos, nos quartos em seus oratórios, nas capelinhas ou

mesmo em um cantinho preparado com carinho na estante, nos quadros pendurados na parede ao lado das fotos da família, capazes de observar tudo o que acontece.

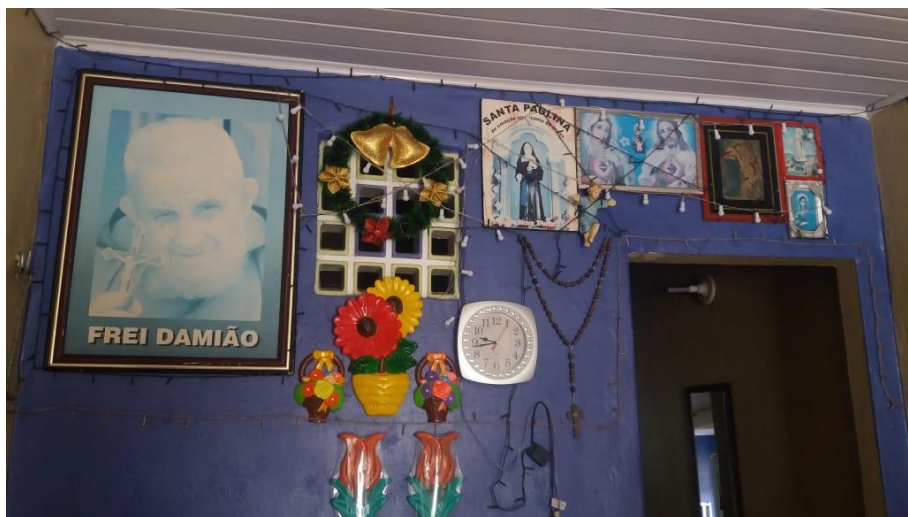


Figura 5: Cidade de Cedro, 2021.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 6: Oratório de um Penitente. Junto as imagens de santos e da cruz, a foto de sua esposa falecida. 2021.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Boa parte das casas da cidade a que tive acesso, assim como muitas das casas do interior, são como altares, que estão sempre montados a espera do culto. Isso porque, por muito tempo, foram o único altar possível para essas pessoas. Na falta de centros religiosos oficiais como igrejas e capelas, pelo que já apresentei aqui, as portas das residências se abriam

para acolher aqueles que desejavam participar dos cultos domésticos, uma das primeiras práticas a se firmar na religiosidade popular e que continua acontecendo ainda em nossos dias, como nos conta o pároco da Igreja Matriz de São João Batista da cidade de Cedro-CE.

A igreja nasceu assim, ela se expandiu a partir das casas das famílias, não existia igreja, templos de tijolos como hoje existem, catedrais, basílicas, não! Onde eram as igrejas? As casas das famílias, ali eles se reuniam pra fra... pra a escuta da palavra e pra fração do pão. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. DE 2020).

No estudo de campo, acompanhando tais eventos, pude observar que os ritos domiciliares – novenas<sup>7</sup>, ladainhas<sup>8</sup>, consagrações<sup>9</sup>, entre outras – se dão tanto em situações difíceis como sentinelas aos doentes, velórios ou aniversários de morte, como em momentos de celebração de datas especiais do calendário pessoal: aniversários de nascimento ou casamento, e do calendário religioso com as festas dos santos de devoção. Há ainda os cultos em agradecimento aos pedidos atendidos, que foram tramitados em um sistema de troca: a promessa.

A promessa é um acordo que se faz com o santo para ter sua intercessão e proteção em uma graça que deseja alcançar. Quanto maior a urgência e mais difícil o milagre, maior a recompensa. Na grande maioria dos casos, os pedidos são para restauração da saúde. Quem nasce e cresce dentro deste cenário de vivências da religiosidade popular, aprende desde cedo que a promessa é um pacto sério, que depois de selado não se desfaz nem mesmo com a morte. Se o promesseiro – quem faz a promessa – por algum motivo morre sem cumpri-la, sua alma não terá descanso até que seja feita por algum membro da família ou mesmo da própria comunidade.

Sobre isso, Carvalho descreve que:

O não cumprimento da promessa acarreta a certeza da punição divina para o devoto. Neste sentido, é indiscutível a crença na punição divina até para os mortos, ou seja, um promesseiro que antes de cumprir a promessa tenha falecido não fica desobrigado da promessa. No imaginário dos devotos, se ele não avisou a um parente ou amigo próximo de sua obrigação para com o santo, pode “aparecer” em sonho a um parente ou amigo pedindo o cumprimento da promessa, sem o qual não poderá salvar-se (CARVALHO, 2007, p. 73).

<sup>7</sup> Encontros de nove dias consecutivos para realização de orações, geralmente o santo terço.

<sup>8</sup> Longa oração que consiste em pedidos, agradecimentos e exaltação a um Santo específico.

<sup>9</sup> Pacto ou voto de entrega da família a um santo de devoção, sendo o mais recorrente o Sagrado Coração de Jesus.



Com base na afeição, identificação e intimidade, com o santo se conversa, se pede conselhos, se enfeita, mas também se pune, quando os pedidos não são atendidos, exemplo disso é a prática de pendurar a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo para conseguir um matrimônio<sup>10</sup>. É o sistema de troca e não há blasfêmia nesse caso, somente acordos que a própria intimidade permite selar.

Num movimento ambíguo – como ambígua é a cultura popular –, afetivização e detração se aproximavam muitas vezes: o santo que se venera, que se adora, com quem se trocam confidências é também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma-lá-dá-cá, pode-se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação (SOUZA, 1986, p. 156).

Existe ainda um processo chamado de santificação popular, em que as próprias pessoas/comunidades nomeiam seus santos, sem a necessidade de aprovação da Igreja por meio da canonização. Geralmente os veneráveis são pessoas das próprias comunidades que tiveram uma vida e/ou uma morte sofrida, dolorosa, como também sacerdotes que desempenharam papéis importantes, assistenciais e que ainda em vida conseguiram convencer a opinião pública de suas funções até mesmo proféticas, como no caso do já citado Padre Cicero Romão Batista.



Figura 7: Altar montado para culto domiciliar, 2018.  
Fonte: Acervo Pessoal da autora.

<sup>10</sup> Santo Antônio é conhecido como o santo casamenteiro. Na cultura popular há o costume de “castigar” sua imagem para apressar ou arrumar matrimônio. Na cidade de Barbalha-CE onde o santo é padroeiro, há o costume de descascar o pau da bandeira da festa para fazer cozimentos e chás na esperança de alcançar tal feito. <https://www.youtube.com/watch?v=DV5M3rPGOL0>.

Não há distinção no tratamento entre santos canonizados ou não canonizados, a relação é a mesma, com exceção da Virgem Maria. Por ser a mãe de Deus, Nossa Senhora – em todas as suas nomenclaturas – tem grande destaque dentro da religiosidade popular. A ela são destinados os cultos mais elaborados, as devoções mais fervorosas, a maioria dos cânticos e os benditos mais belos.

Uma das únicas divindades que é celebrada todos os meses do ano, que tem o seu terço e ofício como atividades diárias para muitos. As características atribuídas à maternidade são refletidas na figura de Maria, a ternura consola os que sofrem, a compaixão é o socorro dos que precisam, a autoridade de mãe lhe faz poderosa intercessora diante do Cristo, a piedade é o alívio na hora da morte e o amor a esperança de salvação.

Ainda sobre as reuniões domiciliares, além da comunicação com o sagrado, elas auxiliam no fortalecimento dos vínculos fraternais da comunidade. As rodas de conversa que prevalecem depois de cada um é o momento de dividir as experiências e aprendizados, de contar histórias, sorrir e transformar o que até então era altar – a casa do anfitrião – em espaço de socialização, diversão e partilha, em que é oferecido desde um cafezinho até, em algumas ocasiões, grandes festas e banquetes, preparados e ofertados com muita alegria, principalmente aos animadores do encontro.

Todos esses animadores são leigos que assumem esse papel não por escolha ou imposição do poder eclesiástico, mas por escolha espontânea da própria população local. Neste contexto as Irmandades têm muita importância, pois são fundadas para funcionar como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social (BOSCHI, 1986 apud TAVARES, 2013, p. 41)

As irmandades são grupos de pessoas que possuem uma visão de mundo em comum, creem nas mesmas coisas, nutrem o sentimento de fraternidade e unidade, que pela fé se reconhecem filhos de um mesmo pai, obedecem a regras de comportamento e convivência, e como dito, atuam com autoridade tanto em questões religiosas quanto sociais, pois na crença de tais comunidades não há separação entre o terreno e o divino, tudo se aplica e se explica como benção ou castigo. E, se o campo do sagrado for insultado, os castigos podem vir em secas, enchentes, doenças ou guerras, atingindo todo o coletivo.

Em Cedro, a irmandade que desempenha esses papéis e que me permitiu compreender um pouco desta religiosidade e de como estas manifestações se dão e se mantêm, por meio de observação e estudo de sua trajetória, foi a irmandade dos Penitentes.

Atualmente o município conta com aproximadamente 28 penitentes em atividade. Não há grupos bem definidos, os agentes transitam e organizam-se a partir das demandas que são apresentadas para eles. Mas, ainda assim, consegui – para melhor efetuação da pesquisa e coleta de dados – organizá-los em três blocos, de acordo com as localidades que habitam.

São dois destes na sede, zona urbana e o outro, na zona rural, que conta com integrantes de duas comunidades, que são: Santo Antônio e Vaca Morta<sup>11</sup>. Trabalhamos com dois deles, um da zona urbana – o primeiro que tivemos contato e que despertou a curiosidade para as práticas – e o outro das comunidades rurais – que chamou a atenção já no final da pesquisa, por apresentar um fato novo e indispensável na compreensão das posições que as irmandades ocupam no cenário atual de produções sobre o tema.

## 2.2 NO IMAGINÁRIO E NA HISTORIOGRAFIA: A PENITÊNCIA E A IRMANDADE DE PENITENTES

As primeiras características descritivas que tive acesso a respeito do que eram os penitentes, chegaram a mim de forma oral, contadas pela minha avó, enquanto eu ainda era uma criança. Falavam de homens que saíam pela madrugada entoando cânticos à procura de cemitérios e cruzeiros para praticarem autoflagelo, que cobriam seus rostos e mantinham suas identidades em segredo, aonde nem mesmo a família tinha conhecimento de suas práticas. Com base em seus estudos e pesquisa realizada com grupos existentes nas cidades de Barbalha e Juazeiro do Norte, Carvalho definiu que os:

penitentes são irmandades (de leigos não oficializadas) que se penitenciam com vistas à salvação individual e coletiva, autoinfligindo castigos corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, dança votiva, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas rituais); obedecem a um líder espiritual (Mestre, Decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo – a salvação pela mortificação corporal e/ou espiritual (CARVALHO, 2005, p. 14-15).

As bases desses grupos estão firmes na religiosidade da Idade Média, cheia de sincretismo, apego as tradições, velhos costumes e sem consciência ou entendimento profundo dos significados dos dogmas e sacramentos da Igreja. Além de ser base da crença e dos ritos, o imagético também está carregado de elementos que assemelham-se muito aos soldados desse período histórico.

---

<sup>11</sup> Por causa da COVID-19, o levantamento desses dados se deu por meio de uma pesquisa via chamadas telefônicas e aplicativos de mensagem, com os líderes das 48 comunidades existentes no município de Cedro. A lista com os nomes e contatos foi fornecida pela secretaria da Paróquia de São João Batista.



Figura 8: Soldados da Idade Média.  
Fonte: Ilustração retirada do Google Imagens.



Figura 9: Penitentes do Cedro em frente à Igreja Matriz da cidade, após a participação na procissão do círio, no ano de 2018.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

As narrativas sobre esses homens de atividades majoritariamente noturnas estão no imaginário popular e por muito tempo foram repassadas carregadas de terror, de mistério, atribuindo inclusive certa “brutalidade” em suas ações. “Eu admiro tanto as histórias, de como

eu já falei anteriormente, dos pais, dos nossos pais, dos nossos avós, que contava as histórias ‘olhe, se não der a benção ao penitente, vai levar uma lapada’ e ai, criou-se o medo...” (Thatyana Kayrone Marinheiro da Silva, em entrevista concedida no dia 10 de novembro de 2020).

A maioria das produções que tenho conhecimento e que estão no levantamento bibliográfico trata da temática no Cariri cearense, e apontam dois eventos específicos como impulsionadores das irmandades de penitentes pela região, são eles: a pessoa de Padre Ibiapina<sup>12</sup> e um surto de cólera morbo<sup>13</sup>. Em entrevista a Antonacci, em 23 de agosto de 1999, Joaquim Mulato, na época decurião da Ordem dos penitentes da Cruz da cidade de Barbalha-Ce, diz que:

Isso vem do tempo que Frei Ibiapina vem pregando. Ai ele trouxe essa Ordem (dos penitentes da Cruz) de Roma, que o Papa deu. [...] Veio de Roma. E ele veio pregando por volta de 1870, por ai assim, não sei dizer direito. [...] Ai ele foi e deixou essa Ordem, ensinou os homens como era que fazia para evitar fome, a peste, a guerra, que era pro mode evitar os castigos. (ANTONACCI, 2002, p. 195).

Esse episódio contado pelo penitente está dentro do que é conhecido por “mito de fundação”, que é a necessidade de afirmar um ponto de partida que legitime as ações. Apesar de Ibiapina ser nome importante na religiosidade caririense, principalmente quando o assunto são as irmandades de penitentes, há evidências da existência da Ordem e das práticas pela região desde 1850, vinte anos antes de sua passagem, assegura Carvalho (2005).

A imprecisão de tempo e espaço é comum em histórias que tem como um de seus pilares a oralidade. Por estarem ligadas diretamente as memórias estão consequentemente fadadas ao esquecimento, que é natural ao homem e peça importante nessas construções. E isso não quer dizer que os fatos que são relatados sejam mentira ou invenção, são na verdade percepções, tramas de entendimentos tecidas por informações que chegam e que em alguns momentos cruzam-se e em outros refutam-se.

En primer lugar hay que recordar algo evidente: que la memoria no se opone en absoluto al olvido. Los dos términos para contrastar son la supresión (el olvido) y la conservación; la memoria es, em todo momento y necesariamente, uma interacción

<sup>12</sup> Começou a vida religiosa aos 47 anos, já formado em Direito e com trajetória na política. Nascido José Antônio Pereira, no dia 05 de agosto de 1806 na cidade de Sobral no Estado do Ceará, faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883 na cidade de Solânea na Paraíba aos 76 anos. Frei Ibiapina, como era chamado pela massa da população, em suas passagens pelo Nordeste Brasileiro criou casas de caridade, cemitérios, açudes, sérvios assistenciais que sanaram um pouco as necessidades dessa região. Informações colhidas em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre\\_Ibiapina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Ibiapina). Acesso em 07 de março de 2021.

<sup>13</sup> Transmitida pela água e causada muitas vezes pela falta de saneamento básico, é uma doença infecciosa e epidêmica, tem como sintomas a diarreia, câimbras, prostração e falta de produção e eliminação da urina.

de ambos. El restablecimiento integral del pasado es algo por supuesto imposible (pero que Borges imagino em su historia de Funes el memorioso) y, por otra parte, espantoso; la memoria, como tal, es forzosamente una selección: algunos rasgos del sucesso serán conservados, otros inmediata o progressivamente marginados, y luego olvidados. Por ello resulta profundamente desconcertante cuando se oye llamar <<memoria>> a la capacidad que tienen los ordenadores para conservar la información: a esta ultima operación le falta um rasgo constitutivo de la memoria, esto es, la selección. (TODOROV, 1999, p. 15)<sup>14</sup>.

A datação de 1850 remete a um evento de grande relevância do século XIX, as famosas “missões itinerantes de evangelização” que tinham como destino o Nordeste brasileiro. Houve o envio de sacerdotes para a região e a pedagogia utilizada ficou conhecida como catequese – ou pastoral – do medo, pois tinham como forte característica a severidade e consistia em plantar no imaginário dos devotos a imagem do Deus castigador e condenador.

Os padres falam as massas camponesas, pobres e abandonadas (em mau-português, mau-italiano e em mau-latim), das provações do mundo e dos horrores do inferno, inculcando nas almas incultas e crentes a necessidade do sacrificio e da penitência para conquistar o reino dos céus (CARIRY apud ANTONACCI, 2002, p. 192)

A prática da penitência é muito comum à Igreja Católica e aos seus fiéis – tanto no seguimento clássico, quanto no popular – e ainda é considerada como principal meio de purificação e perdão para os pecados. Padre Ademar Alves esclareceu que:

A penitência para a igreja é sempre esse momento de, de reparação, onde as pessoas reconhecendo suas faltas é... realizam diversas práticas que para elas tem esse, esse sentido de reparação, de renovação interior, é como se diante de determinadas práticas que eu exerço, eu estaria passando por esse processo de purificação, então é... são gestos externos mas que se espera uma transformação interna do coração do homem. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. DE 2020).

Dos “gestos externos” mais comuns praticados ainda hoje por católicos de modo geral tem-se: o jejum, a abstinência de carne e sexual. Os que ferem diretamente o corpo, que em determinado momento foram ensinados e incentivados por agentes institucionalizados da Igreja, passaram a ser, e já há algum tempo, desencorajados por ela.

---

<sup>14</sup> Tradução: Em primeiro lugar é preciso lembrar algo evidente: a memória não é absolutamente oposta ao esquecimento. Os dois termos que se contrastam são supressão (esquecimento) e conservação; a memória é, em todo momento e necessariamente uma interação entre ambos. O reestabelecimento integral do passado é algo impossível (pelo que Borges imaginou em sua história de Funes el memorioso) e, por outra parte, espantoso; a memória, como tal, é forçadamente uma seleção: algumas características do evento serão preservadas, outras imediata ou progressivamente marginalizadas, e logo esquecidas. É por isso que é profundamente desconcertante quando chamamos a capacidade dos computadores de armazenar informações de “memória”; a esta última falta um detalhe da constituição da memória, que é este, a seleção. (Traduzido pela autora).

Não mais reconhecidos e referenciados pelos poderes eclesiais dominantes, que passaram a rejeitar exercícios de mortificação e penalização corporais em nome do progresso e da civilização de uma humanidade abstrata e generalizante, tais disciplinas se mantiveram em universos populares, no contexto de suas experiências sociais, valores e heranças culturais. Atribuindo-lhes dimensões de memorização e atualização dos sacrifícios de Cristo para a todos salvar, grupos populares continuaram a disponibilizar seus corpos e moldes de ser – rejeitados pela ordem vigente em expansão – para invocar perdão aos pecadores e clemência divina diante das carências e necessidades historicamente vivenciadas. (ANTONACCI, 2002, p. 194).

O desencorajamento não se deu apenas para as práticas, na verdade, as irmandades leigas do catolicismo diferenciado<sup>15</sup> ganharam muita força com o passar dos séculos, com autonomia constituiu líderes e movimentos de grande impacto e importância histórica<sup>16</sup>. Os sentidos de pertencimento e unidade que plantaram nas comunidades serviram para a formação de um sistema sociopolítico regente.

A dinâmica fraterna e de comum união dessas sociedades figurava o terror invisível que continua sendo, ainda em nossos dias, discurso para desmonte e enfraquecimento de organizações populares: o comunismo. O incômodo da Igreja Oficial para esta e outras situações que figuravam possível ameaça a sua autoridade, fez surgir o que ficou conhecido por Projeto de Romanização.

O movimento romanizador se iniciou na Europa no início do Século XIX, tendo como ponto de confirmação o concílio Vaticano I (1869-1870), onde foi traçada uma nova política para Igreja Católica que objetivava uma veemente reação ao mundo moderno: o comunismo, a maçonaria, o casamento civil, são uns dos exemplos de posições “contrárias” à fé e aos valores sustentados pela Igreja Romana. No Brasil com a proclamação da república, ocorre a separação oficial entre Igreja e Estado, contribuindo para um nítido enfraquecimento da primeira, o que deu início a um processo de reestruturação institucional da organização eclesiástica, a partir das diretrizes advindas de Roma. (BEZERRA, 2010, p. 5-6).

A reestruturação ou reorganização visava uma igreja fisicamente presente, dentro do cotidiano das pessoas, buscando retornar à autoridade ao Clero freando costumes enraizados nas tradições populares mote de grupos propícios à insurgência, que em contrapartida, resistiam, mas:

A dinâmica destas manifestações de organização religiosa-popular era marcada pela tática do esconderijo, do desvio, do “jeito” (como se diz no Brasil). Nunca houve

<sup>15</sup> O conceito de *Catolicismo* diferenciado nos chega a partir das discussões de Carvalho (2005, p. 34), quando afirma que “[...] entendemos o catolicismo diferenciado enquanto um campo de práticas e representações religiosas que não dependem de agentes formais (instituídos) para estabelecer esta relação entre o homem e o sagrado, o compreendendo uma autoprodução instituída por especialistas”.

<sup>16</sup> Por exemplo, a comunidade de Canudos no interior de Estado da Bahia e seu líder Antônio Conselheiro, história contada em *Os Sertões*, obra de Euclides da Cunha.

manifestações abertamente subversivas, pelo menos no nível religioso. (HOORNAERT, 1982, p. 85).

Muitas foram as situações que perpassaram os caminhos da religiosidade popular, das irmandades e, em especial, da Ordem dos penitentes, incentivada por religiosos institucionalizados e ao mesmo tempo desencorajada e desmotivada pela Igreja. Sobre essa disparidade, partindo das realidades da região do Cariri cearense, Bezerra descreveu:

Muitos padres, mesmo recebendo nos seminários uma orientação ortodoxa e rígida, ligadas aos preceitos da Igreja romanizada, incentivavam e participavam de rituais encobertos de simbolismos diversos “muita reza pouca missa, muito santo e pouco padre”, genericamente, era esse panorama religioso carirense desse período (BEZERRA, 2010, p. 5).

Contudo, esses não se sentiram fora da instituição, sempre se mantiveram obedientes à esta, mas também não deixaram de vivenciar as particularidades de suas crenças. É fato que por tudo o que fora discutido até aqui, esses personagens precisaram se reinventar e adaptar suas práticas para continuarem a (r)existir. A irmandade de penitentes da cidade de Cedro também tem sua trajetória inserida nessa realidade.



Para quem interessar,  
convido a conhecer essa(s) história(s),  
seus enredos, suas tramas e memórias,  
contadas pelos próprios personagens.

As alegrias, lutas, passagens  
de quem se adaptou as mudanças e ao tempo  
para continuar vivendo  
e pregando o que acredita.  
A fé de uma gente querida,  
a busca pela identidade,  
por Deus, pela virgem, pela tradição  
por amor ao sertão e a Santíssima Trindade. (SILVA, 2019).

### 3. ATUAÇÃO E RELAÇÕES DA IRMANDADE DE PENITENTES EM CEDRO (CE)

#### 3.1 PLURALIDADE E IDENTIDADE

“Ser penitente é... é você ‘criar’ nessas imagens que você vê ai (aponta para os quadros na parede), e ter aquele dom...”

Essa fala é do seu José Clemente da Silva, em entrevista no dia 15 de fevereiro de 2020. Seu Zé de Joca, como é conhecido, é um dos penitentes mais experientes da cidade, entrou na irmandade aos 10 anos de idade e hoje, aos 85 anos, apresenta em sua narrativa a fé nas imagens e nos santos como elemento primário e fundamental para ser um penitente, característica que não encontrei em leituras anteriormente – ou pelo menos, não com tanta ênfase e destaque.

No decorrer da pesquisa, percebi que os penitentes de Cedro possuem particularidades consideráveis, que fogem um pouco das características catalogadas e apresentadas nos trabalhos já produzidos – com base em outros grupos – sobre a temática. Uma delas diz respeito ao “mito de fundação”, algo que tenha dado início às práticas no município.

Não há nenhum evento – ou pelo menos, não nos foi relatado nada – que seja considerado responsável direto pela inseedinação das práticas ou formação da irmandade na localidade, o “sempre existiu” ou mesmo o “eu sempre via quando criança” prevaleceu nos discursos, que logo seguiam por explicações de experiências pessoais de como conheceram e “se iniciaram” no grupo.

Freitas (2006) disse que a história oral pode ser dividida em três gêneros: tradição oral, história de vida e história temática, e que essas são distintas. Porém, na prática, quando realizei tais entrevistas, percebi que na verdade, elas se cruzam, se complementam e se confundem muitas vezes, pois o sujeito, inserido no possível tema é, ao mesmo tempo, narrador, produto e mantenedor dessas ações sustentadas ainda por meio da tradição oral.

E, há possibilidade de inserir outro ponto, na verdade, um lugar, o de reelaborador, levando em consideração que elementos do cotidiano são adicionados às práticas e que o meio se modifica com o passar dos anos, trazendo novos jeitos de fazer, viver e sentir.

Questionado sobre as origens da Ordem, seu Zé diz que “ai não é padre que ensina, ai é a vocação daquela pessoa que vai ser penitente”. Mas, no adiantar do seu relato ele traz um elemento que liga essa “vocação” ao evento das missões itinerantes de evangelização, um

importante livro que a historiografia apresenta como um dos textos utilizados pelos padres missionários como base para seus discursos: a Missão Abreviada.

Eu tenho muito bendito, que é tirado da história sagrada! Que antigamente, você chegava numa casa, você não via um livro, uma bíblia não... O livro era no tipo de uma bíblia, mas sendo a história sagrada. A historia que dizia sua vida, dizia a vida daquela dali (aponta para a neta que estava sentada na sala acompanhando a entrevista), dizia a minha vida, como era que podia ser, como era que não podia ser, entendeu como é o negócio? (JOSÉ CLEMENTE DA SILVA, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 15 DE FEV. 2020).

Seu Zé não é alfabetizado e me afirmou nunca ter visto o livro pessoalmente, mas confirmou se tratar da “Missão Abreviada” quando verbalizei o título. Além disso, é perceptível que seus conhecimentos e práticas, assim como dos outros penitentes, estão firmes nos preceitos desse sermonário. Além dos benditos e das rígidas lições de comportamento dizendo “como era que podia ser, como era que não podia ser”, os escritos falam da ira de Deus e dos castigos àqueles que optam pelo pecado, da remissão pelo arrependimento e penitência com rituais de autopunição.

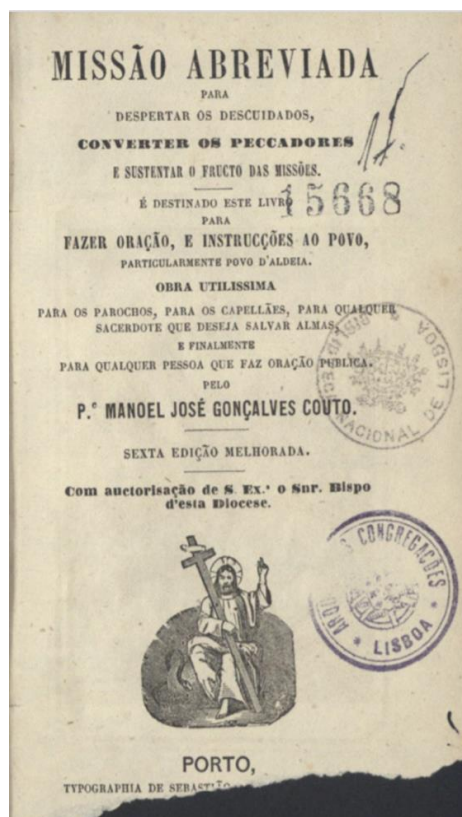


Figura 10: Folha de rosto do livro Missão Abreviada.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Um ato de grande destaque quando o assunto são os penitentes é o autoflagelo. Discutido nas produções do levantamento bibliográfico, ele aparece nos grupos como um sacrifício pela humanidade, pelo perdão coletivo dos pecados, realizado em vistas a salvação de todos, nas sextas-feiras ou datas específicas do calendário religioso, em lugares reservados como montes, cemitérios ou estradas mais desertas.

Na pesquisa com os agentes, não encontrei esse peso, para os penitentes do Cedro não são esses os objetivos da prática e o corte – como chamam –, feito por chicotadas com o cacho de disciplina era realizado em duas situações bem específicas: na iniciação no grupo e no pagamento de promessas feitas por pessoas da comunidade. E a necessidade de espaços isolados para a realização também não aparece.

Como já discutido no capítulo anterior, a promessa na crença da religiosidade popular não precisa necessariamente ser paga por quem a fez, a responsabilidade pode ser terceirizada. Disponibilizando seus corpos para o sacrifício, cumprindo o acordo com o santo, os penitentes reforçam o lugar de servos e de mediadores do sagrado em suas comunidades.

Sobre isso Seu Zé relata:

Depende da promessa que você fez, por exemplo: você mora ali (aponta para a casa da frente), ai vem aqui e diz: seu Zé eu quero tirar um terço lá em casa, eu quero um corte (o flagelo) com três penitente. Eu vou botar aqueles três pra se cortar. De um lado, do outro, se corta... e a garapa desce. Tem deles que tem coragem que quando muda de um canto pra outro fica o rastro do sangue. (JOSÉ CLEMENTE, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 15 DE FEV. 2020).

O trecho grifado mostra que o ritual de autoflagelação ocorria também dentro das casas e – levando em consideração a forma que os cultos domiciliares se dão ainda em nossos dias, como pude observar – consequentemente na presença da família e de pessoas da comunidade convidadas para a reunião.

A respeito da iniciação, João retrata que:

No meu tempo também pra entrar na penitencia, tinha que antes ter o corte. Se você não tirasse o corte, não entrava não. Você tinha que tirar o corte. Agora isso você se cortava que o sangue descia no chão, fazia rastro no chão. Era! (JOÃO INOCÊNCIO DA SILVA, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 5 DE MAI. 2021).

O flagelo aparece nesse momento como uma ação de validação. Reconhecido pelos outros membros que também passaram pelo sacrifício, o iniciante firmava assim seu compromisso tendo certificada a entrada na ordem.



Figura 11: O cacho de disciplina. Chicote de couro com lâminas de metal na ponta, usado para o autoflagelo.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

João Inocência da Silva, o João de Deus, é o sucessor de seu Zé, que pela idade avançada e problemas de saúde se afastou do grupo, deixando a liderança para ele. A prática do autoflagelo caiu em desuso, pois não encontrei mais nenhum penitente que realize-a. João explicou como se deu em seu grupo:

Antes existia um corte, não sei se você sabe... Mas existia um corte, era com umas laminzinhas e cortava, aí eu conversei com o Bispo 'rapaz, vocês pode fazer a penitencia de vocês normal, porque isso vem desde o começo do mundo, né? mas o corte eu não acho que seja certo!' eu disse 'porque, Bispo?' 'por que o corte é o seguinte: vocês vão derramar seu sangue. Jesus derramou o sangue dele, mas foi pela mão dos outros, por tanto eu acho que não tá certo.' É tanto que eu só cortei uma vez (JOÃO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 5 DE MAI. 2021).

A fala de João remete a uma discussão feita no capítulo anterior, do poder de influência da Igreja Oficial sobre esses grupos. A fala do Bispo tem grande peso, é estopim para o fim de uma atividade característica do movimento. A interferência direta ressignificou o olhar sobre o autoflagelo, que, se antes era tido como uma ação que os assemelhavam ao Cristo, hoje, já se percebe uma distinção, a que lhes foi apontada – que destaquei com o grifo.

Outra tradição que chegou ao fim foi o uso dos capuzes que cobriam os rostos para manter suas identidades em segredo. Essa se deu por decisão interna do próprio grupo – sem interferências diretas de terceiros – vistas as necessidades que as mudanças sociais e do meio os apresentaram. Perguntado o motivo de não usar mais o acessório, João responde:

Por causa sabe de que? eu vou lhe dizer... da vagabundagem! Que tem hoje! Aí você chega na casa de uma pessoa com o rosto coberto, a pessoa não vai saber quem é, não vai abrir (a porta), né? Aí, nesse instante, aqui no Cedro eu conheço todo

mundo, aí se eu chegar com a cara descoberta todo mundo vê aí abre, mas se eu chegar com a cara coberta, ninguém abre. A gente foi e acabou a tradição por isso. (JOÃO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 5 DE MAI. 2021).

Mas, o fim de algumas práticas, as mudanças internas que aconteceram no grupo e as diferenças deste em relação a outras irmandades da mesma categoria, não deslegitimam estes personagens enquanto penitentes. A base é a mesma, os símbolos são os mesmos e são estes que sustentam a estrutura.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tem, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 1998. p. 9).

As mudanças e particularidades se fazem mediante a necessidade de adaptação. O ser penitente tornou-se antes de qualquer coisa uma identidade, lugar de reconhecimento, de fala, de pertencimento e “[...] no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.” (BAUMAN, 2004. p. 33).

Das concepções de identidade definidas por Hall (1992), esses agentes entram na categoria de sujeito sociológico.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 1992, p. 11-12).

Assim, se a identidade é criada/formada por interação social e símbolos, a relação com a comunidade é indispensável também para a manutenção dessa identidade. Se neste grupo algumas práticas e vivências caíram em desuso, é na função primária de todas as irmandades – o serviço a comunidade a qual pertence – que seus símbolos são reforçados e as identidades reafirmadas.

### 3.2 O SERVIÇO À COMUNIDADE E AS RELAÇÕES DE TROCA E MANUTENÇÃO

Por terem sido durante muito tempo o principal meio de comunicação da comunidade com o sagrado, muitas funções – além das já apresentadas, destaco também a sentinela aos doentes e recomendação do corpo de falecidos – eram destinadas aos penitentes. Mas, atualmente, a irmandade desempenha apenas três atividades: a oração do terço em cultos domiciliares, a mendicância itinerante e a participação em eventos.

Tive a oportunidade de acompanhar três cultos domiciliares, realizados na intenção de pessoas falecidas. Vestidos com suas opas, entoando cânticos durante o percurso do ponto de encontro à casa onde seria realizado o culto, os penitentes chegam em procissão, com o decurião sempre a frente, carregando uma pequena cruz<sup>17</sup> de madeira. Na calçada, à espera ficam os convidados e a família que solicitou o encontro. Na sala da casa um altar improvisado, forrado com uma toalha branca, com imagens de santos, velas e flores artificiais, onde a cruz trazida pelos penitentes também ficará durante todo o ritual, que se dá sempre da mesma maneira.



Figura 12: Casa de uma devota em dia de encontro para oração do terço, 2018.  
Fonte: Acervo Pessoal da autora.

O encontro começa com benditos para Nossa Senhora. O grupo se divide para oração do terço, uma parte deles entoa a primeira estrofe da reza e os outros respondem com a segunda estrofe. A Ave e Santa Maria são diferenciadas, são direcionadas apenas ao morto

<sup>17</sup> A cruz é o símbolo maior da paixão e sacrifício do Cristo, está pintada nas vestes, esculpida em madeira é carregada a frente do grupo, visível e palpável, mas também está no imaginário, na crença, no íntimo. A irmandade de penitentes surge como representantes do Cristo, servindo as comunidades, disponibilizando seus corpos para açoites. Não à toa, suas atividades se intensificam na Semana Santa, período que se rememora a entrega de Jesus pela salvação da humanidade.

das intenções, ao invés de “o senhor é convosco” reza-se “o senhor é com ele(a)” e no “rogai por nós, pecadores” temos “rogai por ele(a) um(a) pecador(a)”. Ao fim de cada mistério rezam “repouso eterno e luz dai, Senhor. A luz perpétua o resplanduz” e cantam um bendito. O terço é finalizado com a Salve Rainha.

Esses momentos que eles fazem, esses momentos de oração que eles fazem nas casas das famílias, reunindo ali as outras famílias ali próximas, é uma forma de resgatar muita coisa, de preservar também muita coisa, a amizade, a unidade, a fraternidade [...] (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. 2020).

Já a mendicância itinerante é realizada apenas na semana santa, período mais importante para eles, pois é quando se rememora os sacrifícios de Jesus. Consiste em recolher donativos, o chamado jejum dos penitentes. Essa atividade é a única realizada por espontaneidade, ou seja, que não é por convite de terceiros e sim por iniciativa própria dos penitentes.

É também a de maior representatividade e alcance do grupo, é quando toda a comunidade tem a oportunidade de vê-los e ouvi-los, pois todas as ruas e casas são visitadas por eles. Um longo percurso que é realizado em apenas três dias. “A gente sai os 3 dias, terça, quarta e quinta, quando a gente tem condições de sair, quando não tem também não sai, né? e assim a gente vai levando assim...” (João, em entrevista concedida no dia 5 de mai. 2021).

Acompanhei uma dessas jornadas. A prática é exaustiva, começa ao anoitecer e se estende até próximo do raiar do dia. Além da longa caminhada e do peso dos donativos que vão se acumulando, benditos são entoados a todo o momento. “O caba cansa, principalmente eu que canto alto, no outro dia eu amanheço rouco demais” relata seu Francisco<sup>18</sup> (entrevista concedida no dia 18 mai. 2021).

Enquanto acompanhávamos, encontramos uma comunidade extremamente receptiva, muitos saíam para as calçadas mesmo antes dos penitentes chegarem a elas e já com o jejum em mãos, se colocavam em espera. Há quem peça que cantem benditos de seus santos de devoção, há quem traga suas crianças para que sejam por eles abençoadas e há aqueles que se aglomeram ao redor para ouvir de pertinho o cantar, todavia, a realidade nem sempre é dessa maneira.

---

<sup>18</sup> Francisco das Chagas Barbosa dos Santos é chefe do grupo de penitentes da comunidade do Santo Antônio, na zona rural do município.





Figura 13: Mendicância itinerante pelas ruas da cidade de Cedro, 2018.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Seu Zé contou que já foi mal-recebido em uma de suas mendicâncias, por uma mulher que era de outra religião, que veio a se arrepender depois, indo até sua casa lhe pedir perdão.

Sobre o desagradável momento relatou:

Chegou a semana santa e eu sai por aqui [...] Ai eu cheguei (na casa desta mulher), cantei... foi... ‘virgem matemática!’ Quando eu fiz o primeiro pé, ela partiu lá de dentro, mas esculhambou, viu? Que não queria essas coisas na porta dela, porque vira e porque mexe, e tal, e não sei o que... ai eu, parei os penitentes, nós era quatro, parei, pararam, ai ela disse, disse, disse o que teve vontade, e eu não respondi a ela uma palavra, não senhora! (JOSÉ CLEMENTE, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 15 DE FEV. 2020).

Algo parecido aconteceu também com João:

Outra vez eu fui cantar num sítio, pro lado da assunção, né? Aí chegamos numa casa, começamos a cantar e saiu um senhor ‘rapaz, eu não gosto disso não!’ eu digo ‘e não?’, ele disse ‘não! Sou muito chegado não’ eu disse ‘não tem problema, moço! Tem problema não!’ Aí a esposa dele saiu e disse ‘Não, não é assim não!’ a esposa dele, disse. ‘Você é um cachaceiro sem futuro’ ela disse ‘você é muito é sem futuro, faça isso com o rapaz não. O rapaz anda ai, isso é um povo de Deus, esse

povo não faz mal a ninguém, esse povo ai é um pessoal que anda cantando nas casa pedindo jejum, canta um terço na casa de uma pessoa, isso é um pessoal bem dizer de Deus, abençoado! Não faz mal a ninguém!’ Ele ficou assim... ‘É, já que a mulher quer...’ eu disse ‘não, não casse problema com seu esposo por causa de nós, nós estamos saindo’ ai fomos saindo e fomos embora. Depois de uns 8 dias eu vi ela ‘não, você me desculpe’ ‘não, não tem problema não, tem problema de jeito nenhum não’. (JOÃO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 5 DE MAI. 2021).

Há também quem seja indiferente, como contou seu Francisco, “Porque cada casa a gente tem que passar, pedindo o jejum. Uns não dão, outros se faz de mudo... mas eu agradeço do mesmo jeito como você que deu a esmola [...]” (Francisco das Chagas, em entrevista concedida no dia 18 mai. 2021).

Os grifos feitos nos relatos chamam a atenção para como estes homens se posicionam frente aos desagradados: apaziguamento e silêncio. Ainda que se sintam ofendidos, desacatados, invisibilizados, não retrucam, respondem ou se opõem. Isso porque o “não fazer baderna”, não criar inimizades, ser respeito e não causar incômodos a comunidade, são algumas das muitas regras que tecem o padrão de comportamento desses homens de irmandade.

Todos estes pontos foram apresentados por seu Zé, diante de uma situação que vivenciamos durante a mendicância. Quando nos aproximamos de um bar, os penitentes me pediram para deixar ali o grupo e voltar para casa, para que eu não passasse com eles pelo estabelecimento.

O motivo era o medo de que alguém que estava ali consumindo bebida alcóolica, falasse algo que me desrespeitasse, o que colocaria o decurião do grupo em uma situação de empasse. Ao mesmo tempo em que ele não poderia permitir passar despercebido o desrespeito e não me defender, a postura exigida e as regras do padrão de comportamento que eles precisam seguir, o impedia de discutir, repreender ou fomentar um debate. Atendi ao pedido.

“[...] por que são homens assim, de caráter, são pessoas de comunidade, são pessoas que tem uma vida espiritual também...” (Padre Ademar Alves em entrevista no dia 11 de novembro de 2020).

O sacerdote é um grande admirador e incentivador da irmandade de penitentes. Os eventos aonde os penitentes participam com a apresentação do canto de benditos são sempre a convite dele – ou mediados por ele – e são momentos de celebrações importantes para a Igreja, como: procissão do círio, abertura da quaresma e semana santa, dia de finados, entre outros.

eu sempre costumo trazê-los aqui, por exemplo, na semana santa, já trouxe algumas vezes, por que os benditos, aquela piedade, sabe? a letra daquela música, o jeito deles se comportarem, as invocações que eles fazem, são palavras tão cheias, tão

carregadas de significados. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. 2020).

João nos confirma:

Eu já me apresentei umas quatro vezes lá na igreja, que ele mandou chamar, foi. Mandou chamar, ele mandou chamar e nós fomos... A gente foi, se apresentamos umas quatro vezes. Nós se apresentamos uma vez aqui no cemitério, no dia de finados, se apresentamos duas vezes naquela praça São José, tu sabe aqui, onde sobe aqui no Pega Avoante. E outra vez foi, deixa eu ver aqui onde foi... lá na Divisão<sup>19</sup>. (JOÃO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 5 DE MAI. 2021).



Figura 14: Procissão do Círio, 2018.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Cada uma dessas atividades reafirma um lugar, reforça símbolos, reaviva memórias e tradições. Os convites feitos a eles para realização dos cultos domiciliares validam estes homens como mediadores do sagrado. A mendicância itinerante é a via sacra do que crê na necessidade de realizar penitência e ser imitador dos sacrifícios do Cristo. Até a que para muitos há de parecer apenas uma simples apresentação de teor cultural, para estes homens é mais um momento de religiosidade, espiritualidade e penitência.

Padre Ademar reconhece:

a gente não pode ver só como uma coisa cultural, é cultural, mas é também, leva também a um fortalecimento da espiritualidade da pessoa, por que tudo que eles cantam, tudo que eles fazem, os gestos deles ali, tem todo um sentido, né? [...] A medida que eles realizam os ritos deles nas apresentações aquilo também está sendo uma forma de mostrar, levar cultura para o povo, mas também de fortalecimento e

<sup>19</sup> Pega Avoante e Divisão são bairros da cidade de Cedro-CE.

de crescimento para eles. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. DE 2020).

Estes agentes contam suas experiências com muita satisfação, relembram suas trajetórias com saudade e apresentam suas atividades com muita alegria, mas, quando o assunto passa a ser o futuro da irmandade, deparei-me com sentimentos não tão positivos daqueles que já estão a mais tempo carregando a tradição.

### 3.3 “O DESTINO É SE ACABAR”: ENTRE O MEDO DO FIM E UMA ESPERANÇA DE RENOVAÇÃO

A possibilidade e ameaça do fim da tradição na cidade de Cedro sempre foi pauta presente nas conversas – tanto informais quanto gravadas – que tive com os penitentes desde o início desta pesquisa. Dois pontos sustentam essa hipótese: o primeiro deles diz respeito a comunidade, que vem mostrando desinteresse aos serviços prestados pelos penitentes, diminuindo a procura.

Realidade contada por seu Francisco, com base em sua experiência na zona rural do município. “[...] de um tempo desse pra cá o povo veio se afastando. Eu sou do tipo de pessoa que se dependesse de mim, a penitência não se acabava nunca, mas não depende só de mim...” Em outro momento complementa, “[...] não fizeram mais essa boa vontade de chamar a gente. [...] Mas isso a própria comunidade não se interessa de chamar a gente.” (Francisco das Chagas, em entrevista concedida no dia 18 mai. 2021).

Se a comunidade é de grande importância na manutenção dos ritos e símbolos, como já visto aqui, o desinteresse e indiferença desta é, sim, um fator de enfraquecimento para o grupo, principalmente no que diz respeito a estes enquanto mediadores do sagrado, pois vem dela a demanda da ação.

A “não busca” pelo “serviço de mediação” pode estar relacionada ao fácil acesso e a presença da Igreja Oficial nestas comunidades que, por sua vez, se voltam para os ritos eclesiais, deixando de lado as práticas do catolicismo popular. Mas, cabe aqui também a discussão de enfraquecimento da própria religiosidade, ou dos poderes que por muito tempo foram atribuídos a ela.

Sobre este assunto, Bauman (2004) disse que, “tendo a ciência moderna explicado aquilo que há no mundo sem uso da teologia, ficara Deus irrelevante aos assuntos terrenos” levando em conta que a religião viria para sanar a “insuficiência humana dos seus próprios recursos”. Em *Religião e Declínio da Magia*, Keith Thomas, além do avanço da ciência,

apresenta mais alguns fatores para esta possível crise e são estes: o protestantismo e a tecnologia, sendo esta última a que interessa o aprofundamento neste momento. Ele diz que:

Quando as técnicas apropriadas estão disponíveis, a magia torna-se supérflua. Ela continua a exercer seu apelo apenas nos casos em que os homens ainda não têm nenhuma solução adequada. São a ciência e a tecnologia que tornam a magia redundante: quanto mais forte é o controle do homem sobre o ambiente, menos ele recorre aos remédios mágicos (THOMAS, 1971, p. 528).

Todos esses fatores podem ser considerados também para o nosso segundo ponto: a não renovação de integrantes na irmandade, que foi uma realidade durante muito tempo. Sobre isso Padre Ademar comenta:

Eu acho que, a razão maior dessa questão da diminuição de integrantes desses grupos culturais tão bonitos que a gente tem, eu acho que se deu a essas, essas coisas que nós... Nós vivemos num mundo muito frenético, muito... é muito imediatismo, onde as tecnologias elas ajudam demais a gente, facilitam muito a vida da gente, mas por outro lado, elas nos distanciam de práticas que são tão essenciais pra manter essa unidade, sabe? essa... esse clima mais fraterno, de encontro. (PADRE ADEMAR ALVES EM ENTREVISTA NO DIA 11 DE NOV. DE 2020).

Quando conversei com seu Francisco sobre o interesse dos mais jovens para com o grupo, ele de pronto respondeu que “Não tem, não tem... você tire pelo meu rapaz (filho), canta, mas... é uma coisa minha filha que é bonito, só que é difícil. Você sabe que essa rapaziada de hoje não se interessa por esse tipo de coisa.” E sobre o futuro diz “Rapaz, o futuro que eu acho, que eu vejo, é muito pouco. O destino é se acabar. Eu digo sinceramente, porque os que tão aí já tão muito velho e eu não caço um que queira seguir penitente.” (Francisco das Chagas, em entrevista concedida no dia 18 maio de 2021).

Acompanhei algumas desistências, afastamentos e relatos de falecimento de membros. Visualizar a quantidade de integrantes ir diminuindo a cada atividade reforçava, para mim, a hipótese anteriormente levantada, o que me fez trabalhar por algum tempo em cima do conceito de *decadência*, mas uma notícia recente fez com que esta pesquisa tomasse novos rumos e a irmandade um novo fôlego.

Chegou a mim a informação de que quatro rapazes estariam se iniciando na penitência e um deles no grupo de seu Francisco, na zona rural do município. Edivan dos Santos Oliveira tem 34 anos; quando perguntei o que teria motivado a sua entrada na irmandade, ele disse “A intenção minha era não deixar acabar! Por que eles já estão ficando mais velhos e sempre eu gostei também da cultura, dos benditos... minha vontade era essa.” (Edivan dos Santos, em entrevista concedida no dia 18 de maio de 2021)

O jovem penitente não recebeu de herança o destino da penitência, isto é, seu pai e nenhum de seus familiares próximos eram da irmandade. Também não tem conhecimentos profundos sobre a ordem e seus significados – motivo inclusive que fez com que seu Francisco relutasse, no primeiro momento, me levar até ele, com receio de que não tivesse o que acrescentar à pesquisa – mas, a intenção de “não deixar se acabar” e o apego a cultura estão fazendo dele um integrante bastante dedicado e que trouxe para este trabalho outras possibilidades de discussão. Ele contou que busca, entre seus colegas, novos membros para o grupo, que os incentiva e que acredita sim em um futuro para a tradição.

A adesão à Ordem trouxe a renovação não apenas ao número de membros, mas também aos hábitos e práticas. Foi falado aqui que a tecnologia aparece como um fator de declínio para a religiosidade, porém, é justamente com o auxílio desta, mais especificamente, de um aparelho celular, que Edivan vem aprendendo os tão característicos benditos.

desde criança que a gente costumava escutar eles, ouvir... a gente não tinha como aprender os bendito porque a gente não tinha muito conhecimento com eles (os penitentes) pra eles ensinar, mas agora a gente tem o celular, a gente começou a gravar e rapidinho eu aprendi! (EDIVAN DOS SANTOS, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 18 DE MAI. 2021).

Estas músicas ou cantos aos santos, que são popularmente conhecidos como benditos, são um ponto de destaque nas irmandades, pois estão presentes em todas as suas atividades. Saber ou não entoar bem estes cantos, diz para eles se um integrante é realmente um bom penitente. Os hinos são efetuados sempre em tons altos, arrasados e cheios de lamentos, melancolia, “cantos tristes, sempre falando da morte, do pecado...” como nos descreveu Guy Benchimol de Veloso<sup>20</sup>.

Pedi a cada penitente que concedeu as entrevistas, que cantassem um destes para mim, e foi o de João que mais chamou a atenção – por abraçar todas as características já citadas, ter como enredo a crucificação do Cristo e trazer Nossa Senhora como a mãe que descrevi anteriormente.

Com a coroa de espinhos,

---

<sup>20</sup> Fotografo e pesquisador que desenvolveu um estudo de catalogação dos grupos nas cinco regiões do país. Penitentes (2002-2019) é um acervo riquíssimo. Além de um belo livro de fotografias é também blog, onde encontramos inúmeros vídeos de entrevistas de integrantes de grupos que já não existem mais. Nos concedeu a entrevista em 29 de julho de 2021.

Link do referido site: <https://projetopenitentes.wordpress.com/>

Botaram em sua cabeça,  
Lhe botaram em uma cruz,  
Lhe pregaram num madeiro...  
Lágrimas dos olhos caía,  
Sangue do corpo escorria,  
Chorava Nossa Senhora  
Com o sofrimento que via!

Quanto mais ela chorava,  
Mais o sangue escorria,  
E ela pedia ao pai:  
“tenha dó do nosso filho!”  
Pois o Pai lhe respondeu,  
“nosso filho tem poder!  
Você como é mãe ajude,  
Nosso filho vai vencer!”

E o judeu que lhe traiu,  
Traiu por 30 dinheiro,  
Depois que traiu Jesus,  
Ele se arrependeu...  
Quando foi no outro dia,  
Este judeu traidor,  
Pedi perdão a Jesus,  
E Jesus o perdoou!

Sua mãe chorando tanto,  
Chorando dizia assim:  
“meu filho você está certo, eu também fazia assim!”

Ofereço esse bendito,

Ao Jesus pai criador,  
 Na intenção dos penitentes,  
 E do judeu traidor!  
 Na intenção dos penitentes,  
 E do judeu traidor!  
 -

Saber de “cór” todos os benditos e ter aprendido por meio da oralidade é motivo de muito orgulho para os penitentes. Por muito tempo a grande maioria destes personagens não era alfabetizada, assim, ir ouvindo, repetindo e guardando tudo na memória era a única forma de perpetuar os ensinamentos, que permanece, ainda que alguns já saibam ler e escrever. Seu Zé aprendeu com um primo de sua mãe, João e seu Francisco com seus respectivos pais, e Edivan, pelas gravações que fez dos veteranos com seu celular.

Foi, no dia do ensaio lá (refere-se ao ensaio que o grupo faz para se preparar para a mendicância itinerante da semana santa), Tanta (apelido de Seu Francisco) falou que eu podia ir, eu fui e gravei tudinho, doze bendito. De vez enquanto eu fico ouvindo e aprendo mais ainda. (EDIVAN DOS SANTOS, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 18 DE MAI. 2021).

O que não falta na história das irmandades do catolicismo diferenciado são adaptações e ressignificações. Saber ajustar as vivências ao tempo presente, assim como conhecer as possibilidades que ele oferece, é primordial para manutenção e perpetuação. Tentar explicar o enfraquecimento de uma tradição ou manifestação cultural alegando apenas um desinteresse da sociedade é muito raso, ainda mais tendo em vista e levando em consideração que esse movimento se mantém firme em outras comunidades contemporâneas e de estruturas sociais bastante parecidas.

Seu Francisco contou com admiração sobre o grupo de penitentes da cidade de Barbalha, qual conheceu em um encontro que vivenciou na cidade de Várzea Alegre<sup>21</sup>, “Eu fiquei orgulhoso lá da turma de Barbalha que o mais velho tinha 50 anos, os outros era de 18 a 25 anos. Muito bonito a participação deles.” (Francisco das Chagas, em entrevista concedida no dia 18 maio de 2021).

A pouca idade dos integrantes desse grupo relatada por seu Francisco, indica, para mim, uma constante renovação e interesse dos jovens para com a irmandade na cidade de

---

<sup>21</sup> Localizada na região do Cariri cearense, a cidade de Várzea Alegre realiza todo ano a tradicional procissão do fogarel, momento que reúne grupos de penitentes de diferentes cidades e regiões vizinhas.



Barbalha, o que em Cedro acontece de forma extraordinária, como no caso de Edivan, uma exceção à regra.

É de grande importância entender o que difere esses grupos e o que estas realidades proporcionam de discussão hoje. Os jogos e estratégias aplicadas, as novas demandas, olhares e entendimentos sobre o movimento.

A história não é só passado,  
memória ou recordação.  
Ela é investimento, registro e a tradição  
faz com que saibamos quem somos,  
onde estamos, pra onde vamos,  
desde que a esta se dê devida valorização.  
É saber que os grupos de outrora  
muito tem a nos ensinar,  
e movimentando o agora  
tem poder pra levantar  
orgulho, educação, oportunidades, paixão,  
trazer conhecimento e exaltação  
ao nome do seu lugar. (SILVA, 2021)

## 4. A CULTURA COMO REFÚGIO: DISCUSSÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS GRUPOS POPULARES

### 4.1 DE BARBALHA À CEDRO, A RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO MUNICIPAL

Famosa por seus grupos populares e tradições, a região do Cariri cearense é destaque quando o assunto é política de investimento e projetos voltados para a área da cultura. O poder municipal de Barbalha trabalha os grupos de penitentes na perspectiva cultural desde a década de 1970, tendo como marco a inserção destes na Festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

O referido evento, como tantas outras comemorações ao santo, nasceu – em 1928 – com caráter totalmente religioso, mas, foi se modificando com o passar dos anos, atraindo muitas pessoas, inclusive de fora da cidade. Percebendo isso, a prefeitura passou a investir e mediar a festa que toma um caráter social e foi transformada no grande movimento cultural-folclórico que é hoje<sup>22</sup>.

A questão é que a municipalidade barbalhense viu nos bens culturais do local um potencial econômico e cultural até então mal explorado. Incentivar a participação e permanência dos grupos na festa do padroeiro e em outras comemorações proporcionava, ao município, diferentes maneiras de ganho, que podia ser na forma de investimentos do governo para com esse e demais setores da economia, a ampla repercussão nos meios de comunicação sobre o valor cultural da cidade, o aumento do turismo e, conseqüentemente, a da circulação monetária, a gratidão da maioria dos integrantes dos grupos populares que se apresentam na festa e, por fim, o reconhecimento da relevância histórica e artística por parte de entidades competentes, tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan (SILVA, 2011, p. 88 apud MACHADO, 2014, p. 101).

O prefeito da época era Fabriano Livônio, um engenheiro civil e Capitão da reserva do Exército Brasileiro<sup>23</sup>, que soube aproveitar muito bem as investidas do governo pós-golpe civil-militar de 64, na busca da identidade nacional, “resgate das raízes”, valorização da cultura e incentivo ao turismo interno.

o Estado incentivou e criou diversas políticas, projetos e ações. O crescimento da produção, distribuição e consumo de bens culturais aumentou significativamente entre 1964 e 1980. Nesse período serão

<sup>22</sup> Océlio Teixeira de Souza discute de forma minuciosa essas etapas, em A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia (1928-1998).

<sup>23</sup> Mas informações em: <https://barbalhaesquecida.home.blog/2019/03/24/fabriano-livonio-sampaio/>

realizadas inúmeras ações, além da criação de diversos órgãos e instituições. (MACHADO, 2014, p. 90).

Além da inserção dos grupos na festa do padroeiro, Machado (2014) enumera algumas outras iniciativas do órgão para com esses movimentos, como: um acordo com as escolas, onde os alunos desenvolveram trabalhos para “descoberta” e catalogação de novos grupos; a assistência financeira e de materiais para as atividades desenvolvidas nas comunidades onde residem as irmandades; a intermediação e organização de apresentações e ainda, a divulgação e vinculação da imagem dos penitentes ao município de Barbalha, como nos mostram as figuras a seguir.



Figura 15: Boneco Gigante de penitente na Festa de Santo Antônio em Barbalha.  
Fonte: Foto de Jana Rafaella Machado, em 12 de junho 2012.



Figura 16: Cartaz de divulgação da Festa de Santo Antônio, no ano de 2003, com penitentes do Sítio Cabeceiras.

Fonte: Encontrado no trabalho de Jana Rafaela Machado (2014).



Figura 17: Cartão Postal produzido pela Prefeitura Municipal de Barbalha (2005). Fonte: Acervo da Secretaria de Cultura de Barbalha-CE. Encontrado no trabalho de Jana Rafaela Machado (2014).

Apesar da curta apresentação que foi feita, é possível perceber que há um olhar voltado para estes grupos e que o poder municipal barbalhense tem uma preocupação ou no mínimo, reconhece o valor que eles têm. Ainda que seja para usufruir de vantagens, os enxergam, os mostram e de forma organizada os incentivam e investem.

Em Cedro, encontrei uma realidade diferente. Tivemos no dia 10 de novembro de 2020, uma breve entrevista<sup>24</sup> com a secretária de cultura, onde perguntei se há algum projeto voltado para os grupos de penitentes da cidade e ela nos respondeu:

<sup>24</sup> Por causa da pandemia da COVID-19 e como um cuidado a mais, essa entrevista – assim como as outras realizadas no mesmo período – foi feita de forma breve e com perguntas diretas, para diminuir o tempo de exposição e assim o risco. O distanciamento foi respeitado, assim como o uso de máscaras e a higienização com álcool gel 70° do aparelho usado nas gravações.

Sim! A gente faz todo ano, né? um, uma, vamos dizer assim... uma reunião com todo grupo, pra conversar como está indo esse tipo de apresentação, por que a gente sabe que tem uma data específica, né? Para que eles se apresentem, mas a gente tenta sempre encaixa-los em todas as datas comemorativas. (FALA DA SECRETÁRIA DE CULTURA DO CEDRO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 10 NOV. 2020).

Perguntei se poderia ter acesso aos documentos dessas reuniões – como atas e roteiros – e dos arquivos da cultura relacionados aos penitentes. Em entrevista recebi um sim, mas no dia marcado para coleta e análise do material, só foi disponibilizada a lista de frequência de um encontro, com os nomes dos participantes<sup>25</sup> e suas localidades. Sem título, descrição ou ao menos a data que ocorreu. Não tive acesso às pastas nem aos computadores da secretaria e enquanto imagens de acervo, apenas uma foto foi cedida e enviada por e-mail, também sem nenhuma descrição ou data.



Figura 18: Imagem disponibilizada e enviada por e-mail, pela secretaria de cultura da cidade de Cedro, em 18 de dezembro de 2020.

Fonte: Secretaria de Cultura do Cedro.

<sup>25</sup> Pensei procurar algumas das pessoas que estão na lista fornecida pela secretaria de cultura, para saber por elas como essas reuniões são organizadas e quais as pautas que as orientam. Mas por ser um grupo novo para mim, levando em consideração a covid-19, sabendo que a grande maioria dos integrantes desse movimento são senhores de idade, achei que não seria prudente tentar nesse momento uma aproximação. Busquei ainda conseguir algum contato telefônico para termos essa conversa de forma virtual, mas não obtive sucesso.

Durante todo o período da pesquisa não acompanhei, nem chegou ao meu conhecimento nenhum evento promovido pela prefeitura onde os penitentes estivessem incluídos. Perguntei a João se ele já tinha recebido algum convite, ou participado de algum evento promovido pela prefeitura. Respondeu que “Um convite veio uma vez, mas, quando foi no dia de nós ir, que eles convidaram a gente, mas no dia de nós ir choveu e não deu certo, aí pronto, de lá pra cá não deu certo mais.” (João, em entrevista concedida no dia 5 de maio de 2021).

Insisti com a secretária para saber se o governo municipal disponibiliza alguma assistência, financeira ou de materiais para as atividades, ela nos disse que “A assistência que a cultura dá é referente a isso, quando temos os projetos, a gente tenta encaixar esses senhores pra fazer as apresentações [...]”. (Fala da secretária de cultura do Cedro, em entrevista concedida no dia 10 novembro de 2020).

Seu Francisco relatou que a prefeitura o presenteou uma vez com uma opa, mas sobre um apoio efetivo ou mesmo um monitoramento para com o seu grupo, ele nos disse que “Não, não. Nós não tem apoio de nada... o apoio que nós tem da prefeitura é quando a gente é convidado pra ir uma viagem a Várzea Alegre, que eles manda buscar a gente aqui (no sítio que residem) e manda deixar.” (Francisco das Chagas, em entrevista concedida no dia 18 maio de 2021).

A participação neste evento em Várzea Alegre no ano de 2018 é o único registro que aparece no site da prefeitura de Cedro<sup>26</sup> que fala dos penitentes. Nele tem-se uma curta descrição de como aconteceu o encontro, pequenas falas da secretária de cultura e do prefeito da época e nenhuma foto ou fala dos personagens principais da ação.

Percebi uma relação confusa entre a municipalidade cedrense<sup>27</sup> e os penitentes, uma aproximação que se dá apenas em momentos específicos, sem constância ou vínculos bem definidos. Reconheço que a prefeitura não nega ajuda quando procurada pelos agentes, mas não identifiquei nenhuma iniciativa por parte dela. Procurei, ainda, no portal das leis municipais<sup>28</sup>, algo voltado para estes grupos, mas não encontrei nada. Não há nenhum projeto de preservação, nada claro, organizado, planejado ou pensado para eles.

---

<sup>26</sup> Link de acesso: <https://www.cedro.ce.gov.br/informa.php?id=478>. Acesso em 12 de setembro de 2021.

<sup>27</sup> É válido ressaltar que se fala aqui da gestão de 2018 à 2020, quando iniciada a pesquisa e entrevistada a última secretária de cultura deste quadro político, antes da posse e da redistribuição dos cargos do mandato atual.

<sup>28</sup> Disponível em:

<https://www.cedro.ce.gov.br/leis.php?cat=&Exer=&dtini=&dtfim=&Num=&Descr=grupos+culturais>. Acesso em 14 de setembro de 2021.

## 4.2 A PATRIMONIALIZAÇÃO E O DEBATE SOBRE AS VANTAGENS E DESVANTAGENS DAS AÇÕES DE SALVAGUARDA

No ano de 2004, Joaquim Mulato de Sousa, decurião do grupo Irmandade da Cruz do município de Barbalha, foi – um dos – eleito Mestre da Cultura Popular do Estado<sup>29</sup>, pelo reconhecimento das atividades que desenvolvia enquanto penitente. Conseqüentemente, o título trouxe valorização à prática, que passou a ser considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Ceará.

Antes de adentrar as discussões que estão sendo feitas por intelectuais que estudam as irmandades de penitentes e as ações de valorização e preservação de grupos culturais, é importante entender do que se trata o Patrimônio Cultural Imaterial.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) diz que<sup>30</sup>:

A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30/11/1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos. Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, ONLINE).

E acrescenta:

O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. (IPHAN, ONLINE).

É quando a noção de patrimônio deixa de se voltar apenas para monumentos, saindo um pouco da lógica materialista, entrando no ambiente antropológico, como define PÉREZ (2003), reconhecendo a importância daquilo que se dá na vida social, cotidiana, humana, abrindo um leque de possibilidades e conflitos.

<sup>29</sup> Os Mestres da Cultura do Ceará são reconhecidos pelas leis 13.351/2003 e 13.842/2006 que instituem o registro dos Tesouros Vivos da cultura tradicional popular. Por meio de seleção pública, os mestres agraciados passam a receber um auxílio financeiro vitalício, e os grupos tradicionais recebem apoios para suas atividades. Encontrado em: <https://www.anuarioceara.com.br/mestres-da-cultura-do-ceara/>

<sup>30</sup> Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em 09 de setembro de 2021.



Uma das questões que se apresenta quando se fala de patrimonialização de um grupo cultural é a descaracterização deste grupo, tendo em vista as demandas que a inserção neste novo ambiente apresentará. Tomaremos como exemplo o grupo já citado e o que MACHADO (2014) discorre sobre o assunto:

A penitência e os grupos de penitentes, ao serem convidados a participar da Festa de Santo Antônio como grupo folclórico, passaram por esse processo de hibridação gerando “novas estruturas, objetos e práticas” em diferentes áreas e aspectos, como: pela mudança nas vestimentas, por deixar de ser secreta, pelo reconhecimento e valorização da prática pelo público e pelo poder público em suas diferentes esferas de poder, pelas novas relações que estabelecem com diferentes sujeitos sociais (intelectuais, pesquisadores, produtores culturais, cineastas, repórteres e o público em geral) e pela redução do autoflagelo. (MACHADO, 2014, p. 134).

O apontamento é bastante relevante, é verdade que a interferência do poder público e a exibição trouxeram mudanças significativas e que aconteceram muito rapidamente, de forma brusca, passando uma impressão de imposição, o que talvez tenha sido o que chamou a atenção da autora.

Porém, vi mudanças semelhantes acontecerem no grupo da cidade de Cedro-CE, sem nenhuma interferência governamental, apenas pela percepção dos agentes sobre o meio e a necessidade de adaptação a este, que se transformou com o passar dos anos. Como exemplo citei o fim do uso dos capuzes e a revelação de suas identidades, por receio de serem confundidos com a “vagabundagem que tem hoje”<sup>31</sup> – a violência.

Outro ponto é a mercantilização, o uso das práticas como produto de fins lucrativos, tanto para o município e órgãos ligados a este, como para os penitentes que passam a receber cachê pelas suas apresentações. Sobre o último, Guy Veloso se posiciona da seguinte forma:

como eu acompanho muito de perto, eu já vi muitas brigas entre os membros quando entra dinheiro, quando entra cachê. O cachê é algo que eu como pesquisador não concordo, mas também quem sou eu pra interferir em algo interno de um grupo de penitentes? [...] Eu acho que deveria ser apoiado, o material que eles usam: os panos, os transportes, as velas, sim! Mas dar cachê já transforma um rito em um teatro, na minha modéstia opinião (GUY VELOSO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 09 DE JUL. 2021).

Celene Queiroz, uma funcionária da secretaria de cultura de Barbalha no ano de 2013, em uma entrevista concedida a pesquisadora Jana Rafaella (2014), fala como e porque as ações e apresentações passaram a ser remuneradas.

---

<sup>31</sup> Fala de João, sobre o fim da tradição dos rostos cobertos, já apresentada e discutida neste trabalho.

Quando aparecia alguma coisa eu pegava o carro, chegava bom, vocês foram convidados pra isso assim, assim, assim, vão viajar, querem viajar? Tem condição de viajar? Lá vão ficar num hotel, vão ser um, dois dias. Qualquer maneira vocês tem o trabalho de vocês, vão se ausentar e por conta disso eu achei interessante que vocês recebessem um cachê, vão sair de casa. São pessoas simples e dessa maneira, eles começaram a ser retribuídos. Errei, num sei (MACHADO, 2014, p. 140).

Reconheço na fala da funcionária a consciência que os tipos de atividades que passaram a ser destinadas a estes personagens estão fora da rotina comum deles, e que possivelmente em algum momento, precisem “abrir mão” de suas obrigações pessoais para dar conta da demanda da cultura. O cachê aparece como reparação.

Entendo esta situação como um ciclo. A prefeitura apresenta os grupos, que por sua vez atraem turistas e investimentos, parte desses investimentos volta para esses agentes, que deixam seus trabalhos para se apresentarem sempre que solicitados.

O “rito como um teatro” como falou Guy Veloso, é outra preocupação. Até que ponto essas apresentação estão sendo fiéis ao significado das práticas? Onde estas se distanciam? É certo que os protocolos que os eventos culturais exigem são diferentes do roteiro já naturalizado dos ritos domiciliares desenvolvidos nas comunidades, e os fins também não são os mesmo, não para os que convidam, mas “para os penitentes, por mais mudanças que a atividade sofra, ela ainda é prática religiosa e ligada à fé” (MACHADO, 2014, p. 140).

O próprio Guy reconhece isso no adiantar da nossa conversa, quando me refiro ao entendimento das ações como algo folclórico<sup>32</sup> “Não, eu não digo eles... talvez as pessoas que estão assistindo...” (Guy veloso, em entrevista concedida no dia 09 de julho de 2021).

E, de fato, toda a problemática e debate são feitos dos que assistem, dos que estudam, os que vivem apenas sentem e fazem porque acreditam.

São muitos os apontamentos tanto positivos quanto negativos sobre a patrimonialização, mas “são só dois lados da mesma viagem”<sup>33</sup>, o problema não está na política em si, nem nos investimentos, mas em como os projetos são pensados e executados. Não é interessante que se trate os bens culturais como espetáculos fora de contexto, muito menos que os esqueçam em suas comunidades sem lhes dar suporte e valorização.

---

<sup>32</sup> O termo folklóre – folk (povo), lore (saber) – foi criado pelo arqueólogo inglês Willian John Thoms em 22 de agosto de 1846 e adotado com poucas adaptações por grande parte das línguas européias, chegando ao Brasil com a grafia pouco alterada: folclóre. O termo identificava o saber tradicional preservado pela transmissão oral entre os camponeses e substituía outros que eram utilizados com o mesmo objetivo – “antigüidades populares”, “literatura popular” (Vilhena, 1997, p. 24 apud Catenacci, 2001, p. 28).

<sup>33</sup> Referencia a música Encontros e despedidas, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, interpretada por Maria Rita.

Por isso, não basta registrar um bem como patrimônio, mas é necessário ajudá-lo a ser mantido na comunidade, como referência vivida no dia-a-dia dessa comunidade. As políticas culturais devem auxiliar a vivência dos grupos, a manutenção das práticas culturais tendo a sensibilidade de estabelecer fronteiras entre a política de Estado e o saber-fazer da prática. (MACHADO, 2014, p. 146).

#### 4.3 RESSIGNIFICAR, EXIBIR E RESISTIR

Na estrutura de uma linha férrea, existe um mecanismo chamado “chave de desvio”, que nada mais é que uma alavanca que possibilita movimentar os trilhos, fazendo com que se cruzem, redirecionando os caminhos. Quando um trecho da estrada entra em manutenção, o dispositivo é acionado para que a locomotiva siga por uma nova rota, em segurança. Ressignificar é uma chave de desvio e “a cultura popular é um espaço onde se refugia o que – condenado – insiste em permanecer vivo” (SOUZA, 2005, p. 108).

Falar em manutenção e perpetuação exige alguns cuidados, pois não há receita pronta. Mas existem ingredientes que permitem experimentar algumas combinações, principalmente os utilizados pelos grupos que permanecem em atividade.

Eu acho que é muito mais fácil a continuidade acontecer nos grupos rurais, a fé é mais enraizada, eles podem até se esconder, entrar pelos matos, pelas fazendas e ninguém vai encher a paciência, já na cidade não, tem carro atrapalhando, tem o olhar estranho das pessoas, o susto que as pessoas levam... (GUY VELOSO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 09 DE JUL. 2021).

A entrada de Edivan no grupo de penitentes da zona rural do município de Cedro-Ce e sendo essa área onde mais são realizados cultos domésticos, faz concordar – parcialmente – com a fala do entrevistado, no entanto, a parte grifada distancia, levando em consideração as demandas atuais.

O pensamento de que o esconderijo é vantajoso, parece seguir a linha de conservação no sentido de ortodoxia das práticas, de preservação das identidades e dos ritos na sua vertente mais original, in natura, uma tentativa de evitar – ou retardar ao máximo – as mudanças e relações que debatemos no tópico anterior, mas é preciso

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17).

É certo que em determinado momento da história, esses grupos precisaram se esconder para resistir, mas hoje acreditamos que o caminho é totalmente inverso.

A primeira vez que eu vi penitente foi vindo de Várzea Alegre, eles vieram aqui, vieram na casa de um senhor que tinha lá que ele era muito católico, eu tinha oito anos de idade. Na época, eu até lembro que quando eu vi... Nesse tempo ninguém sabia quem era penitente não, por que penitente andava de cara coberta ninguém conhecia, né? [...] Ai eles rezaram o terço, cantaram, quanto terminaram eu fui, virei pra pai e “pai quando eu crescer eu vou ser isso aí” (JOÃO INOCÊNCIO, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 05 DE MAI. 2021).

O relato de João transparece sua admiração e o quanto foi impactante ver os penitentes pela primeira vez. O encanto da criança de oito anos perdurou, o mantendo até hoje na irmandade. Todos os penitentes que entrevistamos nos falaram que entraram na ordem porque viam esses personagens pelas suas comunidades e que ver eles em atividade, despertou o desejo de também estar ali, de participar.

Pela última vez nessa viagem voltamos ao Cariri, à estação de Barbalha. Além do que já apresentei, a inserção dos grupos de penitentes na festa do padroeiro e o amparo do poder municipal redirecionaram o olhar acerca da penitência, as considerações sobre estes personagens foram ressignificadas e o estranhamento deu lugar ao apreço. “Até, até gente mermo aqui do lugar, tinha gente que tinha era medo. Mas hoje não, hoje todo mundo conhece.” (Entrevista com o Sr. Chico Severo, penitente do grupo Irmandade da Cruz, concedida a pesquisadora Jana Rafaella, em 20.01.2013).

É inegável a importância de mostrar esses movimentos, de exibir seus produtores, de trazê-los para outros espaços e mais ainda, de assisti-los, ouvi-los, percebê-los. Seu Francisco tem consciência – ou pelo menos uma esperança – de que a oportunidade de acompanhar essas apresentações desperte o interesse dos mais jovens e garanta a perpetuação da prática.

Como nós só participa em várzea alegre, o que eu podia chegar pro prefeito, ele já dá um carro, era pedir outro carro pra influir (instigar), levar umas pessoas mais jovens pra ver como é bonito e se interessar, quando visse uma coisa tão bonita como é em Várzea Alegre. (FRANCISCO DAS CHAGAS, EM ENTREVISTA CONCEDIDA NO DIA 18 MAI. 2021).

Se antes era se mantendo em segredo e se escondendo, hoje para sobreviver é interessante que estes grupos se mostrem, pois “as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005, p. 96). É necessário fazer com que as pessoas os conheçam e entendam a importância destes nas relações de seu espaço e na construção das identidades. Que suas existências não se restringem ao âmbito das memórias, símbolos ou

imaginário e que suas práticas trazendo resultados de impacto para o lugar, movimentam estruturas de forma efetiva.

Os grupos de tradição são demandas de debates do presente. Não é justo falar apenas de passado com pessoas que vivem e atuam ainda em nossos dias. “Não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operários de uma cultura popular. Eles existem no coração das praças-fortes da economia contemporânea” (CERTEAU, 1996, p. 87).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir sempre será a melhor e a mais enriquecedora das experiências. Caminhar calçados pelas memórias e narrativas dos colaboradores desta pesquisa, nos levou a espaços e compreensões que não seriam possíveis por outras vias. Guiados pelos produtores desses saberes, é possível perceber como práticas, rituais, relações, crenças e vivências construíram identidades e como estas identidades foram se ajustando as demandas trazidas pelo tempo, sem deixar a essência que sustenta as tradições e ligam sujeitos que mesmo sem se conhecer, compartilham e comungam dos mesmos entendimentos, necessidades e desafios.

Atentar ao surgimento da cidade e aos modos de vida que o espaço oferece, elucida as individualidades e as vias de (r)existir, de fazer, de ser. Com base em suas respectivas características conseguimos amarrar discursos e localizar no tempo ações que nos chegaram de forma confusa e fragmentadas. O Cedro tem suas raízes na diversidade, na mistura de culturas e influências de cidades ligadas a esta pelas linhas do sonho azul, pelas locomotivas que carregavam não só mercadorias, mas também ciência e costumes.

A religiosidade popular e a relação com o sagrado nos moldes das primeiras comunidades de crença, ainda que com muito menos força, ainda é o que sustenta as irmandades de penitentes em atividade, juntamente com o desejo de continuidade desses homens de grande fé e de uma dedicação veemente e fraterna para com os que buscam seus serviços. Mas, para além da redoma das pequenas localidades, enxerguei esses sujeitos nas grandes discussões da historiografia brasileira, inclusive no seu campo político.

A ordem dos penitentes nunca esteve fora de discussões políticas e de poder. Sempre foi mediada por acordos entre as hierarquias, tanto internas dos próprios grupos e comunidades, como externas com a Igreja Oficial e o Estado. Em nossos dias, as questões que surgem nesse campo estão direcionadas as ações de preservação e salvaguarda e de como estas são aplicadas. O interesse, os investimentos e interferências, assim como a indiferença e o não reconhecimento, nos falam muito da noção e da visão de cada poder municipal acerca da penitência e das atribuições e vantagens que ela pode trazer para as suas cidades hoje, se bem trabalhada.

Foi inquietante! Trabalhar um movimento que ainda está acontecendo é ficar por muito tempo sem saber de fato aonde se chegará. É como entrar em um trem sabendo que precisará descer muito antes da estação e que, durante todo o trajeto a chave de desvio será acionada diversas vezes, redirecionando a locomotiva que passará por paisagens desconhecidas aos olhos dos passageiros.

Pela pluralidade dos sujeitos, a diversidade das narrativas, os acontecimentos e imprevistos impostos pelo tempo, as perdas e ganhos, pelos excessos e faltas, tenho consciência de que este trabalho não está concluído, mas, o apresento mesmo assim, por também saber que nada está ou estará realmente pronto algum dia.

Não busquei provar discursos ou defender verdades, procurei apresentar a multiplicidade e os mundos dentro da penitência, levantando questões para aqueles outros que tenham desejo de estudar o tema, que continua cheio de camadas a serem permeadas.

Que seja possível visualizar pesquisas que se debrucem nas diferentes visões acerca da penitência, partindo das discussões e relações de classe dos seus consumidores; nos ensinamentos e nas cosmologias presentes nos característicos benditos dos penitentes; na rejeição da tradição pelos que viriam a ser os herdeiros das práticas (filhos, netos ou sobrinhos dos participantes mais velhos); nos interesses dos jovens adeptos para a entrada na ordem, em comparação aos dos antigos membros; nas lendas e construções no imaginário popular; nas relações de gênero. Enfim, deixo aqui soltos alguns fios desta – como diria Certeau – “interminável tapeçaria”.

## 6. REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Artimanhas da História**. Projeto História, São Paulo, 2002.

BARROS, José d'Assunção. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Revista Textos de História**, v. 11, n. 1 /2, 2003, p. 145-171. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328030499.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. 1. ed. Traduzido por: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Louvado seja nosso senhor jesus cristo: travessias do padre ibiapina nas narrativas da irmandade da cruz, Barbalha-ce**. X Encontro Nacional de História Oral, Testemunhos: história e política, Recife, 2010, p. 1-16. Disponível em: [https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270302497\\_ARQUIVO\\_AR TIGOENCONTRODEHISTORIAORAL!!..pdf](https://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270302497_ARQUIVO_AR TIGOENCONTRODEHISTORIAORAL!!..pdf). Acesso em: 25 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, 315p. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. Fé e Tradição Oral: Práticas mágico-religiosas presentes nos rituais das Irmandades de Penitentes do cariri cearense. *Oralidades*, v. 1, n. 2, 2007, p. 61-82. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/F%C3%A9-e-Tradi%C3%A7%C3%A3o-Oral%3A-Pr%C3%A1ticas-m%C3%A1gico-religiosas-nos-Carvalho/154d97cb647935aa9724b3116bb98fa7d54759b1>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense**, 2005, 271p. (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Mimeografado.

CATENACCI, Vivian. Cultura Popular: entre a tradição e a transformação. *SÃO PAULO EM PERSPECTIVA*, v. 15, n. 2, 2001, p. 28-35. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/VNzdj3bndNsGT3mHhwg5krk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. RJ: Vozes, 1996.

COSTA, B. F.; OLIVEIRA, A. L. **Os impactos e influências do modal ferroviário na cidade de Cedro-CE**. 2015.

COUTO, Manuel José Gonçalves, **Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões**. 6. Ed. Porto: tipografia de Sebastião José Pereira, 1868, 264p. Disponível em: <https://purl.pt/14841>. Acesso em: 27 abr. 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, 270p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.



FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2006, 136p. Disponível em: <http://www.memoria-historia.com.br/artigos%20e%20textos/historia-oral.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Traduzido por: Tomaz Tadeu Silva; Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, 104p. Disponível em: [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf). Acesso em: 13 jan. 2020.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil – colônia: 1550 – 1800**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/cedro-restaura-e-inaugura-estacao-centenaria-1.1654052>. Acesso em: 8 mar. 2021.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoitos: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao\\_Jana\\_Rafaella\\_Maia\\_Machado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Jana_Rafaella_Maia_Machado.pdf). Acesso em: 26 mai. 2020.

PÉREZ, Xerardo Pereiro “**Patrimonialização e transformação das identidades culturais**”. Portugal Chão. Oeiras: Celta editora, 2003, p. 231-247. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Patrimonializa%C3%A7%C3%A3o-e-transforma%C3%A7%C3%A3o-das-identidades-Pereiro/9f5012b82e4b9d59f70736ca64a7a1c3499fc790>. Acesso em: 26 mai. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p. Disponível em: [https://www.academia.edu/33252932/Historia\\_and\\_Historia\\_Cultural\\_Sandra\\_Jatahy\\_pdf](https://www.academia.edu/33252932/Historia_and_Historia_Cultural_Sandra_Jatahy_pdf). Acesso em: 3 jan. 2021.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no período colonial**. São Paulo: companhia das letras, 1987.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Festa e cultura popular: A ruptura e a norma. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 9, v. 16, n. 2, 2005, p. 99-132. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23634/0>. Acesso em: 24 jan. 2021.

TAVARES, Thiago. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, 2013, p. 35-47. Disponível em: <https://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2021.

THOMAS, Keit. **Religião e declínio da magia**. São Paulo: companhia das letras, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria.** Barcelona: Paidós, 2000.

**ANEXOS**

## ANEXO I

**15 de fevereiro de 2020, as 17h10m. Entrevista com José Clemente da Silva, realizada por Ana Maria Vieira da Silva para o projeto “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: as transformações e permanências no grupo de penitentes da cidade de Cedro-CE”.**

A: Seu Zé, o que é ser penitente?

J: Ser penitente é... é você “*crear*” nessas imagens que você ver ai (aponta para os quadros na parede), e ter aquele dom... De... De cantar, de explicar o que é, ser penitente é ter responsabilidade.

A: Como a gente identifica assim um penitente? Que a gente olha e diz assim: aquele ali é penitente!

J: Aí é mais difícil... A senhora vai identificar, a senhora identificava eu! Que saí com a senhora, com seu esposo, que levei, quando chegou em uma altura, mandei você voltar. Por quê? Porque a minha experiência só dava até ali. Pra você, né? Não dava pra eu seguir a viagem com você, com a senhora. Era isso! Você ter responsabilidade. (refere-se ao primeiro acompanhamento que fiz com o grupo, em uma mendicância itinerante na quinta-feira da semana santa do ano de 2018) Por exemplo: nesse instante você chega aqui e “seu Zé eu quero andar com o senhor” a palavra não é muito boa, é meia pesada, “eu quero andar com o senhor a noite todinha!” (entoa forte) Por exemplo, nós dois, o senhor cantando e eu gravando, eu tirava a noite todinha se você quisesse!

A: O que faz um penitente? Quais são as obrigações de um penitente?

J: As obrigação dele, ele tem... uma disciplina, um pedacinho de Corrêa mais ou menos desse tamanho assim (mostra com as mão um espaço de mais ou menos 60 cm) com três faquinha, que chega aqui vou rezar um terço, ai o dono da casa diz: eu quero três penitente ou quatro se cortando. Então, diz pra mim que eu era o chefe e andava com eles, ai eu vou tirar, se na hora que eu for tirar faltar um que não queira ir eu vou ter que ir fazer aquilo ali.

A: Quem pede é o dono da casa?

J: O dono da casa, sim. Depende da promessa que você fez, por exemplo: você mora ali, ai vem aqui e diz seu Zé eu quero tirar um terço lá em casa, eu quero um corte (o flagelo) com três penitente. Eu vou botar aqueles três pra se cortar. De um lado, do outro, se corta... e a

garapa desce (o sangue) tem deles que tem coragem que quando muda de um canto pra outro fica o rastro do sangue.

A: O senhor fez até quantos anos? (por quanto tempo, o auto flagelo, no caso)

J: O corte eu só fiz dois anos!

A: Dois anos.

J: Dois anos... ai pronto, daí pra cá não fiz mais não. Ai eu peguei a responsabilidade só de assumir mesmo, andar, eu ainda cheguei a sair com 45, 50 penitentes... De uma vez, lá na minha terra onde eu morava, na lagoa redonda. Eles morava lá, eu já morava aqui (refere-se a cidade do Cedro-Ce), mas minha família é de lá e eles mandava me buscar e eu ia. Era a noite todinha, 30, 40, 50... Eu tirei terço com 50 penitente.

A: O senhor começou com quantos anos?

J: Eu comecei muito novo, comecei com 10 anos!

A: Por quê? O Senhor achava bonito... Como o senhor conheceu?

J: É porque eu achava bonito aquilo, eu tinha a vocação para aquilo ali, depois morava um primo legitimo da minha mãe, as casa era quase vizinha, ele era penitente, ai foi e perguntou se eu queria andar mais eles, eu vou! Ai fui, comecei! Saia de casa, meus pais tinha muita confiança na minha pessoa, né? Porque eu toda vida graças a Deus eu tive minha responsabilidade, e o meu respeito, eu podia entrar num canto se eu visse que me cabia, se não me coubesse mermo que o interesse fosse grande eu não ia lá não, entendeu? Então eu comecei novinho com dez anos. Eu passei... Cinco anos sem a minha família saber, mas como eu tinha responsabilidade e já vivia trabalhando com meus irmãos, nós era Cinco irmão, meu pai saia, eu tomava conta dos quatro. Minha responsabilidade era grande. Então, eu digo, eu vou! Ai eu fui! Passei cinco anos, eu saia de casa seis horas, seis e meia... “Pai eu só venho manhã! Vou pra casa de fulano de tal” eu tinha muito colega, né? Pronto, aquilo ali pra ele, confiava e eu só vinha naquela hora mesmo, quando era de manhãzinha chegava... Nós era 12 morador em uma propriedade, né? Ai esse parente de mamãe o que é que ele fazia? Ele dividia as esmolas, ai saia dividindo nas casa tudinho, “aqui, esse aqui é pra você entregar a Raimunda, entregue a Raimunda e diga a ela que é o jejum dela” tendo sido eu a noite todinha...

A: Era de rosto coberto...

J: Era! Ninguém via não! Ninguém via não! Vê hoje! Hoje se eu for boto um pano no pescoço, aquela ópa (vestes), eu uso o cacho ainda mas não faço mais nada que não tenho mais idade, então, mas quando eu era, quando foi pra mim ser o penitente mesmo mandaram fazer uma ópa pra mim, minha família não conhecia a ópa, né? Um pano branco... Tiram os a noite todinha, fomos descendo de lá pra cá, chegamos no terreno de Luiz de Moura, que era o pai de criação da minha mulher e tava num birô. Quarta-feira de trevas, despachando os moradores, as esmolos, nós chegamos no pé do birô e cantemo... Mas eu bem cobertinho, até aqui (com as mãos mostra até onde ia o cumprimento da túnica que cobria seu rosto, que dava mais ou menos no seu peito, e sua opa que ia até metade de sua coxa) ninguém sabia quem era eu! Fomos descendo, em toda casa, toda casa, chegamos na casa do meu pai era 11 horas da manhã. Ele tava sentado assim, como que teja esse ventilador alí (a uns 2 ou três metros de distancia), de frente pra porta. Tava esperando já aquela hora, eu não tinha chegado, eu sei que ele sentiu, não fez foi conhecer mas eu sei que ele sentiu. Quando eu cheguei, quando os penitentes chegaram ele, eu digo que ele teve um toque. Ai ele na porta, botaram eu na frente, eram 4, 5... Cinco comigo, né? Ai eu fiquei na frente dos quatro, dois de um lado, dois do outro e eu no meio então cantaram o bendito, eu ainda hoje sei qual era o bendito “virgem senhora mãe da piedade” foi quando eles foram me entregar. Ai eu fiquei ali, mas eu não cantava. Lá não era pra eu cantar. Lá eu tinha que ficar escutando! Nas outras casas eu cantava, a voz era fina que era voz de menino, não combinava com a voz... Por exemplo: minha hoje! Fiquei ali, caladinho, eles cantaram, pediram a esmola, meu pai se levantou-se, pegou a vasilha com o legume, entregou o saqueiro. Tinha um saqueiro por traz de nós. É quem recebia o legume, que nós não pegava naquilo não, quem pegava era ele. Ai botaram no saco, agradeceram, quando eles acabaram de agradecer, pegaram aqui o pano (entendemos aqui que o pano refere-se ao tecido do capuz que cobria toda a cabeça e o rosto dos penitentes, vestuário padrão), levantaram e descobriram minha cara. Ai eu tomei a bença a ele, mamãe veio naquela alegria e foi descoberto!

A: Aí depois disso o Senhor passou a cantar sem o...

J: Não, não!

A: Continuou com...

J: Tem que continuar com aquele pano, e com aquele cacho, que dá o nome de cacho, viu? No braço! Mas ai, como eu hoje já ando com a turma... Com 10, 12, 15, 20... Os que vier, né? Eu já ando com aquele pano só aqui, amarrado aqui (leva a mão ao pescoço) e eles se quiserem se cobrir... Que hoje não existe mais isso, se cobre e se não quiser, fica que nem eu, com o pano no pescoço. Mas fazendo aquilo que eu mando e fazendo direito! Se por acaso nós tiver cantando em uma sopra (um tom) um bentido, em uma sopra e um sair, eu olho pra ele e ele já se cala, escuta, no outro verso ele já faz a mesma coisa. Tem que ser tudo num jeitinho só. Não tem que ser um mais do que outro, nem eu andar com 10 ou 12 e ter um que queira ser mais que o outro, não! Não senhora! Eu já fui... Findei sendo chefe, né? Com aquele João! Quando ele não vai eu vou, e quando nós estamos os dois, ele fica de um lado, eu fico do outro. Do jeitinho que ele cantar, os outros tem que cantar. O que sair, eu não tô vendo, eu tô ouvindo! Quando ele sair, eu já... Levanto o bentido, tem que vim no sistema mesmo.

A: Quando o senhor morava nesse sítio, teve algum padre que ensinou a vocês ou...

J: Não, não, não, não, não, não...

A: O senhor já conheceu o grupo formado, já começou andar com eles...

J: Já conheci o grupo formado, e outra coisa, ai não é padre que ensina, ai é a vocação daquela pessoa que vai ser penitente. Ai você pegam canta o bentido de Santo Antônio, coração de Jesus, finalmente dessas imagens aqui tudinho (aponta para a parede repleta de quadros com imagens de santos), o que nós canta mais, é esse aqui (aponta para o quadro de nossa senhora da piedade) “virgem senhora mãe da piedade” é essa santa ai. Essa outra ai, Nossa Senhora dos \_\_\_\_ (não consegui compreender o nome dito, mas a imagem parecia muito com a de Nossa senhora da conceição, mas que a ele se apresenta por outro nome), “virgem matemática” é esse ali. E ai por tanto... cada Santo com seu bentido.

A: Aprendeu tudo ouvindo...

J: Ouvindo, tudo ouvindo. Naquilo: ele cantava, eu escurava, e eu cantava, e depois...

A: Quando o senhor veio pro cedro, o senhor lembra em que ano o senhor veio pra cá?

J: Em 84

A: Aqui já tinha o grupo ou foi o senhor que fundou?

J: Não, aqui já tinha! Eu entre nele. Depois o, morreu o chefe de quando nós entramos, ele era de lá, vizinho a estátua de padre Cícero que ele mora. É tanto que todo ano nós tinha que tirar um terço. Não sei a viúva parece que abandonou, não quis mais. Aí, entrou João, por que João além de cantar muito, ele sabe ler. Pega um livro e, que te um livro que tem.

A: O senhor já viu esse livro?

J: Vi não, mas eu sei que tem...

A: Os penitentes de Barbalha, eles falam muito de um livro chamado “Missão abreviada”...

J: Exatamente...

A: É esse?

J: É esse! É esse ai mesmo, agora eu nunca vi ele não!

A: Eu tenho as fotos dele! Eu vou trazer pro senhor ver! Não tenho o livro, mas tenho as fotos!

J: Eu tenho muito bendito, que é tirado da história sagrada! ( a missão abreviada) Que antigamente, você chegava numa casa, você não via um livro, uma bíblia não... O livro era no tipo de uma bíblia, mas sendo a história sagrada. A historia que dizia sua vida, dizia a vida daquela dali (aponta para a neta que estava sentada na sala acompanhando a entrevista), dizia a minha vida, como era que podia ser, como era que não podia ser, entendeu como é o negócio? Então pronto, era só isso!

A: E como é que o senhor ver assim, que as pessoas aqui da comunidade aqui do Cedro elas veem vocês? Elas respeitam? Elas chamam para cantar...

J: Até hoje, o que nós fizemos aqui dentro, nunca houve um... Um desfalque, pra não dizer que nunca houve, houve! Mas a pessoa se arrependeu e veio aqui na minha casa e disse: toda vida que eu passasse lá, eu tinha que cantar na casa dela. Então, ela chegou... chegou a semana santa e eu sai por aqui, por trás. Ia, dava o balão, passava ali onde tu mora, saia aqui nesse, por Raimundo... Nessas casas da esquina aqui! Ai quando nós chegamos na casa, ela passava aqui em casa, ela... eu tenho uma enteada, que mora em São Paulo que ela é Testemunha de Jeová, e ela também é, ai esse povo... Dão uma crença que não existe isso no mundo. Então, eu ia cantando, cantei na casa de um sobrinho meu, sobrinho dela ai (aponta para a esposa), ele me chama de tio também, ai na outra era a dela, mas eu não sabia, né? Ai eu cheguei, cantei... Foi... “virgem matemática”! Quando eu fiz o primeiro pé ela partiu lá de



dentro, mais esculhambou, viu? Que não queria essas coisas na porta dela, porque vira e porque mexe, e tal, e ao sei o que... Ai eu, parei os penitentes, nós era quatro, parei, pararam, ai ela disse, disse, disse o que teve vontade, e eu não respondi a ela uma palavra, não senhora! Aí saí da casa dela, cantei na outra, de um crente! Ai eu cantei o bendito, na casa dele, ele veio, abriu a porta, deu a esmola. É tanto que mora uma irmã dele, uma cunhada dele bem aqui (aponta para lateral de sua residência)... Ai eu descí, cantando, cantando, cantando... Fui até ali, naquelas primeiras casas ali onde nós cantamos naquela noite onde... (refere-se a noite que nos encontramos pela primeira vez) começando a descer pra Zé do mercantil, fui até ali, o dia amanheceu, voltei! Cheguei aqui (na sua casa), repartí as coisas aqui, fui tomar banho, tomei café, tava sentado lá dentro, ela chegou (a senhora que havia os tratado mal na noite anterior)! A mulher (sua esposa) saiu, ficaram conversando, falaram em Jeová e vai lá e não sei o que... e eu lá de dentro escutando, ai saí caladinho e me sentei onde Carolina (neta) está sentada ai ( na sala de estra, ao lado da porta que dá acesso ao corredor da casa, bem em frente a porta de entrada), e ela tava aqui mais a mulher (aponta para a porta de entrada da casa), ai quando eu me sentei que ela levantou a vista que me viu, ai foi e disse: o senhor cantou lá em casa essa noite. Ai eu disse: Não! “cantou” Eu disse: eu não cantei, eu comecei o bendito e a senhora começou a me esculhambar dizendo que não queria e não gostava daquilo. Ela levantou-se daí, foi ali, pegou na minha mão e me pediu perdão! “O senhor, toda vida que o senhor passar acolá, perto da minha casa, cante o bendito que o senhor quiser!” “muito bem”, ai eu fiquei passando, todo ano eu cantava na casa dela.

A: O período de pedir as esmolas, é só o período da semana santa?

J: Só! Só três dias da semana santa. Terça, Quarta, quinta. Agora, sendo pra gravar os bendito, não dá certo porque não posso dizer a você quantos bendito eu canto numa noite, um lugar desse tem muita casa, e naquela noite que eu descí com você e seu esposo, era de um lado e outro, de um lado e outro, de um lado e outro até quando eu mandei vocês voltar. Por quê? Por que eu ia entrar em uma região ali da divisão (bairro da cidade), de bar e, a senhora sabe que respeito não anda em todo canto, tem os canto do respeito andar. Ai eu pedi pra senhora voltar. Por que eu ia passar em certos lugar e eles iam dizer uma coisa, uma parada, fosse que fosse que não... Combinava com você. Então eu mandei voltar só por isso. Não foi por outra coisa, foi só por isso. Por que de vocês andasse mais eu podia andar três, quatro dias, não tem problema. Agora o problema é que eu ando em lugar como esse, eu vou pra Assunção, eu vou pra Beliza que era onde eu morava que tem muita casa, mas ai eu já sei a casa que eu posso chegar, eu sei o lugar que eu posso passar, então meu plano só é esse, a penitencia só é essa

ai... É você ter responsabilidade, ter respeito por aquilo que você faz, que você tem respeito pelo seu estudo, esse meu, o respeito que você tem pelo seu estudo é o respeito que eu tenho pelo meu, viu? Se eu chegar, por exemplo, nesse instante, eu chego aqui, nesse instante, tem um horror de gente que nem tem aqui e eu digo: “Oh, menina, lê isso aí pra eu ouvir!” Você vai ler aquilo ali pra mim. Se você chegar e eu tiver, e tiver um do meu lado (penitente) que me acompanhe e você disser “seu Zé cante um bendito aí pra mim” pode ser meio dia em ponto, no meio da estrada, numa casa, numa calçada, eu canto!

A: Quantos penitentes têm hoje, no grupo, seu Zé? O senhor sabe dizer?

J: Quando eu parei, nós estávamos em quinze. Agora hoje acabou, né? Os nossos aqui mesmo se afastou-se tudinho. Uns deu pra beber cachaça, uns deixou, né? Agora tão pegando uns do lado do Canindezinho, naqueles mundo...

A: O senhor já chegou a expulsar algum do grupo?

J: Não! Saiu por que quis sair mesmo, mas não eu tenha mandado não. Nem eu mandei, nem ele mandou (João, o segundo mestre), por que nós somos dois chefe, eram três, faleceu um, ficou nós dois. Ai acontece o seguinte, quando ele podia ir, ele ia! Quando ele não podia ir, eu ia e era a mesma coisa.

A: O senhor já tá com quantos anos, seu Zé?

J: De que, de penitente?

A: De idade!

J: 84. 84 anos! Eu agora em dezembro faço 84. Tô dentro dos 84.

A: E ainda lembra do primeiro bendito?

J: Me lembro!

A: O senhor pode cantar pra eu ouvir?

J: Não posso porque eu sozinho não canto não!

A: Sozinho não, né? Só canta se tiver...

J: Foi esse aqui (aponta para o quadro na parede)

A: O de Nossa Senhora da Piedade...

J: Mas eu ainda, ainda... Posso fazer um pé ou dois...

“ Oh, virgem senhora mãe da piedade!

Nos valei das penas na hora da eternidade”

Daqui pra frente eu não posso fazer porque é preciso subir, ai não dá pra fazer...

A: Pois muito obrigada, se Zé, pela entrevista! Posso usar pra pesquisa?

J: Pode usar...

A: Posso colocar em livro?

J: O que tiver gravado aqui, não é mais nem menos, e o bendito que ele... se ele ficou gravado ai, se você ligar pra ele sair, eu não fechei nem o primeiro pé. Ele é cumprido e é forçado, ai uma pessoa só não pode cantar. Se eu sair não tem quem cubra aquela voz, tem que ser dois...

A: É toda uma ciência...

J: Tem que ser dois ou três... Se você, por exemplo, eu comecei, eu fiz ele aqui o primeiro pé, baixinho, se tivesse outro ao meu lado ele ficava mais visto, mais formado. Ai se tivesse outro, as voz vai subindo, vai subindo... lá por fim! Se o caba tiver o “foigo” curto ele não faz não porque ele é pesado. Ele não é de brincadeira, ele é de vera. É virgem senhora mãe da piedade, virgem matemática, e ai... Santa Tereza, e outros e outros, tem Sato Antônio, por ai tem tudo... São João (diz em entonação mais forte, talvez por ser o padroeiro da cidade), tem o bendito de São João Batista... Tudo é pesado!

A: Qual a relação do senhor com Pe. Ademar (pároco da cidade)?

J: É porque nós somos colega mesmo por causa da minha menina, que é testemunho... como é?

A: Coroinha!

J: Coroinha! Ai ele já andava já aqui, já vivia aqui em casa... Ai depois que a menina chegou lá, ai pronto...

A: Ele chamava o grupo pra...?

J: Chamava! Ele chamava, ele vinha aqui, pedia, marcava o dia, eu ia! Eu ia para aquela pracinha ali e ia lá pro cemitério dia de finado, tinha o bendito que eu gostava de cantar. Toda vida eu ia pra ali, ele dizia: rapaz, aquele bendito, que tu canta, daquela santa... “eu sei, eu tenho ela...” “você tem ela?” “Tenho!” Santa Terezinha do menino Jesus! Ela foi freira, ai ele, ele começa: Santa Tereza, foi freira menina com doze anos... daí por diante...

Eu tenho ela ali, em vulto, desse tamaninho (mostra estre os dedos um espaço de uns 15 cm), com uma cruzinha com o menino Jesus deitadinho na cruz. Eu tenho uma taboa ali cheia de santo. Vamos até aqui comigo, pode entrar! Pode entrar tranquilo!

(me chama até seu quarto para me mostrar seu oratório)

J: Éh, minha filha! Eu tenho minha devoção, minha devoção é de vera! Pode entrar, é aqui nesse quarto!

A: Licença!

J: Pode entrar! Olhe Kayrone (a bisneta, a coroinha que falávamos anteriormente) tá ai, óh! Olhe aqui, óh! Pai eterno grande, pai eterno pequenininho, Jesus cravado na cruz, arcanjo Gabriel, Nossa Senhora Aparecida, Santa Terezinha do menino Jesus, óh a cruzinha dela, tá vendo aqui? (aponta)

A: Tô!

J: Esse aqui, esse aqui, tudo tem bendito (aponta para as imagens de Santa Tereza e o do Senhor Morto, o Jesus crucificado), agora só que eu não posso cantar o bendito desse, nem desse, nem desse aqui que é meu Padre Cícero sozinho...

A: E essa é a cruz eu o senhor anda com ela né? (aponto para a cruz pendurada na parede, a cruz que sempre o vi carregar em todas as suas missões e serviços, sempre a frente do grupo).

J: É! Essa aqui é minha cruz, guardadinha aqui! (fala com carinho na voz) A opa tá aqui (aponta para o guarda roupas), o terço (pendurado na própria cruz)...

A: Esse é o ano de nascimento do senhor? (me refiro a uma datação pintada na cruz)

J: É! É! Tudo isso eu tenho!

A: Tá certo! Pois obrigada, viu? Pela entrevista...

J: As suas ordens! Agora eu não posso fazer nenhum bendito pra você por que tudo é puxado e eu não tenho mais forças...

## ANEXO II

**10 de novembro de 2020, as 14h23m, entrevista com Thatyana Kayrone Marinheiro da Silva, atual secretária de cultura da cidade de Cedro-Ce, para o projeto “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: as transformações e permanências no grupo de penitentes na cidade de Cedro-CE”, realizada por Ana Maria Vieira da Silva.**

A: Boa tarde, Kayrone!

T: Boa tarde! Está sendo uma honra recebe-la aqui com a gente, pra responder sobre os nossos penitentes aqui da cidade do Cedro. E falar sobre eles é algo enriquecedor e quando a gente recebe alguém que procura saber mais sobre a nossa cultura é... É algo assim que eu como secretária, me sinto lisonjeada, né? com tudo isso! Então quando eu recebi a sua mensagem dizendo que você queria vir aqui, fazer essas perguntas sobre os penitentes, eu fiquei muito feliz!

A: Como você, enquanto secretária de cultura enxerga... percebe os grupos de penitentes e as atividades que eles desenvolvem aqui na cidade do Cedro?

T: Eu vejo que é muito importante, não só pra nós que já temos uma grande trajetória, né? Como ser humano, mas também pra juventude, né? que a gente também se inclui nessa juventude, é... os nossos antepassados, nossos pais, nossos avós, eles contam as histórias dos penitentes em si, como eles atuam, a forma religiosa, como eles fazem a encenação, então eu acredito que, é... Permanecer essa cultura, do penitente na cidade de Cedro, é algo muito importante pra juventude em si também, o que eles ainda não sabem sobre os penitentes. Então é isso que a gente tenta fortalecer a cada dia.

A: Existe hoje ou já existiu algum projeto desempenhado pela prefeitura pra conservação e manutenção desses grupos?

T: Sim! A gente faz todo ano, né? um... uma... Vamos dizer assim: uma reunião com todo grupo, pra conversar como está indo esse tipo de apresentação, por que a gente sabe que tem uma data específica, né? para que eles se apresentem, mas a gente tenta sempre encaixa-lo em todas as datas comemorativas, a gente sabe que agora por conta da pandemia, a gente ia ter os festivais do Cedro, o centenário, e a gente procurou também encaixar os penitentes nisso ai, mas por conta da pandemia não teve como, mas a todo tempo, todo evento a gente tenta sim encaixar os penitentes nisso ai.

A: A prefeitura tem algum acervo de registro fotográfico, documentação ou catalogação referente a esses grupos?

T: Temos! Temos Sim! A gente tem arquivos com todas as fotos, com todos os representantes, dos participantes, temos nome completo, por que isso ai é uma forma de registro, né? pra quem procura, você como universitária, os cedrenses que querem ver mais a história dessas pessoas, porque cada um deles tem uma história em si, né? então a gente procura sempre deixar registrado em arquivo, pra que...

A: Eu posso ter acesso depois a esse material?

T: Sim! Pode!

A: Você já falou que a prefeitura sempre procura trazer... mas existe algum projeto de assistência a esses grupos ou vocês não se envolvem de forma a interferir efetivamente nesses grupos? Tipo, algum projeto de patrimonialização do município para com os penitentes?

T: Você quer saber se eles recebem algum benefício...

A: É! Algum benefício ou se tem algum projeto específico direcionado pra eles. De assistência...

T: A assistência que a cultura dá é referente a isso, quando temos os projetos, a gente tenta encaixar esses senhores pra fazer as apresentações por que a maioria deles já são de senhores, né? E gente sabe que alguns não tem ainda uma renda fixa, né? e a gente fica tentando trazer a todo tempo, mas assim: é, tipo, um contrato, oficialmente, não. Não temos!

A: Certo!

T: Mas é como eu tô te dizendo. A gente tenta encaixar sempre que possível!

A: O que seria, pra cidade do Cedro, o que significaria o fim desses grupos?

T: Nossa! O fim do grupo, eu... eu ficaria assim, triste, mais por conta de, de outras pessoas que ainda não tiveram a chance de conhecer. Eu falo por que sou mãe, eu tenho uma filha de 8 anos e eu quero que ela tenha o conhecimento, como eu tive o conhecimento de ver o grupo se apresentando um dia, então, você colocar isso numa folha, é lindo... Eu acho admirável por que isso vai enriquecer os leitores, né? quem pegar o seu TCC, vai saber quem é os penitentes de Cedro, mas quando o grupo em si se acaba, finaliza, aquela coisa concreta mesmo, é algo

triste pros jovens hoje em dia, a juventude que tá vindo aí pela frente. Então eu nem consigo imaginar um grupo de penitentes se acabar um dia...

A: Acho que é isso! Tem mais alguma coisa que você... Alguma experiência sua em relação aos penitentes, pessoal mesmo, que você queira retratar? Não como secretária, mas como agora pessoa cedrense?

T: Tenho!

Eu admiro tanto as histórias de como eu já falei anteriormente, dos pais, dos nossos pais, dos nossos avós, que contava as histórias “olhe, se não der a benção ao penitente, vai levar uma lapada” e aí, criou-se o medo, né? da gente ir assistir uma apresentação de um penitente quando passava na madrugada, batendo na porta com aqueles cantos e tudo mais. E hoje, não como representante da cultura de Cedro, eu vejo que eles tem uma forma de passar a religião deles mas, com uma forma de respeito, né; eu acho que só se faz história hoje em dia se teve uma coisa anteriormente, só tem história hoje pra contar por que eles existiram, né? A crença deles pode ser diferente da minha, mas é algo que aconteceu e que eles levam isso ao longo da vida. Então eu acredito que... eu acho que se o grupo de penitentes se acabasse, hoje, mesmo assim estando em livro, concreto assim, pra gente ler e saber que existiu, não é a mesma coisa não...

É só isso...

A: É isso! Eu posso utilizar essa entrevista na minha pesquisa, no TCC e quem sabe um dia se houver alguma publicação se eu posso lhe colocar registrar como a secretária de cultura e colocar seu nome no trabalho?

T: Pode sim!



**11 de novembro de 2020, as 17h39m. Entrevista com o Padre Ademar Alves, atual pároco da Igreja Matriz da cidade de Cedro, realizada por Ana Maria Vieira da Silva para o projeto: “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: transformações e permanências no grupo de penitentes da cidade de Cedro-Ce”.**

A: Padre, o que é a penitência para a Igreja?

P: A penitência para igreja é sempre esse momento de, de reparação, onde as pessoas reconhecendo suas faltas é... Realizam diversas práticas que para elas tem esse, esse sentido de reparação, de renovação interior, é como se diante de determinadas práticas que eu exerço, eu estaria passando por esse processo de purificação, então é... São gestos externos, mas que se espera uma transformação interna do coração do homem, uma... Uma transformação lá no interior do homem que muitas vezes maculado com tantas coisas, né? Então nessas práticas penitenciais, por exemplo: na antiguidade tinha esses ritos penitenciais onde as pessoas se deitavam sobre as cinzas, né? tinham varias práticas onde os penitentes, as pessoas que se penitenciavam viviam momentos bem intensos assim, colocavam o corpo mesmo com total exposição para que aquela prática, aquela determinada atitude dele pudesse trazer essa transformação interior, né?

A: A igreja impõe algum limite? Um “aconselhável”? Pra que não se exagere nessas, nessas práticas de autopunição?

P: Tem que ter sempre esse cuidado, por que, por exemplo: qual é a prática que a igreja mais orienta? É a questão do jejum, essa questão da abstinência de carne, dentre outras coisas são práticas que a igreja valoriza e ela incentiva, né? Agora, é sempre preciso ter o cuidado, por que, por exemplo, quando se fala do jejum, uma prática penitencial da igreja, como o tempo, enquanto você se abstém de algo, você está buscando aquela renovação interior, o alimento espiritual, mas sempre ter o cuidado pra não se exceder, né? por que tudo em excesso faz mal, né? Então a igreja ela orienta essas práticas penitenciais, sobretudo na quaresma, mas também durante todo o ano, é livre, e diante de determinadas situações a igreja pede jejum. Muitas, muitas pessoas jejuam não só no período da quaresma, tem pessoas que pensam que o jejum é próprio da quaresma... É com maior intensidade, mas em qualquer momento da minha vida eu posso jejuar, se eu “tô” precisando de alguma coisa, se eu vejo que alguma coisa em mim está precisando mudar, e que esse jejum que eu vou fazer ele vai me ajudar nesse meu processo de,

de... de crescimento espiritual, vai me ajudar nesse processo de libertação interior... Então, isso é importante, né? Mas sempre ter... A igreja orienta, ela não impõe, ela orienta, ela, ela, é... Oferece essas práticas para que, vivenciando-as, eu possa experimentar essa transformação interior, mas também que eu me abra para servir os mais necessitados. Por que essas práticas penitenciais, o objetivo primeiro, nós sabemos que é a transformação interior do homem, né? quando eu me penitencio, eu, eu, eu... Eu tenho essa oportunidade de refletir sobre as minhas escolhas erradas, sobre as minhas fraquezas e ao mesmo tempo eu tenho a oportunidade também de estar crescendo, progredindo... Oportunidade para progredir.

A: A gente vê que na religiosidade popular existe, é... Não sei se uma paixão, mas que a penitencia ela é vivenciada com mais força, principalmente quando a gente fala dos grupos de penitentes, que eu acho que isso que diferencia os penitentes que se penitenciam nesse sentido que o senhor falou e os penitentes em questão, de ordem. A ordem dos penitentes. Como o senhor enxerga essas práticas?

P: Eu acho bem interessante! Uma coisa que se tinha, no geral, essa questão da autoflagelação, quando as pessoas chegavam a autoflagelar-se (algumas repetições da palavra em erro), com determinadas práticas que isso de um certo modo era como se castigar o corpo, mas será que este castigo ao corpo estava trazendo alguma transformação pro coração? por que isso é sempre o que, voltando pro âmbito religioso é o que as sagradas escrituras sempre pedem, é tanto que no antigo testamento, alguns profetas criticaram muito essas práticas penitenciais. Tem até o profeta Joel que diz que é necessário rasgar o coração e não as vestes, por que rasgar as vestes, deitar sobre as cinzas, mas não ter um coração bom, aceitar essa transformação que a palavra de Deus quer causar no coração de nada vale esses ritos penitenciais, então os ritos tem que ter como objetivo maior a transformação do homem, do coração do homem.

Quanto a questão, voltando ao que você falou, da questão dos penitentes, são práticas tão simples, mas de uma... De um ensinamento tão profundo, porque isso tudo eles aprenderam na vida, né? não é uma celebração litúrgica, mas é um ato de uma profunda piedade, que encanta a gente. Você ver a tradição dos penitentes, eu, eu sempre costumo trazer aqui, por exemplo, na semana santa, já trouxe algumas vezes, por que os benditos, aquela piedade, sabe? a letra daquela música, o jeito deles se comportarem, as invocações que eles fazem, são palavras tão cheias, tão carregadas de significados, que enquanto eles, eles realizam aqueles ritos ali, na verdade também ali, a gente não pode ver só como uma coisa cultural, é cultural,

mas é também , leva também a um fortalecimento da espiritualidade da pessoa, por que tudo que eles cantam, tudo que eles fazem, os gestos deles ali, tem todo um sentido, né? e foram práticas que foram passados em geração em geração, se perpetuando, e essas pessoas conservam isso, em cada momento que eles realiza ali, nos ritos que eles celebram ali, nos momentos que eles celebram, com certeza ali eles vivem também uma transformação interior. A medida que eles realizam os ritos deles nas apresentações aquilo também está sendo uma forma de mostrar, levar cultura para o povo, mas também se fortalecer e de crescimento para eles.

A: A história ela traz a ordem dos penitentes como algo que veio da igreja, e a gente percebe ainda muitos símbolos da era medieval, das crenças medievais ainda hoje. Mas a ordem dos penitentes nunca foi reconhecida pela igreja como a ordem do sagrado coração de Jesus e outras ordens que hoje se tem. Eles nunca foram considerados pela igreja oficial, como o senhor percebe isso? O senhor sabe por que se deu, ou por que nunca se deu, na verdade...

P: A questão da organização da igreja é algo muito... Se leva em conta inúmeros aspectos, né? Não é que a ordem dos penitentes ela seja menos importante do que outras ordens que existem, que receberam o reconhecimento da igreja. Mas ai tem vários aspectos que eu não saberia dizer pra você, assim: o que levou a não ter esse reconhecimento por parte da igreja oficial, se é algo tão antigo, tão ligado a questão mesmo da religião... Então eu não sei explicar quanto essa questão, o porquê de não ter sido oficializado como uma coisa realmente ali como outras ordens que se tem... Mas com certeza, por que assim, na igreja, para ela acolher determinada coisa, para ela dar uma... Determinada coisa tem todo um estudo, um aprofundamento, são “N” aspectos que tem que ser observados pra que a igreja ela, ela... Guarde a doutrina, ela seja conservadora da doutrina, mas sempre com esse zelo, por que tudo tem que tender pra questão da espiritualidade, toda essa questão.

Não é que os penitentes não visem isso, até por que eu falei isso agora a pouco, então eu estaria me contradizendo, a espiritualidade é algo muito presente, todos os ritos deles tem o forte que é a espiritualidade, mas talvez aconteceram algumas coisas, tiveram alguns aspectos que levou a igreja oficial a não oficializar essa questão do, do... Dos penitentes. Mas o que eu acho bonito é que, independente de ter sido ou não oficializados pela igreja, essa tradição cultural e religiosa ela permaneceu, né? Então foi passando de geração em geração a questão da cultura popular, as pessoas que foram transmitindo para os outros, os movimentos foram acontecendo, os filhos foram vendo os pais vivendo aquele rito... Aquele ritual todo, foram

também entrando em tudo aquilo, por que o que nós temos nessas manifestações culturais, geralmente são famílias, gerações, né, foi algo que apesar de não ter sido oficializado pela igreja, repito, como alguns outros movimentos, mas foi algo que não deixou de ter o seu lado espiritual, a questão da espiritualidade, levando cultura, mas também falando de espiritualidade, que coo nós falamos agora a pouco tem toda essa questão do rito deles que é muito bonito. Então, foi passando de geração em geração e independente da oficialização ou não por parte da igreja isso expandiu, e hoje nós temos a cultura popular que infelizmente está se acabando, infelizmente as pessoas não estão mais valorizando, isso é uma grande perda, estamos perdendo raízes e referencias de movimentos tão importantes, que alegraram o povo, que fomentaram a cultura, que levaram alegria pra tantas pessoas através desses movimentos, eu cresci vendo apresentações culturais, a questão da cultura popular como os caretas, o São Gonçalo que também é uma dança religiosa, mas também tem todo seu aspecto cultural também, né? E isso foi passando, e a gente agradece a Deus por aqueles que ainda, que ainda vivem isso, que fomentam isso daí, né? Por que é algo que está se perdendo. Infelizmente!

A: O senhor já falou que tem uma relação com eles, a gente percebe até na fala que é há uma admiração por eles e eu pude acompanhar já na procissão do fogaréu algumas vezes, que o senhor os convidou... Como é essa relação? O senhor conhece um grupo específico, tem mais grupos que o senhor tem contato? Como é essa relação?

P: Eu tenho o contato com o grupo aqui do Santo Antônio, tem algumas pessoas do Santo Antônio, aqui do alto e tenho também o contato com o pessoal do grupo de Várzea Alegre que eles que organizam a questão do fogaréu, né? Então, a gente tem uma proximidade muito grande, por que são homens assim, de caráter, são pessoas de comunidade, são pessoas que tem uma vi... uma, uma vida espiritual também... Eles são muito próximos, sempre quando tem algum evento deles, eles fazem questão de me convidar é tanto que eu tenho um DVD de apresentações deles e tudo... E o que me faz gostar da questão dos penitentes é saber que eles, o que me encanta é por que eles preservam coisas que nunca deveriam ser esquecidas, sabe? Tradições dos antigos, que para muitos é besteira, tá ultrapassado, não existe, mas para nós, que temos as nossas raízes, nós não podemos esquecer, de que foi entorno dessas tradições que nós crescemos, que nossos pais viveram uma vida tão simples, mas tão cheia de significado, com tanta intensidade e esses movimentos infelizmente eles não são valorizados por muitas pessoas hoje, eles não tem a valorização que eles deveriam ter. Muitas pessoas não olham para esse movimento como algo que faz parte da nossa história. Então isso corre o risco de ir se perdendo, a minha admiração é por saber disso, que eles resgatam, que eles

valorizam, estão resgatando e transmitindo para as novas gerações coisas tão importantes e tão essenciais para a vida de uma comunidade. Isso tudo nasceu nas pequenas comunidades onde as pessoas viviam com tanta simplicidade, mas tinham tanto fervor, e esses movimentos, esse momentos, eu lembro como hoje, lembro demais, a questão dos caretas quando tinha na minha comunidade, era a maior festa da comunidade era a festa dos caretas e hoje em dia não se tem, então isso, se a gente não valoriza, se a gente não vai fomentando, não vai incentivando, corre-se o risco de se perder, né? Então eu gosto muito e sempre que posso eu trago eles aqui por que é uma forma de quando a gente vê uma apresentação daquela, os símbolos que eles carregam, tudo está muito ligado, muito, tem uma ligação muito forte com a religião, né? Os símbolos são muito religiosos, eles trazem consigo tantas coisas que fazem parte da religiosidade popular, do povo... Então tudo isso, é uma forma de valorizar a pessoa, nós somos seres culturais também, seres religiosos, mas também culturais. Nós temos em nós, está impregnando em nós essa questão da cultura e tudo mais... Então cada apresentação que eles fazem, eles resgatam coisas lá dos nossos antepassados e são capazes de trazer isso pro hoje da nossa história. E isso é importante, por que traz alegria e leva a gente a fazer memória de tanta coisa boa, que nossos antepassados viveram, fizeram e que eles hoje estão, valorizam e estão levando pra frente.

A: Infelizmente a gente vê, pelo menos no grupo que eu acompanhei uma, uma queda, nos integrantes, até por questão de idade avançada, de doenças, eles acabam deixando e não há essa renovação... E aí, o que o senhor acha ou na sua percepção, do por que não tem mais essa renovação, por que que as pessoas não olham mais para esses grupos como olhavam e se o reconhecimento da igreja, se houvesse um reconhecimento da igreja oficial se esses grupos não estariam diferentes hoje?

P: Eu acho que, a razão maior dessa questão da, da... Da diminuição, desse... De integrantes desses grupos culturais tão bonitos que a gente tem, eu acho que se deu a, a... Essas, essas coisas que nós, nós vivemos num mundo muito frenético, muito, muito imediatismo onde as tecnologias elas ajudam demais a gente, facilitam muito a vida de gente, mas por outro lado, elas nos distanciam de práticas que são tão essenciais pra manter essa unidade, sabe? essa, essa... Esse clima mais fraterno, de encontro. Por que cada manifestação cultural dessa, eu vejo sempre como um grande encontro, essas pessoas, elas são capazes de reunir em torno delas, com as apresentações que elas realizam, inúmeras pessoas, que se deleitam, que tem aquela atenção de ver...

Eu lembro que nós fizemos uma vez aqui a dança do “maneiro pau” numa apresentação e pessoas que nunca tinham visto aquilo, né? Foi uma festa de padroeiro e as pessoas assim boquiabertas olhando aquela apresentação, algo tão simples, mas tão significativo, né? então eu penso que o grande problema hoje nosso e o motivo de hoje a gente ter tão poucos grupos assim culturais, essa evasão das pessoas em relação a esses grupos culturais, se dá por que nós estamos entretidos em muitas outras coisas, essas novidades da sociedade que hoje existem e amanhã não, por que se você percebe, surge uma música, uma determinada tendência, uma determinada coreografia ou outra hoje, um mês depois não existe mais, e os caretas não, todo ano é a mesma coisa, digo enquanto ao rito, mas a cada ano era sempre uma novidade para nós. Por que a gente nem lembrava do que tinha acontecido ano passado diante da ansiedade de ver o que eles iam fazer naquele ano. E você vê que hoje tem tanta coisa, tá tudo tão, é... Tão passageiro, hoje tudo passa tão rápido, que as pessoas não tem mais essa memória, e isso vai se perdendo, então, essas apresentações culturais, a questão da cultura popular, ela se perdeu por que as pessoas estão preocupadas com modismos, sabe? com coisas materiais assim, com tanta coisa que as vezes nem tem tanto significado pra vida, mas elas vivem muito em torno disso e coisas tão valiosas como essas manifestações culturais, elas estão se perdendo, por que as pessoas preferem essas novidades tão passageiras da sociedade de hoje e esquecem de valorizar coisas tão antigas e tão novas que trazem alegrias, que fazem a gente reviver tanta coisa e que são uma, uma oportunidade da gente valorizar a questão da cultura, né? E isso tá se perdendo por que as pessoas não querem mais, preferem hoje outras, outras... Outros eventos, outras coisas, que muitas vezes produzem o que, né? Violência, né? Mal estar, vazio, e deixam de valorizar coisas tão, tão bonitas e que são capazes de fazer a gente refletir tanta coisa boa e trazer para o hoje, ajudar na formação, ajudar na... Nesse clima mais fraterno de comunidade, por que você vê nessas apresentações culturais, eu vejo os meninos do “maneiro pau” por exemplo, com nosso saudoso seu Neném, em torno dele ali estavam seus netos, os amigos da família, e tudo mais... Então, esses movimentos eles agregam pessoas, e infelizmente as novidades da sociedade de hoje elas distanciam. Elas estão levando as pessoas a um profundo distanciamento social, a questão do isolamento, enquanto que essas manifestações culturais, toda manifestação cultural que a gente vê nesse movimento de cultura popular eles agregam pessoas e isso que é bonito, reúnem famílias, né? reúnem famílias! Isso é muito importante!

A: Enquanto a religiosidade, esse grupo enquanto a fé e a religiosidade, como eu falei, como o senhor acha que ele estaria hoje se tivesse acontecido por parte da igreja esse chamado... Como posso dizer? Ter reconhecido mesmo esse grupo enquanto ordem dentro da igreja?

P: Se a igreja tivesse valorizado mais as mais diversas manifestações culturais, por que essas manifestações culturais no fundo, lá no fundo a gente vê que tem espiritualidade, né? Então, por um tempo se preocupou muito com a questão do culto e esqueceu-se de cuidar, de olhar, de valorizar as manifestações do povo nas comunidades, por que uma coisa é a missa, a missa é o centro, né? Mas as pessoas que vão a missa elas alimentam a sua espiritualidade e elas tem uma vida de comunidade e na vida da comunidade há diversas formas deles viverem a espiritualidade, eles viverem essa amizade, essa fraternidade deles e as manifestações culturais elas ajudaram, digo ajudaram por que hoje são poucas as que existem, né? mas elas ajudaram e elas podem ajudar a manter uma comunidade mais unida, então eu penso nesse sentido, a igreja por ter se afastado um pouco, considerado “não isso é coisa do mundo” por que a gente sabe que existe isso, muitas pessoas “Ah! Isso é coisa do diabo, é coisa do mundo, a igreja não pode se misturar com essas coisas” mas a igreja ela deveria ter sido a formadora e a incentivadora, né? Dessa questão da cultura popular, faltou muito isso. Eu vejo muito isso.

Quando eu me ordenei eu fiz um proposito de celebrar um São Gonçalo e algumas pessoas disseram assim: Ai Ademar, tu vai mandar tirar um São Gonçalo? Isso é coisa religiosa? Faz parte da religião? E eu disse: tem mais religiosidade do que muitos grupos que existem por aí! Eu tive que usar até essa expressão até, né?

Então eu acho que, por muitas vezes a igreja perdeu a oportunidade de fazer com que tantas manifestações culturais elas florescessem, elas ajudassem tanta gente a viver mais unida, mais... Com o clima mais fraterno, por que a gente começou a separar, a olhar com um olhar meio preconceituoso diante de determinadas práticas, sabe? e isso não ajudou, então talvez, se a igreja tivesse incentivado mais, acompanhado mais, formado mais até mesmo essas pessoas que, que... Que realizam esses movimentos culturais, talvez hoje seria uma oportunidade de eles estarem mais firmes até. Por que eu vejo aqui, na semana santa que eu chamo os meninos (os penitentes) pra, no sábado de aleluia, pra apresentação deles diante da fogueira, que a gente sempre faz o fogo pra ascender o círio, a alegria deles, então é uma forma deles se sentirem valorizados. O que eu acho que faltou muito da parte da igreja foi essa valorização, valorização. Não foram valorizados, não foram vistos naquilo que eles faziam, então isso também vai fazendo que a pessoas vá se desmotivando um pouco, por que o Estado nem

sempre vê, nem sempre cuida, nem sempre incentiva e como eles tem essa espiritualidade muito forte...

A: E eles se reconhecem católicos...

P: Exatamente, eles se reconhecem católicos, movimento tudo católico, todo mundo ali, mas eles não foram valorizados, então eu acho que isso fez com que eles se desmotivassem um pouco até também, né?

A: Ainda existem algumas pessoas da comunidade, aqui do Cedro, da cidade, que chamam esses grupos pra fazer celebrações em suas casas, em aniversários de morte, aniversário... E, também está se perdendo por que a gente percebe que são pessoas mais velhas que tinham um convívio mais em comunhão, em comunidade realmente. Como o senhor percebe esses cultos domésticos?

P: É uma oportuni... Eu... Eu estava escutando, um dia desses, uma pessoa, um membro dos penitentes dizendo “padre nós fomos rezar um terço hoje com o grupo dos penitentes” e depois ele mandou pra mim, um vídeo, com algumas fotos, como aconteceu, né? e aquilo me impressionou e como eu fiquei feliz, por ver tanta gente reunida, a oração do santo terço acontecendo, daquele jeito deles, com todo o ritual, tudo organizado, mas sempre presando pela espiritualidade e agregando pessoas, então... Como isso é bonito! A igreja nasceu assim, ela se expandiu a partir das casas das famílias, não existia igreja, templos de tijolos como hoje existem, catedrais, basílicas, não! Onde eram as igrejas? as casas das famílias, ali eles se reuniam pra fra... pra a escuta da palavra e pra fração do pão. As celebrações aconteciam nas casas das famílias, então, esses momentos que eles fazem, esses momentos de oração que eles fazem nas casas das famílias, reunindo ali as outras famílias ali próximas, é uma forma de resgatar muita coisa, de preservar também muita coisa, a amizade, a unidade, a fraternidade daquela família, então... É um movimento muito interessante, que tem um significado muito profundo pra vida da família, por que enquanto eles se reúnem, eles vem tudo caracterizado, tem os benditos, a oração do santo terço, tudo... É algo tão belo e que, acredito eu que aquelas pessoas que estão ali naquele terço, não voltam as mesmas pra casa, por que ali elas tem oportunidade de reza, mas também de ver a cultura popular sendo divulgada, expandindo ali. É um movimento muito bonito! Essa questão do culto domestico, as celebrações na igreja, as celebrações nas casa, a casa da família como aquela igreja domestica, onde as pessoas se reúnem para rezar mas também para partilhar a vida, as suas experiências, isso é enriquecedor demais, né?



A: Padre, muito obrigada pela entrevista! É, posso, estou autorizada a usá-la na minha pesquisa e possivelmente em uma publicação?

P: Está autorizadíssima e eu agradeço... Quero primeiro parabenizar você por essa iniciativa tão bonita, fiquei muito feliz e também parabenizo você pelo seu empenho e dedicação e peço ao Senhor que continue abençoando sempre mais sua vida!

A: Amém!

### ANEXO III

**05 de maio de 2021 as 09h08m da manhã. Entrevista com João Inocência da Silva, realizada por Ana Maria Vieira da Silva, para o projeto “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas, as transformações e permanências no grupo de penitentes da cidade de Cedro-Ce”.**

A: João, o que é ser penitente?

J: Rapaz, ser penitente é ver um símbolo que o pessoal criaram pra acompanhar o sofrimento de Jesus, né? Por que você sabe que Jesus sofreu muito, né? Só que depois que eu comecei, eu conversei com essas pessoas que entende mais um pouco do que mim, né? e eles falaram que a gente podia seguir “vocês pode seguir” só que tem um problema, antes existia um corte, não sei se você sabe... Mas existia um corte, era com umas laminzinhas e cortava, ai eu conversei com o Bispo “rapaz, vocês pode fazer a penitencia de vocês normal, porque isso vem desde o começo do mundo, né? mas o corte eu não acho que seja certo!” eu disse porque, Bispo? “por que o corte é o seguinte: vocês vão derramar seu sangue, Jesus derramou o sangue dele, mas foi pela mão dos outros, por tanto eu acho que não tá certo.” É tanto que eu só cortei uma vez. Aí depois eu parei e não me cortei mais não, segui só fazendo terço, cantando, fazendo na semana santa, né? a gente sai os 3 dias, terça, quarta e quinta, quando a gente tem condições de sair, quando não tem também não sai, né? E assim a gente vai levando assim.

A: Essa saída da semana santa, é pra pedir as esmolas?

J: É, assim, a gente sai pra pedir o Jejum que nem chama os mais antigos, o jejum... Só que eu, minha pessoa, eu saí, quando eu morava no sítio, eu saí 10 anos, aqui eu nem sei quantos anos eu saí. Mas sempre eu saí assim, quando eu chegava de manha em casa, que eu recebia a minha parte, a metade que eu recebia eu doava pras pessoas necessitadas. Sempre que a gente também chegava em uma casa que a gente pedia a pessoa dizia que não tinha, tirava do que tinha, e “adoava” pra pessoa. Sempre meu jeito foi esse. É tanto que os meninos que me acompanhavam tudo eu levei nesse ritmo, né? que já vem dos meus pais, meu pai era penitente, eu tenho um tio também que era e quando a gente começou ele disse “ó meu filho eu vou logo dizer a você, ser penitente não é só ser penitente, tem que você seguir a tradição” eu disse “tá bom, eu quero que o senhor me diga, o que é a tradição” aí ele foi e me ensinou as

coisas como era “é assim, você dá, você recebe, você dá... que seja assim, viu?” Daí a gente segue assim, né?

A: Sabe como surgiu o grupo? Quanto tempo faz que tem aqui no cedro? Quem trouxe?

J: Rapaz, de tempo aqui no Cedro, faz muito tempo. Eu não sei nem lhe informar o tempo, porque eu era criança e já existia penitente. A primeira vez que eu vi penitente foi vindo de Várzea Alegre, eles vieram aqui, vieram na casa de um senhor que tinha lá que ele era muito católico, eu tinha 8 anos de idade. Na época, eu até lembro que quando eu vi... nesse tempo ninguém sabia quem era penitente não, por que penitente andava de cara coberta ninguém conhecia, né? Ai eles rezaram o terço, cantaram, quanto terminaram eu fui, virei pra pai e “pai quando eu crescer eu vou ser isso aí” ai pai disse “meu filho, ser penitente não é fácil, você tem que entrar no ritmo” Ai eu digo “mas pai, como é que eu faço pra ser isso aí?” Ai foi onde ele me falou “meu filho eu sou penitente” e eu não sabia ainda né? “eu sou penitente, você tem um tio que é. Se você se interessar de hoje em diante eu vou lhe ensinar” aí foi que ele começou a me ensinar e eu me interessei... Meu tio eu não cheguei a conhecer “esse seu tio é muito bom, sabe muito bem...” ai ele foi me ensinando e eu fui aprendendo os bendito...

A: Com quantos anos o senhor entrou?

J: Eu tá com 40 anos.

A: O senhor tem quantos?

J: Eu tenho 62. Vou fazer 63. Quando eu entrei mesmo de verdade eu tinha 22 anos, 20 anos, por uma coisa assim. Que eu entrei na penitencia, ai de lá pra cá eu vem... eu passei um tempo parado, eu passei uns 4 ou 5 ano parado porque foi o tempo que minha turma foi... eu morava no sítio, aí minha turma foi indo embora e eu fiquei só, aí eu tentei arrumar outra turma mas você sabe que esses jovens não quer nada na vida, aí quando eu vim pro Cedro eu me entrosei com os meninos daqui.

A: Tem quantos aqui no Cedro, o senhor sabe me dizer?

J: Rapaz, penitente aqui no Cedro tem na faixa de uns 30. Penitente! Que agora, pedidor de esmola, tem muito... mas penitente tem uns 30, do meu alcance, que eu conheço, que cantou comigo, que eu sei que segue direitinho. Daqui do Cedro mesmo, no sítio tem muito também, mas aqui no Cedro é nessa faixa.

A: O senhor aprendeu tudo com o pai do senhor falando e o senhor escutando...

J: Falando e eu fui escutando. O que ele sabia ele me ensinou. A cantar bendito... Já lá no sítio eu só fazia sair na semana santa, eu não rezava terço... Quando eu vim aqui pro Cedro, foi, tava com uns mês que eu morava aqui mais ou menos, aí eu fui, tava ajudando até um rapaz aqui (aponta para a casa vizinha) a mudar dessa casa pra uma ali (aponta para a rua da frente) aí eu vi eles chegamos ali na casa de seu zé limeira ali pra rezar o terço, aí fui chegando, encostei, ouvi o terço todinho, eu só tinha visto esse terço porque eles não tinha andado lá né? Aí quando foi no outro dia, eu desci e encontrei com um dos meninos ali, que eu já conhecia, mas não sabia, sabe que naquela época o povo era tudo oculto, os penitente andava tudo coberto, né? Aí ele foi e... Eu fui e disse: rapaz, o senhor tava naquele terço “dassanoite” num tava? Ele disse “tava” eu disse: rapaz eu achei muito bonito, ele disse “é?” eu disse “é!” aí eu fui e contei “rapaz, eu também sou penitente” ele disse “e é?” eu disse “sou” “pois vamo andar com a gente!” eu disse “pois tá certo” aí eu comecei andar com eles. Comecei, comecei... Quando foi com uns 2 anos mais ou menos ele adoeceu, já tava próximo a falecer, aí ele mandou a filha dele me chamar aqui em casa, aí eu fui, e disse: o que era, seu Francisco? Era Francisco e a gente chamava de Chico Teixeira. Eu disse: o que é? ele disse: eu mandei chamar você porque eu vou, eu sei que não escapo, eu vou lhe entregar tudo. De hoje em diante você vai ser o chefe, eu lhe entrego tudo. “mas seu chico eu nem experiência eu tenho” ele disse “tem! Você tem experiência e tem talento. Dá certo!” Aí eu comecei e deu certo.

A: Tem um grupo formado hoje ou assim, vocês ficam chamando quando tem alguma coisa...

J: Fica chamando. Porque assim, você sabe as vezes o caba tem um dia que dá certo e o outro não dá né? mas quando sempre tem um terço que eu vou lá, tudo vem, os que eu chamar vem. Vem tudo direitinho, faz tudo direitinho, aí nós tamo virando assim, né? Aí com essa pandemia a gente parou um pouco, você sabe que o pessoal, muita gente não quer ninguém indo na casa, né? a gente tá... Esse não, o menino foi uma promessa que fizeram, a gente vai rezar esse terço lá, que lá tem que rezar sete terço, porque lá, é cada ano um terço, todo dia 05 de maio, aí a gente vai lá rezar, se não chover, porque se chover não vai dar não, muda pra outra data.

A: A comunidade chama vocês, tem muita gente que chama...

J: Chama, chama! Muita gente chama, a gente é convidado, as vezes eu tô aqui e chamam “ei, vamo lá em casa pra rezar um terço e tal” ai a gente vai. É assim... Às vezes, tá com uns 4 anos que a gente foi chamado pra cantar em Ouro branco, lá perto de...

A: Eu sou de lá!

J: Pois é, pois nós fomos cantar lá. Até os meninos que a gente já tinha marcado aqui, passar as 3 noite, pra sair na terça, quarta e quinta. Ai o rapaz veio aqui em casa e eu disse, rapaz, é o seguinte, eu depois de marcar uma coisa eu não gosto de desmarcar, se eu marcar uma coisa com você, você pode esperar que no horário eu tô lá, se eu não tiver antes. Eu sou assim, não gosto de atrasar nada, aí ele foi e disse “e o que é?” Eu fui contei: a gente já tá marcado pras três noites pra três sítios. “Mas rapaz, era uma promessa que eu tinha, fui valido com essa promessa, e tal, ai eu queria” Eu digo: só tem um jeito, eu vou conversar com os meninos, se eles aguentar as quatro noites, nós vamos na segunda. Ele disse “vocês vão?” eu disse “vamos!” “eu vou fazer tudo lá por vocês, vou fazer tudo, vou esperar por vocês” eu disse: pode esperar! Se um bocado não for, eu lhe garanto que ao menos cinco eu levo. Ele disse: você indo uns cinco já tá bom demais. Eu quero porque lá tem umas casa que a gente quer cantar lá, o pessoal quer conhecer... Eu digo “tá certo! Nós vamos” Ai eu sei que eu ajeitei 6, fomos de moto. Chegamos lá fomos bem recebido, lá nós fomos bem recebido! Lá nós fomos recebido decente. Receberam a gente muito bem, a gente cantou a noite quase toda, só não cantou toda porque choveu, aí parou um pouco, mas fomos bem recebido, lá. Lá seu lugar lá é bacana, fomos bem recebido, dizer o que é, nós recebemo tanta esmola que eu pensei que nós não ia conseguir trazer, o povo lá são bacana. Agora tem uma coisa, eu passei a noite inteira cantando o bendito de São José, o padroeiro lá é São José, toda casa que eu chegava, que eu cantava o bendito e pedia a esmola, saía uma senhora ou um senhor “ei o senhor sabe o bendito de São José?” “sei cantar” “rapaz pois cante” “quem pedir eu canto, não tô nem aí, passo a noite todinha cantando” passei a noite todinha, quando já vinha terminando, não tem aquela igreja lá? (refere-se a capela que fica no centro do distrito) Já era assim, umas 3h30m pra 4h00m, já vinha querendo chover, eu digo “apois já que eu cantei o bendito de são José a noite todinha, eu vou cantar aqui um na igreja” ai cantei um bendito em frente a igreja e encheu de gente lá ao redor “o que é?” “aqui é os penitente” um bocado de gente não conhecia, muita gente não conhece, acharam muito bom, disseram que “quando quiser vir pode vir” mas de lá pra cá, não deu mais certo. O Senhor que morava lá parece que não tá mais lá, ninguém ouviu mais falar de ninguém, aí não fomos mais não. Agora tem uma coisa, de lá pra cá não conseguimos voltar pela estrada, que nós anda aqui por dentro (refere-se a

uma estrada alternativa, de chão batido, sem asfalto), viemos por lá (referindo-se a BR que liga as cidades), mas deu certo. Fui lá e gostei.

A: Tem algum penitente novo, que entrou ou não? São...

J: Rapaz, não, tem, tem. Entrou dois rapaz que até agora eles tão seguindo, entrou 3 mas um desistiu, era um cabinha novo, logo ele, o pai dele era envolvido com, com coisa errada, né? Ai ele, faleceu, mataram... ficou o rapazinho com medo também de acontecer alguma coisa com ele, foram embora ai saíram. E o rapaz era bom! Ele tinha 14 anos, mas o menino era bom, bom mesmo, até um dia eu brinquei com ele, na casa dele pra poder ir pro terço eu digo “olhe, você pra ser penitente hoje você tem que fazer um cote” ele disse: eu faço! Eu faço na hora! Faço na hora não tenho medo não. Aí quando chegamos ele disse “como é” eu disse: não eu tô é brincando com você, isso não existe mais não, existia quando eu entrei, quando eu entrei existia, mas agora não existe mais não. Vou fazer isso com você não. Ai a gente deu continuidade. Passou um ano e pouco comigo, ele vinha aqui em casa, eu ensaiava com ele, ensinava. Ele era até bonzinho mas depois que mataram o pai dele, ele, acho que com medo, foram embora, perdi o contato.

A: Os outros dois tem mais ou menos que idade?

J: Esses outros dois tem uns 20 anos, uns 25. Ai tão seguindo, só que não é na minha turma, é na turma de outro rapaz lá. Eles estão seguindo. Mas eles sempre vem aqui em casa, eu oriento, porque quando eles pega qualquer coisa que eles vê que num... eles vem aqui em casa pra eu orientar. Porque você sabe, tudo tem que ter uma pessoa pra orientar, porque, do jeito que a gente vive hoje... eu digo “olhe, vocês tem que sair, vocês tem que respeitar o povo, se chegar em uma casa, a pessoa disser, ‘rapaz eu não tenho’ pronto! Não tem, não abrir a porta, não tem problema também” porque hoje em dia todo mundo tem medo de abrir a porta, né? a partir da meia noite, ai eu digo “vocês tem que sair, mas é assim, vocês chegar em uma cada, não abrir, pronto, vai embora, cante em outra casa, não tem que dá piada, acabou, pronto, a gente faz o certo, né? Eles tão seguindo...

Esse ano não, esse ano saiu duas turmas só, eu mesmo não saí não, minha mãe também estava doente, eu não podia sair de casa, aí eu não saí não. Mas umas duas turmas saíram.

A: Quando o senhor entrou, ainda era de rosto coberto?

J: Era, era!

A: Por que deixaram?

J: Por causa sabe de que? eu vou lhe dizer... Da vagabundagem! Que tem hoje. Aí você chega na casa de uma pessoa com o rosto coberto, a pessoa não vai saber quem é, não vai abrir, né? Aí, nesse instante, aqui no Cedro eu conheço todo mundo, aí se eu chegar com a cara descoberta todo mundo vê aí abre, mas se eu chegar com a cara coberta, ninguém abre. A gente foi e acabou a tradição por isso. Mas sempre que a gente vai fazer uma apresentação na igreja a gente vai de rosto coberto, e outra, no meu tempo também pra entrar na penitencia, tinha que antes ter o corte. Se você não tirasse o corte, não entrava não. Você tinha que tirar o corte. Agora isso você se cortava que o sangue descia no chão, fazia astro no chão. Era. Quando eu entrei era assim, hoje não, hoje qualquer pessoa pode ser, é só ter talento, ter voz, não ser uma pessoa estressada, que você sabe que tudo hoje você tem que ter comportamento, né? se você for estressado você não dá pra nada, né? o problema só é esse, tem que ser assim...

A: O padre daqui, ele chama vocês pra...

J: Chama, chama! Eu já me apresentei umas quatro vezes lá na igreja, que ele mandou chamar, foi. Mandou chamar, ele mandou chamar e nós fomos...

(a esposa do penitente chega com refrigerante e nos oferece bolo)

J: A gente foi, se apresentamos umas quatro vezes. Nós se apresentamos uma vez aqui no cemitério, no dia de finados, se apresentamos duas vezes naquela Praça São José, tu sabe aqui, onde sobe aqui no pega avoante. E outra vez foi, deixa eu ver aqui onde foi... lá na divisão. Foi, as vezes que nós se apresentou.

As três vezes eu fui com a minha turma (a turma fotografada), aí nessa ultima vez aqui no cemitério eu arranjei, foi eu, minha turma, uma turma ali do alto e uma da vaca morta, eu convidei, eles vieram e a gente foi todo mundo. Tinha na faixa de uns 30 a 40 penitente, a gente cantou até umas 10h30m, 11h00m, separaram nós, dividimos a turma assim separado, só que eu dividi diferente.

Da minha turma eu coloquei um na do outro, da outra eu coloquei na minha pra entrosar tudo junto e deu certo. Por que sempre que a gente usa, quando a gente vai cantar um bendito, vai cantar em 6, a gente canta de três e três responde. Pra ficar mais bacana, aí as vezes tem um cara que faz segunda voz, aí tem outro que faz só a "baixon", aí tem que cantar assim, né?

A: E a prefeitura daqui, dá algum apoio a vocês? tem algum projeto?

J: Rapaz, de prefeitura aqui eu nunca recebi nada! Se eu disser que eu recebi eu tô mentindo!

A: Nenhum convite? (me refiro a apresentações)

J: Um convite veio uma vez, mas, quando foi no dia de nós ir, que eles convidaram a gente, mas no dia de nós ir choveu e não deu certo aí pronto de lá pra cá não deu certo mais. Mas eu não recebi nada de prefeitura. Diz que teve uns meninos ai, uma turma ai que receberam, por uma apresentação receberam, mas se eu disser a você que eu recebi eu tô mentindo, né? Eu não recebi não! De jeito nenhum! Agora convite do padre eu recebi muito, pra participar.

A: Como a comunidade recebe vocês nas casas? Tem muita gente ainda que respeita, que acha legal, que gosta? Ou já são mais...

J: É o seguinte, eu vou lhe explicar direitinho, olhe, tem umas comunidade que chama a gente que a gente vai e é muito bem recebido, que nem eu fui lá no ouro branco. E outros recebem mas você já ver que é um negócio que você vê que eles não dão muita crença, né? Porque tem uns que chamam a gente e faz uma despesa maior do mundo, faz janta, faz tudo, como você viu ali, naquele dia que você foi, né? no sítio também tem gente daquele jeito ali, aí é assim... Em uns você é bem recebido, em outros você não é, tudo que a gente vai fazer é assim né? tem de tudo. Mas sempre a gente é mais bem recebido, sempre a gente é mais bem recebido.

Tem muita comunidade... No sítio que morava lá, no sítio, ave Maria, se eu for fazer um terço lá, ou uma semana Santa, eles não deixam eu vim, tem que passar uns três dias lá porque eles não deixam vir embora não, que todo mundo já conhece já gosta, né? que minha origem é de lá, né? Aí eles são assim.

Lá só tinha eu, os outro foram tudo embora, a gente começou lá e eu findei vindo praça, mas eu comecei lá no sítio onde morava. Lá eu cantei sete anos, foi uma promessa que eu fiz, eu passei sete ano cantando. Agora lá eu cantava, mas não fica com nada! Eu cantava, minha promessa era pra o que eu catar, o que receber, adoar pra quem não tinha nada. E sempre aqui eu continuei, né? Nesse mesmo ritmo, né? Ficava com pouco e dava o resto pra quem não tinha. Por que eu acho que certo seja assim...

E outra! Outra vez eu fui cantar num sítio, pro lado da assunção, né? Aí chegamos numa casa, começamos a cantar e saiu um senhor “rapaz, eu não gosto disso não!” eu digo “e não?”, ele disse “não! Sou muito chegado não” eu disse “não tem problema, moço! Tem problema não!”



Aí a esposa dele saiu e disse “Não, não é assim não!” a esposa dele, disse. “você é um cachaceiro sem futuro” ela disse “você é muito é sem futuro, faça isso com o rapaz não. O rapaz anda ai, isso é um povo de Deus, esse povo não faz mal a ninguém, esse povo ai é um pessoal que anda cantando nas casa pedindo jejum, canta um terço na casa de uma pessoa, isso é um pessoal bem dizer de Deus, abençoado! Não faz mal a ninguém!” Ele ficou assim... “É, já que a mulher quer...” eu disse “não, não casse problema com seu esposo por causa de nós, nós estamos saindo” ai fomos saindo e fomos embora. Depois de uns oito dias eu vi ela “não, você me desculpe” “não, não tem problema não, tem problema de jeito nenhum não”.

Nós ia deixar a mulher cassar problema com o esposo por causa de nós? não, deixa pra lá. Calma.

A: Dos benditos o senhor sabe quantos o senhor canta hoje, sabe hoje?

J: Hoje decorado? Na memória? rapaz, é o seguinte, eu sei mais de 200. Se eu for cantar uma rua dessa aqui, eu canto a noite todinha, de casa em casa, sem cantar o mesmo bendito. Cada casa eu canto um bendito diferente.

A: Tudo de cabeça...

J: Tudo decorado na memória.

A: Qual o que o senhor mais gosta?

J: Rapaz, óh! Tem muitos... mas o bendito que eu sou mais chegado é o sofrimento de Jesus Cristo. Que é o bendito que ele foi coroado com a coroa de espinhos. É sempre o que eu canto.

A: O senhor pode cantar um pedacinho?

J: Posso cantar na hora!

Com a coroa de espinhos,

Botaram em sua cabeça,

Lhe botaram em uma cruz,

Lhe pregaram num madeiro...

Lágrimas dos olhos caía,

Sangue do corpo escorria,  
Chorava Nossa Senhora,  
Com o sofrimento que via!

Quanto mais ela chorava,  
Mais o sangue escorria,  
E ela pedia ao pai:  
“tenha dó do nosso filho!”  
Pois o Pai lhe respondeu,  
“nosso filho tem poder!  
Você como é mãe ajude,  
Nosso filho vai vencer!”

E o judeu que lhe traiu,  
Traiu por 30 dinheiro,  
Depois que traiu Jesus,  
Ele se arrependeu...  
Quando foi no outro dia,  
Este judeu traidor,  
Pedi perdão a Jesus,  
E Jesus o perdoou!

Sua mãe chorando tanto,

Chorando dizia assim:

“meu filho você está certo, eu também fazia assim”!

Ofereço esse bendito,

Ao Jesus pai criador,

Na intenção dos penitentes,

E do judeu traidor!

Na intenção dos penitentes,

E do judeu traidor!

Pronto!

A: Muito bonito!

Seu João, muito obrigada! Poso usar essa entrevista no trabalho posso fazer publicação?

J: Pode usar! Pode usar onde você quiser! Pode usar! Não tem problema nenhum.

A – Muitíssimo obrigada pela entrevista.

J – De nada! Tá certo!

## ANEXO IV

**18 de maio de 2021 as 19h09m. Entrevista com Francisco das Chagas Barbosa dos Santos, realizada por Ana Maria Vieira da Silva para o projeto “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: as transformações e permanências no grupo de penitentes da cidade de Cedro-Ce”.**

A: Boa noite, seu Francisco. Como é ser penitente?

F: Ser penitente é o seguinte, é uma tradição que a gente tem a mais de 80 anos, certo? Eu fiquei sabendo o que era ser penitente através do meu pai, que já foi um penitente, e eu segui o destino que ele tinha. Depois que ele parou ficou dois senhores na idade de 80 ano, também pediu pra eu seguir o rumo de penitente. Penitente é muito simples, pra quem não sabe eu tiro como a igreja católica. Fala em santo, pede um jejum na semana santa, no meu caso quando eu peço, eu não fico pra mim, eu doou pras pessoas mais carente do que eu. Antigamente quando morria uma pessoa numa casa, com sete dias a gente tirava um terço na casa de quem faleceu e no cemitério, sempre chamavam a gente, mas de um tempo desse pra cá o povo veio se afastando. Eu sou do tipo de pessoa que se dependesse de mim, a penitencia não se acabava nunca, mas não depende só de mim... Nós era em 10, tamo em seis... Mas os penitente é isso que eu tô te falando é coisa que vem do começo... Do começo do mundo, porque meu pai quando era rapaz já existia os penitente.

Os penitente da época do meu pai era assim, se você chamasse eles pra ir numa casa, nem minha própria mãe sabia pra onde ele ia. Na hora de rezar ele saia por uma cozinha e entrava... Hoje não, hoje tá... Tá comum. Hoje todo mundo já sabe quem é eu, quem é fulano, quem é ciclano. Antigamente existia o negocio de você de se cortar que chamava disciplina, ainda hoje tem a disciplina do meu pai, mas ninguém nunca chegou a usar isso aí. Que eles dizia que a penitencia maior que tinha era essa daí. Semana santa tinha as noites que saia nas quartas e nas quintas, como eu saio aqui, pedir aquele... Não é esmola, é o jejum dos penitentes. Que que acontece, aqueles que não adoa pra ninguém fica pra eles, eu, eu... Como nós chama é o coroa, eu sou o coroa, né? da história... a gente, eu separo minhas esmolas,

dou a deles pra lá, a minha eu fico pra mim... só que as minha eu não fico com ela, eu arrumo uma pessoa, como eu acabei de falar, uma pessoa ais carente que eu e dou, porque ninguém vive e esmola de penitente. Isso é uma coisa que eu quero, enquanto eu puder seguir a carreira de meu pai...

A: E como é aqui na comunidade, eles chamam vocês pra tirar terço, pra fazer reunião nas casas, ou não? Como é a aceitação da comunidade com vocês?

F: A comunidade é o seguinte, eu sou sincero com minhas coisas... Eu queria que as comunidade do santo Antônio fosse igual várzea alegre. Em várzea alegre é muito bonito, eu contei cento e... Na época que eu fui, cento e dois penitente. A gente saia de uma igreja, ia pra outra. Ficava um pessoal lá em cima acenando pra nós e uma turma de mulher tudo de branco, acompanhando a gente. Agora eu faço que nem a história, as daqui não... tá entendendo? acabou-se. É como eu falei pra você, de primeiro a gente rezava nas casa, na igreja quando chega a sexta feira santa a gente tem obrigação de cantar uns bendito lá, toda sexta feira, mas isso aí, a igreja católica não procurou mais a gente.

A: Teve renovação no grupo? Jovens entrando no grupo?

F: Teve. Só esse rapazinho que eu falei pra você. Os outros já são mais maduro. Tem uns com 25, 30 anos.eu comecei de novinho só que eu me afastei, morei 10 anos em são Paulo, quando eu voltei ai eu fui e entrei no mesmo sentido de penitente. Os velhinho daqui faleceram e pediram pra eu seguir essa carreira como eu tô seguindo até hoje. Se depender de mim eu vou atrás de gente que queira. Não quero penitente só pela esmola. Eu quero penitente que faz como eu faço, se eu chamar 'vamo pra tal canto' vocês tem que ir. Inclusive nós tem até a roupa que a prefeitura deu pra gente aí, quando vou pra Várzea Alegre eu levo, na semana santa aqui a noite, nós usa roupa normal, que chama a 'opa' dos penitente...

A: Vocês tem apoio da prefeitura?

F: Não, não. Nós não tem apoio de nada... O apoio que nós tem da prefeitura é quando a gente é convidado pra ir uma viagem a várzea alegre, que eles manda buscar a gente aqui e manda deixar. Inclusive nós fomos... eu, a turma aqui do santo Antônio, eu fui representar o Cedro, né? com um pessoal lá da caiana, na caiana também tem outro grupo de penitente. Nós representamos o Cedro lá em Várzea Alegre e eles disseram que iam convidar a gente pra fazer uma participação em... Depois do Crato... Lá em Barbalha. Nós estamos esperando. Eu

fiquei orgulhoso lá da turma de Barbalha que o mais velho tinha 50 anos, os outros era de 18 a 25anos. Muito bonito a participação deles.

A: Aqui não tem muito esse interesse dos jovens?

F: Não tem, não tem... Você tire pelo meu rapaz (filho), canta, mas... É uma coisa, minha filha que é bonito, só que é difícil. Você sabe que essa rapaziada de hoje não se interessa por esse tipo de coisa. Eu puxei a meu pai, toda vida saia mais eles, o chefe deles dizia assim: olhe você fique só ouvindo pra depois... Eu fui logo pegando o ritmo como era os penitente e tudo, graças a deus até hoje eu já tô com 57 anos e não quero parar não...

A: O senhor aprendeu com o pai do senhor...

F: Foi! Só com o meu pai, não tinha esse negocio de ninguém copiar pra mim ler nem nada não. Só na memoria que eu sempre escutava, quando eles começava, porque é o seguinte, são dois pé, né, começa num pé e repete mesma coisa, até... Eu ficava só ligado. Quando eu não ia, onde eles ficava cantando... E o mais bonito é de longe. Você tá deitado aqui (aponta para o alpendre da cozinha) você escuta eu lá naquela vila. Então eu ficava deitado ouvindo, foi com o que eu aprendi. Ai dizem “Tanta, rapaz, mandou copiar?” não, não, eu sei numa faixa de uns 20 bendito mas é tudo aqui (aponta para a cabeça), só que eu vou copiar, porque amanhã ou depois pode alguém querer entrar, né? Fica mais fácil.

A: Como funciona a irmandade? o senhor é o chefe...

F: Sou, eu sou o que chamam de coroão, eu é que comando os outros 6, comigo 7. Na véspera da semana santa, nó se reúne no domingo de ramos, pra recordar os bendito, na quarta feira a noite eu começo aqui na vaca morta, aqui em baixo e na quinta aqui no santo Antônio. Da vaca morta a gente chega 4h30m da manha, aqui nós chega 3h30m da manha. Porque cada casa a gente tem que passar, pedindo o jejum. Uns não dão, outros se faz de mudo... Mas eu agradeço do mesmo jeito como você que deu a esmola, ai fica difícil. Tem gente que, Deus me perdoe dizer isso mas, vão só pela esmola. Eu não preciso disso, eu vou pela minha penitencia.

A: A única atividade que vocês fazem é só na semana santa?

F: É mais na semana santa, porque isso que eu falei de chamar pra um terço, uma coisa... Não fizeram mais essa boa vontade de chamar a gente. Eu achava tão bonito, chagava dia 7 nós ia no cemitério, as mulher rezava o terço, cantava dois, três bendito, vinha simhora. Mas isso a

própria comunidade não se interessa de chamar a gente. Eu não vou me oferecer, chegar nua casas e dizer “ei, deixa eu tirar um terço pro seu falecido”, não posso, né? eu fico em casa, deitado, recordando os bendito direto pra não esquecer, que não é fácil não, viu?

A: Qual o bendito que o senhor mais gosta?

F: Tem vários bendito, mas o bendito mais bonito que eu acho é o ‘Manel da paciência’. É o primeiro bendito que a gente canta numa casa.

A: O senhor pode cantar um pedacinho?

F: Deixa eu caçar aqui (no celular) que é melhor porque eu sozinho é ruim de cantar. Não é porque eu tô com vergonha não, sabe?

A: É porque os tons são altos?

F: Eu vou tentar fazer o comecinho

“Prostremos os joelhos em terra

Vamos fazer penitencia

Adoremos nosso deus

Manuel da paciência”

É o mais bonito que eu acho. Por quê? É o primeiro que canta, nós fica de joelho, ai nós começa... Tem vários, tem casa que já diz “ei Tanta, quando tu passar tu canta o bendito tal”. O pai dele (aponta para um homem que acompanha a entrevista) gostava muito do menino Jesus da lapa, outras pessoas de padre Cicero, santa Tereza, são José pedindo chuva, tem outro que não é pedindo chuva, tudo varea. As vezes nós vamos descendo o povo já vai dizendo “lá em casa é tal bendito”, as vezes eu esquece, ai dizem “mas rapaz, eu pedi tal bendito” mas eu me esqueço, o caba cansa, principalmente eu que canto alto, no outro dia eu amanheço rouco demais, porque se eu não puxar... Não é querendo ser melhor do que ninguém mas se eu não for os outros não vão. Ano trazado (2019) eu adoeci, não foi ninguém, tem cara mais velho do que eu, não sabe puxar um bendito, espera por mim. As vezes pra repetir o mesmo pé que eu cantei, eles esperam por mim, “rapaz faça isso não que eu tenho mais uma noite pela frente” no outro dia eu amanheço com a garanta... O bucho fica desse tamanho (faz gesto com as mãos) porque o caba pega muito ar. O povo diz logo “ali é a voz

de Tanta” só escuta minha voz. O caba que fazia penitencia mais nós, o velhinho que não pode mais dizia “Tanta, cadê a voz dos outros penitentes, só escuta a tua?” fazer oque? Não sei se é porque eles têm vergonha de cantar... Eu faço isso porque eu gosto e acho isso muito bonito.

A: Mas apoio?

F: Muito pouco. Não tem. Com esse novo prefeito ai, vou ver se a gente arruma um apoio... Mas o apoio é o seguinte, qual o apoio eu posso pedir ao prefeito? Não posso chegar lá e dizer “rapaz eu quero um apoio pros penitente” “o que você quer?” se fosse pra gente se destacar pra Icó, pra várzea alegre, podia, né? mas se for no caso como você fez ai... O apoio que eu queria era arrumar mais uns oito pra ajudar a você, a esse cara de fortaleza (uma conversa de antes de iniciarmos a gravação)... Mas não depende só de mim, chegar no prefeito e ele disser “qual apoio que você quer?” fica difícil pra mim...

A: O senhor acha que se tivesse uma valorização, se a prefeitura fizesse eventos, reunisse outros penitentes, não chamaria a atenção pro grupo despertando um desejo nos jovens de participar?

F: O apoio é assim, vou fazer a comparação, um exemplo, como nós só participa em várzea alegre, o que eu podia chegar pro prefeito, ele já dá o carro, era pedir outro carro pra influir, levar umas pessoas mais jovens pra como é bonito e se interessar, quando visse uma coisa é tão bonito como é em várzea alegre. Eu tinha até uma foto que mostrei pro meu menino aqui mas acabou-se “pai é bonito demais” quer dizer, já é um incentivo, se alguém fosse. Se um dia nós for convidado pra várzea alegre de novo eu vou pedir pelo menos esse apoio ao prefeito e pedir esse outro carro por fora, convidar esse pessoal mais novo, pode ser que eles, através do pessoal de lá tenha um sentido melhor.

A: Qual o futuro que o senhor vê pro grupo?

F: Rapaz, o futuro que eu acho que eu vejo é muito pouco. O destino é se acabar. Eu digo sinceramente, porque os que tão ai já tão muito velho e eu não caço um que queira seguir penitente. No caso só tem esse daí por enquanto. Tem um que disse que tem vontade, eu vou conversar com ele, arrumar mais uns três pra fechar uns nove. Mas é muito pouco. O povo daqui não são muito interessado não. Esse pessoal mais jovem. Eu tenho pena, eu mesmo fico pensando comigo “meu deus do céu, uma coisa tão bonita e esse pessoal jovem não dá valor, né? difícil”.



A: Então eu acho que é isso, seu Francisco...

F: É do meu tempo que eu conheço, de penitente, só é isso aí! Se você quiser tirar uma foto da opa que a gente usa eu posso lhe mostrar... E como eu lhe disse quando tinha a tradição de tirar um terço numa casa antigamente era tão bonito, o pessoal ficava tudo sentado por ali, numa mesa daquela... Pedia o dono da casa “nós pode parar?” “não, pode cantar mais” aí nós cantava 5, 6 bendito. Quando nós ia sair “ei, pera aí” tinha um cafezinho, tinha um bolo... Quer dizer que, aí já dava pra ver se os caba se interessava até nisso, né? “olha lá na casa de fulano, foi tão bonito, saiu uma merendazinha...” mas só o pessoal que rezava o terço, as vezes de primeiro, nas casas tinha até 20 pessoas, sabendo que os penitentes iam. Mas hoje nem isso tem mais. Eu fico com muito desgosto. Não é fácil não. mas eu vou lutar, vou lutar pra ver se eu consigo mais uns 2 ou 3 daqui pro próximo ano! Se deus quiser!

A: Muito obrigada, seu Francisco pela entrevista. Eu posso usar ela no meu trabalho, numa possível publicação?

F: Sendo pro seu trabalho pode ficar a vontade. Se precisar de alguma coisa mais aí, eu tô aqui a disposição!

A: Muito obrigada!

## ANEXO V

**18 de maio de 2021, às 19h41m. Entrevista com Edivan dos Santos Oliveira, realizado por Ana Maria Vieira da Silva para o projeto “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: as transformações e permanências no grupo de penitentes na cidade de Cedro-Ce”.**

A: Edivan, o que te motivou entrar no grupo de penitentes? A ser um penitente?

E: A intenção minha era não deixar acabar! Porque eles já estão ficando mais velhos e sempre eu gostei, também. Da cultura, dos benditos... Minha vontade era essa. Também consegui que uns amigos meus, como eu falei nesse instante, que possa dar continuidade, porque como eu falei, os outros já tão ficando mais... Mais velhos, ai... Só resta quantos? Só seis né? seis! Comigo sete! Aí se entrar outros, daí... Pra gente conseguir mais ainda...

A: Você tem quantos anos?

E: 34!

A: Entrou esse ano?

E: Esse ano! Eu já tinha vontade, sempre tive vontade.

A: Já era algo que você via aqui na comunidade...

E: Já sim. Foi sim! Sempre teve, desde criança que a gente costumava escutar eles, ouvir... A gente não tinha como aprender os bendito porque a gente não tinha muito conhecimento com eles pra eles ensinar, mas agora a gente tem o celular, a gente começou a gravar e rapidinho eu aprendi!

A: Dentro do grupo, quais foram as atividades que você já fez?

E: Depois que eu entrei não rezamos nenhum terço não, só saímos no dia da semana santa, nas casas, pedindo o jejum.

A: O que seus amigos, que não são, falam com você sobre?

E: Eles só não vão, mas eles gostam... eles tem até gravado. Tem uns que tem até uma vontadinha de ir, mas eu acho que é mais preguiça, não querem perder a noite pra sair... mas, tem um até que tá ali, quem falou que ia, foi ele mais que me incentivou a ir. Aí quando foi no dia de ir ele desistiu e eu fui.

A: Você foi bem acolhido pelo grupo?

E: Sim, foi bom! 100% foi melhor que o esperado. Não vejo a hora o próximo ano pra gente ir de novo.

A: Como você falou, na questão de aprender os benditos, você grava eles cantando pra aprender?

E: Foi, no dia do ensaio lá, Tanta (mestre do grupo) falou que eu podia ir, eu fui e gravei tudinho. 12 bendito. De vez enquanto eu fico ouvindo e aprendo mais ainda

A: Quer dizer que o celular é uma mão na roda?

E: Certeza! Se não fosse...

A: Como você vê o futuro do grupo? Você vê futuro no grupo ou acha que é algo que está fadado a acabar?

E: Não, eu acho que vai dar continuidade! Se Deus quiser! Vamos ver os meninos que querem entrar ai, que tem... Dois ou é três que falaram que vai mesmo. Ai já fica quase 10, né? Tem sete, arrumar ao menos dois... Quem sabe...

A: Você sabe como começou os penitentes?

E: Vou mentir não, sei não!

A: É uma coisa que já vem...

E: É, só sei do tempo deles mesmo, acho que ele é um dos mais novo, né, Tanta? Ah, só...

A: É uma coisa que já está na convivência, nas vivências...

E: É!

A: Pois pronto, Edivan, muito obrigada! Acho que é isso! Era mais pra saber de você, porque você entrou, o que você acha dos penitentes... É o suficiente! Posso usar essa entrevista no meu trabalho, publicar, coisas assim do tipo?

E: Pode Sim!

A: Tem mais alguma coisa que você queira dizer?

E: Só agradecer dos meninos terem me aceitado!

A: Muitíssimo obrigada pela entrevista!

## ANEXO VI

**Entrevista com Guy Benchimol de Veloso, em 29 de julho de 2021, às 17h08m, para a pesquisa “Entre o orgulho das memórias e a decadência das práticas: transformações e permanências no grupo de penitentes da cidade de Cedro-Ce”, realizada por Ana Maria Vieira da Silva.**

A: Guy, me conta um pouco sobre tuas experiências e impressões adquiridas nesses anos de trabalho fotografando os penitentes pelo Brasil.

G: Antes tem uma pequena história. Eu comecei em 2002 a pesquisar os penitentes e efetivamente a fotografá-los. A primeira viagem pra isso foi para Sergipe, eu tinha lá feito uma pesquisa com uma amiga minha e já tinha visto que havia um grupo de penitentes. Algo que eu só acreditava ter em Juazeiro do Norte, com os Ave de Jesus. E a partir de Sergipe, eu comecei entre uma pesquisa e outra, conversando com folcloristas, historiadores e usando a internet, eu descobri que tem na Bahia e outras cidades do Ceará, que eu não tinha acesso, que eu não sabia... O que me levou seguir esse tema. Eu me apaixonei por ele. Primeiro esteticamente, já que eles usam essas mortalhas, esses cultos, digamos... exóticos. Só que depois já foi tomando um outro sentido, eu já me interessava não só pela estética, mas também pela tradição, pra saber os motivos que eles estão fazendo essa tão antiga prática. Eu fiquei amigo deles e isso mudou toda essa relação de pesquisa. Eu não era mais alguém de fora, pelo menos eu não me sentia, claro que eu era, mas eu não me sentia alguém de fora. Aí a pesquisa começou a ir para outros Estados ainda, como Minas e São Paulo e em 2009, eu comecei a pensar: será que eu não consigo provar que tem penitentes nas cinco regiões a encomendação das almas?

E no ano seguinte eu consegui efetivamente fotografando o último... A última região que faltava que era o Centro Oeste... Ah, e também o Sul, as duas últimas. No Centro Oeste em Cavalcante-Goiás, e representando o Sul, em Paiol de Telha, fica a 4hrs de Curitiba no Paraná. E outro dado que eu acho interessante é que eu fiz uma amizade muito sólida com a chefe do grupo de penitentes do juazeiro da Bahia, o que me fez ir lá com ela, nove anos seguidos. Eu ia por vários motivos, porque eu gostava dela, pela estética do grupo, porque eu

me sentia acolhido e de tanto eu ir, ela começou a falar pros seus discípulos que eu era um membro do grupo. Eu só ficava fotografando, mas eu tinha todos os direitos e deveres efetivos de alguém que está lá fazendo sua romaria, sua peregrinação.

Então o tema acabou que extrapolou a estética. Outra coisa que eu andei fazendo já, tocando no assunto do meu fazer fotográfico, eu fiz questão de não, de... De dividir o trabalho em dois. Quando eu estou fotografando o ritual eu uso a minha estética, que ela tem um certo diferencial, eu creio. Já que eu pego muito as fotos tremidas, eu uso erros de fotometragem e acabo incorporando ao trabalho. Só que eu vi que pra mostrar aos penitentes precisava de algo mais, aí eu também comprei uma câmera de vídeo e desde 2003 eu também coloco o chefe, eu peço pra ele sentar numa cadeira e entrevisto. Eu devo ter mais de 120 horas de entrevista. Algumas delas eu até coliquei no blog que é o “[projetopenitentes.wordpress.com](http://projetopenitentes.wordpress.com)” lá deve ter umas 7 horas de entrevistas. Então esse trabalho vai servir pra vários nichos. Quem quiser conhecer a minha estética, vai olhar as fotos, se tiver um pesquisador como tu, que quiser saber mais de penitentes de algumas regiões vai lá ver as entrevistas, até porque tu já deve ter visto que esses grupos tendem a acabar em várias regiões, já que não há uma continuidade.

Aí eu não queria que essa história se perdesse ou se confundisse com a minha estética, a minhas estéticas é meu jeito de mostrar eles, mas também tem o vídeo onde eles se mostram.

A: Perfeito! Tu identificou um padrão entre os grupos? Ritos, estética...

G: Nas cinco regiões do Brasil. Eles cantam para as almas, eles pedem pelas almas que eles acreditam estar presas no purgatório, ou “perdidas por aí”, porque isso não é uma tradição católica, isso já é uma mistura de espiritismo e outras manifestações.

A disciplina rígida, sempre o chefe está a frente e ai de alguém querer ir contra ele. Os cantos tristes, sempre falando da morte, do pecado... E, usando mantos, coisa que nem acontece tanto em Minas, Minas Gerais... Mas em todos os outros locais existem as mortalhas. Na verdade no Centro Oeste também não, eles só colocam um paninho na cabeça, em Cavalcante e em Paiol de Telha (cidades) não. É que é muita informação, são... É... Muitos grupos, eu fotografei duzentos e três grupo aproximadamente, e... Durante a conversa eu vou lembrando de outras características, mas por enquanto...

A: Sem pressa!

G: Todos eles se denominam penitentes, embora algumas regiões a denominação principal muda, como em Juazeiro da Bahia eles são alimentadores das almas, mas também se consideram penitentes já que eles estão fazendo uma penitencia. Por isso que eu usei esse nome no livro, porque é como se fosse um esperanto, o nome, a palavra que denomina... Que eles se reconheceriam das cinco regiões, porque tem: lamentação das almas, encomendação ou recomendação das almas, esses dois e, eu já achei folia das almas, olha que coisa interessante, né?

A: Acho que foi a primeira vez que eu vi um grupo de penitentes que tinham mulheres foi justamente com teu trabalho em Juazeiro da Bahia, porque a grande maioria... Inclusive, foi muito complicado pra mim, pra começar a pesquisa eu levei um tempo, para convencê-los, eles não queriam que eu andasse com eles por eu ser mulher. No grupo que eu trabalhei aqui no Cedro. Achei bem interessante! Assim, só pra abrir um parêntese, porque quando eu vi uma entrevista tua e vi que tinham mulheres no grupo, inclusive a chefe do grupo era uma mulher, eu fiquei bastante encantada.

A quantidade no número de grupos e membros. Tiveram muitas alterações nesses anos?

G: Sim, vários grupos terminaram com a morte do chefe e ninguém quis continuar. Em alguns locais as pessoas não tinham, não sabiam ler, no máximo o chefe tinha pedido pra alguém escrever os benditos em um caderno, os cânticos, e essa pessoa não sabia ler então, perdeu a tradição. Em outros que são inclusive, a grande maioria, os cânticos e tradições são passados oralmente. Só que ninguém se interessou em aprender, aí o grupo acaba. Os jovens principalmente não querem seguir, já que é um padrão rígido, né? Sair à noite, várias vezes por semana, ter que obedecer ao chefe e também tem um certo estigma, em alguns locais, como em Juazeiro da Bahia, muitas pessoas claras, gostam, acompanham os penitentes, mas tem uns e outros que querem jogar pedra, fazer confusão. Tem pessoas de outras religiões que não a católica... Não, das religiões neopentecostais que acabam tratando mal. Eu vejo os grupos se reduzindo ano a ano.

A: E os que permanecem, tu identifica algo de diferente dos outros grupos que foram acabando?

G: Sim! Olha, é uma teoria minha, sabe? Mas eu não vou ter tempo e nem condições, até porque eu considero o trabalho dos penitentes encerrado, pra levar a pesquisa adiante, Mas eu acho que só sobrevive aquele grupo em que o líder, ou a líder, há um carisma muito forte

entre eles e na microrregião, na sociedade, no bairro... Como de novo falando da minha amiga Jesulene Ribeiro, a Nenezinha. Todo mundo gosta dela, ela ajuda as pessoas, ela tem outros afazeres até culturais, ela já foi presidente da escola de samba, de uma das escolas de samba da cidade, então não é uma pessoa que só cuida dos penitentes, ela também faz... Ela canta na igreja, têm muitos amigos, ela movimenta o plano cultural lá de Juazeiro. A escola dela era a Imperatriz Juazeirense, com as cores verde e rosa.

A: Alguns grupos, na verdade, em algumas cidades, eles acabam tornando os penitentes um patrimônio, como em Barbalha, tem muito a questão do apoio das políticas voltadas pra cultura, assistência cultural... Tu vê alguma diferença nesses grupos que são patrimonializados ou que tem esse apoio da prefeitura, em relação a perpetuação e aceitação, dos outros grupos que não tem esses apoios?

G: Isso é bem controverso, né? porque como eu acompanho muito de perto, eu já vi muitas brigas entre os membros quando entra dinheiro, quando entra cachê. O cachê é algo que eu como pesquisador não concordo, mas também quem sou eu pra interferir em algo interno de um grupo de penitentes?

Eu acho que deveria ser apoiado, o material que eles usam: os panos, os transportes, as velas, sim! Mas dar cachê já transforma um rito em um teatro, na minha modéstia opinião.

E eu já soube de várias brigas por causa disso... não só em Barbalha, até o meu grupo, lá de, que eu faço parte, né? lá de Juazeiro da Bahia já teve algumas brigas, nas poucas vezes que houve algo direcionado ao grupo.

A: Os grupos de penitentes...

G: Por exemplo! Tem um dado... eu lembrei, não sei se tu sabes, que o antigo penitente Joaquim Mulato, ele desfilou em uma escola de samba que estava homenageando o Ceará. Eu achei estranho quando eu vi, não vou negar, até porque eu o conhecia pessoalmente, eu tenho uma entrevista com ele que está lá no blog. Eu achei estranho! Mas poxa, deixa o senhor se divertir, né? mas ele foi com a indumentária ritualística, então é algo que, se fosse a minha chefe eu ia brigar com ela. Mas sempre lembrando que ele foi um grande decurião, ajudou muita gente, com aquele carisma dele, tanto que não foram todos os sucessores dele que teve esse carisma de atrair tanta gente, tantos jovens inclusive.

Tu lembra qual foi a escola de samba que ele saiu?



A: Não.

G: Tá no meu computador em algum lugar, mas é só buscar “escola de samba que homenageou o Ceará” há uns 9 anos por aí.

A: Eu lembro... Eu fiquei sabendo disso naquele evento, em Barbalha, na casa de cultura (casa dos saberes), onde a gente se conheceu. Tinha uma... Eu não sei se era a Celene que estava lá, que ela foi por muito tempo, acompanhou os penitentes, enfim... ela me falou sobre essa ia dele a escola de samba.

G: Eles viajaram também o Brasil inteiro pelo SESC, mas foi lindo, porque eles faziam um pequeno ritual... Aqui em Belém foi dentro de uma igreja eu tenho até filmado, eu dei pra Celine de presente esse DVD. Mas vamos continuar...

A: Quando a gente pensa em penitentes vem logo a questão do autoflagelo, porque é algo que marca muito, até pelo estranhamento de muitos com a prática. Os grupos que tu vem acompanhando, eles permaneceram, eles praticam ainda o autoflagelo ou foi entrando em decadência também essa prática?

G: Como eu fotografei nas cinco regiões, não são, eles não representam um número significativo, significativo! Destes duzentos e tantos só 5% apresentavam a autoflagelação. Ai vamos falar desse 5%. Eu notei que cada vez diminui mais e sempre foi o chefe dizendo ‘a gente já se cortou muito’, ‘já chega de se cortar’... Ou então o padre local estimulou eles a pararem com isso.

Agora aconteceu uma coisa muito chata que, um desses programas jornalísticos do SBT foi entrevistar os penitentes e eles se flagelaram pra TV, o que eu achei um absurdo já que eram grupos que eu sabia que não se flagelavam mais e principalmente, se flagelar fora da semana santa. Então dá pra reparar que além de pesquisador eu sou um penitente ortodoxo, eu não quero mudar a tradição de jeito nenhum!

A: Aqui no Cedro o autoflagelo ele acontecia... Eu não encontrei mais nenhum que pratique.

G: Eu também não.

A: Mas ele acontecia em momentos bem específicos. Pelo menos nos dois grupos que eu estou trabalhando, que é um aqui da sede e um da zona rural, eles só se flagelavam pra entrar no grupo, como um rito de iniciação e pra pagar promessas de pessoas da comunidade. Seu

eu fizesse uma determinada promessa e alcançasse a graça, eu chamava os penitentes pra fazer o autoflagelo. Só são esses dois momentos, que eu encontrei aqui que eles praticavam. O sentido do flagelo nas leituras que eu fiz sempre falam da penitência praticada na semana santa e nas sextas feiras da quaresma para a salvação das almas. Aqui em nenhum momento eu ouvi ‘a gente fazia para a salvação das almas’, não, ‘a gente fazia para entrar no grupo e quando alguém da comunidade fazia uma promessa e alcançava uma graça, a gente se sacrificava para o santo’.

G: É que acaba mudando, né? a tradição ao longo do tempo e da geografia, mas sempre há, sempre estão as almas a contactar com essas pessoas, é tanto que tem gente que chama irmãos das almas. Tem cânticos que falam ‘ó irmãos das almas’ pras almas. Não, dizendo que nós somos irmãos das almas. E que a gente tem que alimentar elas, já que se o corpo precisa de alimento, as almas também precisam e a oração é o alimento delas. É lindo isso, né?

A: É uma doação, né? Para a comunidade...

G: Sim! Eu reparo isso. Não é uma promessa, na grande maioria das vezes, não é uma promessa, é simplesmente um voto. Tem uma diferença, entre a promessa e um voto. A promessa há uma troca, no voto não. Eles estão se dando, se doando a uma tradição, a uma espiritualidade.

A: Tu falou da questão do “regimento”, vamos dizer assim, do comportamento deles. Me fala um pouquinho mais sobre isso. Do comportamento deles para com a comunidade. Se tu presenciou algo que alguém não tenha gostado e como eles se comportaram diante disso...

G: Ó, eu vou te dar um exemplo bem interessante. Na cidade de Capela, em Sergipe, tinha um carro da polícia seguindo a gente. Pra dar proteção. Não é estranho isso? Muito estranho! E algumas vezes eu via a Nenezinha pedir lá em Juazeiro (BA) para a polícia no mínimo estar dentro do cemitério, para dar segurança aos vários grupos de penitentes que existiam... existiam cinco grupos até por 2004, 2005... e eles foram terminando e hoje só existe o da Nenezinha, o meu grupo.

Agora claro, tem pessoas que, até as mais instruídas que veem isso uma tradição muito importante. A Jesulene foi homenageada no carnaval, de novo, mas não com sua escola de samba, mas por ser líder de penitentes. Um dos temas da... O tema da decoração do ultimo carnaval que teve da pandemia, eram os grandes nomes de Juazeiro. Aí tinha uma

pesquisadora a Bebelá, e tinha também a própria Jesulene como chefe do grupo de penitentes, entre outras manifestações que cada um tinha também o seu representante.

Inclusive em, foi feito em Juazeiro entrevistas e tomadas de depoimento e pesquisas, para que a penitencia fosse patrimônio da Bahia, e não passou com os deputados. Provavelmente porque eles colocaram juntos os grupos de encomendação as almas que é um grupo misto, né? Os grupos mistos com os grupos masculinos que praticam a autoflagelação. E isso não agradou, né? os deputados e não passou. Mas eu tenho certeza que se fossem colocar só as velhas senhoras que vão andando em Juazeiro, há mais de um século, ia passar. Como passou numa cidade lá de... Da chapada diamantina, não lembro qual é. É patrimônio do Estado da Bahia a encomendação das almas de lá.

A: Até porque, assim, quando existe uma tradição já se considera cultura, algo levado pro lado do folclore, da cultura, do que uma questão religiosa...

G: Não, eu não digo eles... talvez as pessoas que estão assistindo...

A: Justamente! Se começaram, porque as irmandades começaram para ser mediadores do sagrado em comunidades que não tinham a presença...

G: Que não tinham o padre!

A: Justamente! E aí com a mudança da sociedade, até mesmo com uma “queda” na religiosidade, dessa misticidade que tinha para a religião, vamos dizer assim, acaba que a comunidade passar a ver apenas como um grupo cultural. E o interessante que assim, em algumas entrevistas que fiz com pessoas aqui da comunidade eles falam justamente isso ‘ah, é muito bonita a cultura’ e já eles quando falam das suas apresentações ‘é nossa penitencia’. Eles fazem como penitência, serviço para a comunidade, já a comunidade enxerga como...

G: Cultura. Grupo cultural. Mas não deixa de ser, né? É um grupo religioso, mas que também guarda uma cultura ancestral, até pelas músicas, pelos fazeres, então, também é cultura da região, um grupo cultural...

A: E a relação com a igreja?

G: Olha, hoje em dia eu não tô vendo problema algum, no início da pesquisa sim, eu soube de vários delegados que instigados pelo padre iam lá e proibiam a autoflagelação, como por exemplo em aurora, aí no Ceará, o padre pediu eles pararam. Mas hoje em dia não, hoje em

dia eu vejo... Ou os padres ignoram eles, ou as vezes até apoiam. Apoiam não dando nada, assim, é... Ao menos não atrapalhando...

A: Muito ajuda quem não atrapalha!

G: É... Eu só achei um grupo realmente ligado a igreja que é o de Laranjeiras em Sergipe. Que são os mesmos que frequentam a igreja, cantam na igreja e fazem a penitencia. Aí sim, há uma simbiose da religião católica tradicional da igreja com os penitentes de lá.

A: Aqui um dos penitentes falou que o fim da tradição da flagelação veio justamente veio porque o Bispo pediu... Não pediu, aconselhou...

G: Aconselhou, é... (risos)

A: Né? aí eles pararam. Só que o padre daqui ele chama os penitentes para participar dos movimentos...

G: O que é certo, né? Agregar! Eu gosto de agregar.

A: Ele chama, ele articula, ele manda contato dos grupos... eu presenciei muitos eventos assim, eventos oficiais missas de padroeiro, procissões de abertura de quaresma e semana santa, chamam eles também... eu acho bastante interessante, porque por muito tempo a igreja, ela afastou, tanto que o grupo ele não é reconhecido como outros grupos acolhidos pela igreja como o sagrado coração de Jesus...

G: É que antes, como tu falastes, quando eles eram mediadores na falta dos padres, eles acabavam tendo um poder, ou tirando um poder da igreja, né? Quando alguém precisava de um conselho, ia no líder dos penitentes, ou de uma benção... como o seu Antônio, aí também do Ceará... ele é de Caririaçu. Ele é um benzedeiro também, ele ainda é um grande líder na comunidade, vai que as pessoas ao invés de irem na igreja conversar com o padre, preferem ir com ele.

A: Até porque a questão dos problemas sociais eles eram atribuídos a religião, tudo se explicava mais ou menos como “ou é benção, ou castigo”, então aqueles que mediavam com o sagrado tinham o poder de mediar ali entra as comunidades. Tu vê alguma diferença entre os grupos urbanos, das cidades, dos grupos dos sítios, lugarejos, áreas rurais?

G: Eu acho que é muito mais fácil a continuidade acontecer nos grupos rurais, a fé é mais entranhada, eles podem até se esconder, entrar pelos matos, pelas fazendas e ninguém vai

encher a paciência, já na cidade não, tem carro atrapalhando, tem o olhar estranho das pessoas, o susto que as pessoas levam... Imagina alguém, que vai para Juazeiro da Bahia, ou para laranjeiras em Sergipe, um turista, e tá lá num bar e vê passar aqueles 15, 20, 30 vestidos como fantasmas vai levar um susto, né? no mínimo, é estranho. E, eles são ainda mal tratados, nas grandes cidades, já nas pequenas não, como eu falei deste poder político que o chefe alcança.

A: Quando eu acompanhei os daqui em uma semana santa, quando eles foram fazer a mendicância, a gente chegou em uma rua que tinha um bar aberto. O líder olhou pra mim e disse “agora daqui você volta!” ele tinha medo de alguém tirar alguma brincadeira comigo, ou algo assim e ele falou “e eu não posso deixar eles dizerem nada com você, mas eu também não posso responder à eles porque a gente não pode ter esse embate com a comunidade, então daqui você volta”. Voltei!

G: Claro né?

A: “O Senhor que manda”. Voltei!

G: Uma pesquisadora que estava comigo foi proibida de assistir os penitentes de Santa Brígida na Bahia. Eu estava com ela, nós viajamos de carro de Aracajú pra lá, foram umas cinco horas, chegou lá, eles não deixaram. Tadinha, ela ficou com muita raiva...

A: Que desgosto!

G: E eu podia ter sido solidário “ah, também não vou”, só que eu fui! Ora bolas, eu não ia perder também, no mínimo iam ter fotos pra mostrar pra ela.

A: Dos males o menor.

G: É!

A: Foi uma luta para mim. Foi um tempo tentando e só consegui realmente porque o chefe dos penitentes era muito amigo do avô do meu namorado na época – hoje meu marido. Eu só ouvia que não dava certo, “não dá certo mulher andando com a gente”, até que ele começou a me perguntar de onde eu era e eu falei que namorava com um rapaz daqui, neto de seu Dão, aí baixou a guarda...

G: Então aí vai!

A: Mas eles tem essa resistência em relação a mulher, da presença feminina ...

G: Nos grupos masculinos, né?

A: Sim, nos grupos masculinos! Algum deles te explicou o porquê?

G: Não... É capaz que tenha explicado, mas assim, de antemão, assim... Eu acabo, em uma entrevista sem eu consultar os meus cadernos, foram 12, não, foram 17 anos de pesquisa! Aí tem detalhes que eu não lembro. Não realmente, eu não vou lembrar, mas eu perguntei sim. É uma das perguntas que eu fiz, mas agora, eu não vou saber te dizer qual foi a desculpa que eles deram.

Ao menos em uma região, que me disseram algo assim “as mulheres não podem tirar a blusa pra se flagelarem” se não as pessoas vão ficar olhando os seios. É algo que pode também ser um dos motivos. Não sei!

A: Aqui no Cariri, no Ceará, o nome de Frei Ibiapina é muito presente quando falamos em religiosidade popular e penitencia...

G: Ele foi um grande incentivador dos penitentes, assim como o padre Cícero...

A: Chega a ser um mito fundador, porque muitos falam que foi Ibiapina quem trouxe, quem inseriu a ordem. Tu encontra esses mitos de fundação ou a resposta da maioria se volta mesmo para a tradição...

G: Não, ninguém sabe! A não ser no Ceará que falam realmente do Ibiapina. Os outros grupos simplesmente não sabem onde começou, a não ser lá em Juazeiro que eles dizem que foram os padres. Tanto que a genealogia do meu grupo, eu fiz... Agora é da Nenezinha chefe, antes era da mãe dela, antes era da Maria Beata, antes era não sei de que, mas antes? “ah, antes era dos padres”. Nas entrevistas que eu fiz. Eles consideram os padres! Agora, quem veio antes e quem trouxe pros padres? “ah, não sei! Foram os padres!”

A: Até porque eles se consideram católicos!

G: A grande maioria. Mas um dia desses eu tava fotografando lá em Juazeiro e um dos membros entrou de costas no cemitério, aí eu cutuquei ele e falei “tu és do babado, né?” que é uma gíria pra dizer “tu és do candomblé” ou da umbanda. Aí ele “é sou!”.

Ai depois eu descobri que a própria Jesulene sabia e não fez caso. Ela não proíbe pessoa de outras religiões. Ela só proíbe que as mulheres pintem a unha e usem piercing, mas o resto pode. Pode namorar entre eles, pode ir pessoas como eles dizem: amancebadas, que não casaram no papel, pode tudo no nosso grupo. E tem até pessoas, tem uma presença muito grande de homossexuais e ela não vê proble... Ninguém vê problema nenhum. O nosso grupo acolhe! Algo que eu não vi no Ceará. Eu fico imaginando como seria a presença de uma pessoa assumidamente homossexual, num grupo do Ceará. Eu acho que é algo que não seria aceito facilmente.

A: Aqui tem a expulsão do grupo...

G: Em todo lugar! Se alguém comete algum erro pode ser expulso do grupo, até do meu!

A: Quais são os pontos que levam...

G: Principalmente beber muito! Chegar bêbado. Porque todo... As pessoas bebem um pouquinho, mas as pessoas bebem bastante no interior do Brasil, é algo que me assusta já que eu sou da capital, sou de Belém e... Eu reparo se a pessoa chegar um pouquinho alta, a Nenezinha e outros chefes não vão dar conta, não vão fazer nenhuma briga, mas eu já vi pessoas chegarem completamente bêbadas e o chefe dizer “hoje tu não vais!” e claro, se for algo reiterado, essa pessoa vai ser expulsa.

E acaba acontecendo um problema espiritual e psicológico, um derivando do outro, pra quem é expulso, porque é uma tradição que a pessoa é obrigada a fazer sete anos, que se ela for expulsa no terceiro ano ela pode ser perseguida pelas almas, que vão cobrar “por que não fizestes os outros anos?” Eu ia ficar com isso na cabeça, eu ia querer terminar os sete anos.

A: Aqui eu perguntei a seu Zé se já tinha havido alguma expulsão e ele falou “eu nunca expulsei ninguém, mas cada um tem sua consciência”, ou seja, sabe que fez alguma coisa errada? nem vá mais...

G: É isso mesmo, há uma hierarquia muito forte. Tanto que, no meu grupo, como em todos que eu vi, 100% dos grupos não há eleição pra saber quem vai ser o chefe. O chefe decide quem vai ser o sucessor depois que ele se cansar, depois dele morrer... geralmente alguém da família. Nada democrático!

A: Muitos grupos estão acabando porque o chefe...

G: Não escolheu ninguém, não confiou em ninguém, ou se confiou, ele não escolheu direito, aí a pessoa não quis essa responsabilidade pra si. Um exemplo cabal disso é que todos os filhos da Jesulene já tem outra religião, eles não vão seguir. Ela não tem ninguém de confiança, da família. Aí ela já esta pensando, como ela já é uma senhora, com quem ela vai deixar o madeiro, quem vai ser o próximo líder. E ela me conta, então além de ser um membro do grupo, eu já tenho uma atuação política porque uma vez ela me pediu opinião e eu disse “olha, mas esse cara bebe um pouquinho...” aí ela “é verdade!”. Hoje em dia ela já tem um novo preferido, que não é o meu, mas aí claro, eu sou discípulo dela, vou respeitar. Mas como ela gosta de mim e vier me perguntar, quando ela vier me perguntar, que eu acho que ela vai, eu vou dizer “não é meu preferido”. Mas do meu preferido ela já falou que ele não é muito organizado, eu não concordo, mas ela é a chefe. Quem for líder eu vou respeitar, não vou falar nada. Eu posso no máximo sair do grupo porque eu já cumpri meus sete anos, eu posso me desligar do grupo.

A: “Não tô devendo mais nada”

G: Tô mais nada!

A: E a faixa etária, Guy, desses grupos?

G: Isso varia muito de cada região! No Ceará que é teu foco maior, são pessoas até mais velhas, já na Bahia não tanto, nos grupos mistos. Assim, nos grupos mistos, eu nunca encontrei um grupo só feminino. Nos grupos mistos a faixa etária é menor, já nos grupos masculinos é maior. São pessoas mais velhas. E nos grupos mistos predominam as mulheres. É muito interessante. No nosso grupo tem mais mulheres.

A: Tu vê alguma diferença entre as lideranças femininas para as masculinas?

G: As mulheres são mais carinhosas, elas tem a liderança delas mas sabem dar as ordens de maneira mais sutil. Basta um olhar, o pessoal já se toca que está fazendo coisa errada, mas sempre há uma liderança muito forte e carismática. Isso que faz os grupos se manterem.

A: Podemos dizer então que tem uma perpetuação maior?

G: Não, eu não poderia te falar que é mais fácil perpetuar sendo mulher ou homem. Eu não sei, mas eu sinto uma leveza maior. Eu até me sinto melhor fotografando quando é um grupo misto, eu me sinto mais a vontade.



A: E a recepção, Guy?

A: Demora muito tempo. Eu tenho várias técnicas de abordagem e de respeito principalmente para com eles e eu sempre vou, nas viagens, eles sabendo que eu estou indo por eles. Eu arrumo algum pesquisador, algum folclorista local ou até a prefeitura, que vai lá no grupo e diz: tá vindo um cara de Belém pra pesquisar vocês. Vocês acolhem ele?

É curioso porque grande parte dos grupos tem essa tendência de serem muito fechados, uns até secretos, mas eu só peguei não se quatro grupos, eu acho, ou de cinco, ao longo destes 17 anos. O que me ajuda também é que eu faço amizades muito facilmente. Eu conheci a Benivalda, in memoria, que era muito amiga da Celene, que está em Barbalha, e nós três íamos atrás dos penitentes. Aí eu já chegava lá com as duas, eu não era um desconhecido. Eu era amigo da amiga deles. Já era um aval pra eu fotografar. A mesma coisa aconteceu na Bahia, pra eu fotografar em Juazeiro, porque aí eu já ia com a Nenezinha, nos grupos da cidade, nos grupos da zona rural, com ela. Com a grande chefe de Juazeiro, a dona da escola de samba campeã da cidade. É diferente chegar sozinho de chegar com uma pessoa conhecida.

A: Por muito tempo os grupos carregaram um estigma de mistério...

G: Até hoje ainda! Eu não digo estigma não, eu acho que acaba ajudando a preservar o grupo, esse mistério. As pessoas se sentem orgulhosas de estar preservando um mistério, algo que elas sabem que é antigo. Elas podem não saber quem é o fundador, quantos anos tem o grupo, quem foi o Ibiapina, mas elas sabem, intuem, no mínimo, que é um tesouro cultural que elas estão guardando.

A: Em uma entrevista que eu fiz com uma pessoa daqui da comunidade ela fala que se tinha um medo, por conta desse mistério, criou-se no imaginário um medo, que eles seriam pessoas brutas. Na minha experiência eu vi que não, depois que a gente consegue chegar, são pessoas muito acolhedoras, são pessoas comuns. Não tem esse mistério construído, são pessoas...

G: Tem também as lendas, que circulam eles. Que de certa forma eles próprios acreditam, como por exemplo: ninguém pode olhar pra traz porque pode parecer um membro do grupo já falecido e vai assustar eles. Havia uma tradição que eu só encontrei hoje, em laranjeiras, na verdade eu acho que nem existe mais, mas vários grupos me disseram que antigamente quando eles estavam desfilando na cidade, todas as portas e janelas eram fechadas e se alguém ousasse olhar pela janela era capaz que alguém do grupo desse um osso humano pra

ela. Dava uma vela na verdade, e a vela se transformava em osso. E a pessoa se assustava e claro que quem fez isso era uma alma que tava lá seguindo o grupo que deu pra ela essa punição.

A: Eu claramente seria a pessoa que abriria a janela.

G: Isso se perdeu no tempo. São tradições que vão se perdendo ou se transformando...

A: Resignificando.

G: É. Vários penitentes chefes dão entrevista na TV, no jornal nacional de uma Sexta-Feira Santa de uns sete anos atrás a Nenezinha deu entrevista. Vão se transformando, eu não vejo problema nenhum, com essas mudanças.

A: É até uma questão de manutenção pros grupos. As coisas mudam, pra se manter é preciso se adaptar.

G: Eu mesmo levei meu grupo para secretaria de cultura... Não! Eu pedi pra secretaria ceder o teatro, levei o grupo e gravei os cânticos e dei o CD pra eles. Eu produzi um CD só pra comunidade e coloquei na internet. Tudo com autorização da Jesulene. As pessoas podem ouvir os penitentes de Juazeiro pela minha gravação. Algo que, vai que a Nenezinha morra e não deixe a tradição para ninguém, isso não vai se perder.

A: E eu tenho gravações, mudando um pouquinho o assunto... Eu tenho gravações em vídeos e fotos de grupos que já acabaram e eu acho que sou o único da região a ter isso, porque naquela época não tinha celular com filmadora.

Como eu comecei em 2002 eu lembro de vários grupos que terminaram e que ninguém tinha ido antes e provavelmente, ninguém foi depois. Já que o grupo terminou. Ninguém foi atrás resgata, se tem fotos, mesmo na comunidade deles. Eu devo ter um patrimônio que está aberto para as pessoas pesquisarem.

A: Guy, eu acho que é isso! Tens mais alguma coisa a acrescentar?

G: Foi um prazer conversar contigo!

A: O prazer foi meu!

G: Eu espero ir pra romaria do juazeiro ainda esse ano e vou fazer algo que já sei que vai ser muito prazeroso pra mim. 15% deste meu livro, da tiragem que foi de 1600, 15% eu vou dar pros penitentes! Eu vou pra romaria, mas eu vou viajar pelo interior. Vou pra Cedro...

A: Sinta-se convidado!

G: Muito bom... E tu também de ver a isto! Eu vou entregar pros chefes o livro, pro Tanta! O Tanta, seu Tanta... ele está na tua pesquisa?

A: Sim! Ele está na minha pesquisa!

G: Ele é um que vai receber o livro em mãos! E outros também das redondezas.

A: O grupo dele, inclusive, recebeu um membro novo. Mais jovem. Eu não estava trabalhando com eles porque meu foco de pesquisa era outro, mas quando eu soube... Não tinha como deixar passar despercebido, registrar, até porque, até então os grupos que eu acompanhei foram perdendo membros...

G: Nesse caso ele foi o que ganhou. Muito bom!

A: O primeiro nome que eu ouvi quando cheguei lá foi o teu!

G: Ah, foi? Não sabia disso!

A: A gente começou a conversar e ele falou “tem um fotografo, não me lembro muito bem de onde ele é, um jornalista...”, na hora eu falei: Guy! Ele já ficou surpreso “e tu conhece?”

G: É que eu tenho um voto também, eu faço questão de mandar as fotos de volta pra eles. Aí hoje em dia como é muito mais fácil manda pelo celular, pelo whatsApp, pelo Face, eles devem lembrar de mim também por isso. Além de ter feito entrevistas e ter conversado. E agora vou levar o livro. Vai ser algo que eu estou esperando desde o inicio da pandemia.

A: Guy, posso usar essa entrevista para o meu projeto, TCC e possíveis publicações?

G: Sim! Essa parte eu já sei... essa parte jurídica, eu autorizo. Que tu uses a minha voz, imagem e tudo que falei, desde que dando os créditos...

A: Sem dúvidas!

**ANEXO VII**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, José Clemente da Silva, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo.



Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS:65767749120

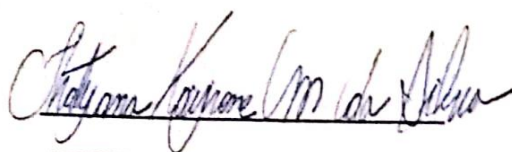
Assinado de forma digital por VIVIANE  
GOMES DE CEBALLOS:65767749120  
Data: 2021.07.21 10:34:37 -03'00'

Viviane Gomes de Ceballos

## ANEXO VIII

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Thatyana Kayrone Marinheiro da silva, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo.



Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

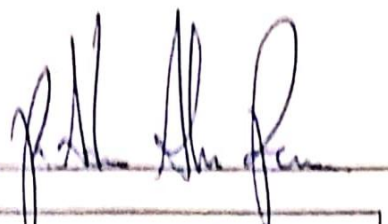
VIVIANE GOMES DE Assinado de forma digital por  
CEBALLOS:65787749 VIVIANE GOMES DE  
120 CEBALLOS:65787749  
Data: 2021.09.27 16:54:20 -03'00'

Viviane Gomes de Ceballos

## ANEXO IX

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Padre Ademar Alves, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo.



Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

Assinado de forma digital por  
VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS 65787749120  
Data: 2021.09.21 16:11:29 -03'00'

Viviane Gomes de Ceballos

**ANEXO X**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, João Inocêncio da Silva, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo

---

*João Inocêncio da Silva*

Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS 65787749120

Assinatura da Carteira Digital por e-Ident  
CEBALLOS DA VIVIANE GOMES DE  
Carteira: 2021/09/21 14:56:01 452107

Viviane Gomes de Ceballos

## ANEXO XI

### TERMO DE CONSENTIMENTO



Eu, Francisco das Chagas Barbosa dos Santos, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo.

---

*Francisco das Chagas Barbosa dos Santos*

Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS:65787749120

Assinado de forma digital por  
VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS:65787749120  
Dados: 2021.09.21 16:57:33 -03'00'

Viviane Gomes de Ceballos

**ANEXO XII**

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, Edivan dos Santos Oliveira, declaro que estou ciente dos objetos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo.

---

*Edivan dos Santos Oliveira*

Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

VIVIANE GOMES DE  
CEBALLOS.65787749120

Assinado de forma digital por VIVIANE  
GOMES DE CEBALLOS.65787749120  
Data: 2021.09.21 14:57:14 -03'02'

Viviane Gomes de Ceballos

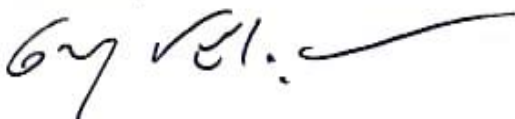
### ANEXO XIII

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

## DECLARAÇÃO

Eu, Guy Benchimol de Veloso, declaro que estou ciente dos objetos da pesquisa "ENTRE O ORGULHO DAS MEMÓRIAS E A DECADÊNCIA DAS PRÁTICAS: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO GRUPO DE PENITENTES DA CIDADE DO CEDRO-CE, coordenado pela professora VIVIANE GOMES DE CEBALLOS e vinculado ao CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UFCG), bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação voluntária neste estudo, como detalhado no TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Belém-PA, 27.09.2021.



VIVIANE GOMES DE Assinado de forma digital por VIVIANE GOMES DE CEBALLOS:65787749120  
CEBALLOS:65787749120 Dados: 2021.09.27 14:54:57 -0300-

Assinatura ou impressão datiloscópica  
do voluntário ou responsável

Viviane Gomes de Ceballos